

A ritmanálise de HENRI LEFEBVRE e as revoltas do cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de
Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.
edição bilingue
português – espanhol

A ritmanálise de HENRI LEFEBVRE e as revoltas do cotidiano

Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de
Estudos da Produção do Espaço (Riepe), org.
edição bilingue
português – espanhol



LUTAS ANTICAPITAL

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Editor: Julio Okumura

Membros do Conselho Editorial:

Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires – Argentina),

Bruna Vasconcellos (UFABC),

Candido Giraldez Vieitez (UNESP),

Claudia Sabia (UNESP),

Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos),

Édi Benini (UFT),

Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP),

Henrique Tahan Novaes (UNESP),

Júlio César Torres (UNESP),

Lais Fraga (UNICAMP),

Maurício Sardá de Faria (UFRPE),

Mauro Iasi (UFRJ),

Neusa Maria Dal Ri (UNESP),

Paulo Alves de Lima Filho (FATEC),

Renato Dagnino (UNICAMP),

Rogério Fernandes Macedo (UFVJM),

Tania Brabo (UNESP)

Design Gráfico: Manuela Sanchez (@contextos_criticos)

Imagem de capa por Robin (@rambii) disponível na Unsplash

R611 A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano = El ritmanálisis de Henri Lefebvre y las revueltas del cotidiano. / Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe) (Org.). Edição bilingue – Marília : Lutas Anticapital, 2025.

114, 120 p.

Edição bilingue (português/espanhol) em impressão reversa.

ISBN: 978-65-5279-031-6

1. Lefebvre, Henri, 1901-1991. 2. Educação ambiental. 3. Sociologia. 4. Filosofia marxista. 5. Civilização moderna. I. Grupo Ritmanálise da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe). II. Título.

CDD 301.36

Ficha elaborada por André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211 FFC – UNESP – Marília

@editora_lutas_anticapital

(14) 99754-1818

editora@lutasanticapital.com.br

Grupo Ritmanálise da
Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (RIEPE)

Ana Fani Alessandri Carlos

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
(FFCL-USP), São Paulo, SP, Brasil

Carlos Roberto da Silva Machado

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Luiz Menna-Barreto

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (EACH-USP), São Paulo,
SP, Brasil

Michel Moreaux

Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil
Grupo de pesquisa do Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq):
“Produção do espaço urbano: práticas espaciais, cotidiano e ritmanálise”

Nelson Marques

Faculdade de Medicina da USP (FM-USP), São Paulo, SP, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

Raizza da Costa Lopes

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

Samuel Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil

William Héctor Gómez Soto

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1 POR MAURICIO CERONI ACOSTA	9
APRESENTAÇÃO 2 POR MARCOS BERNARDINO	11
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I: A dimensão temporal como reveladora de jogos de poder nas relações humanas, na família, na escola, na fábrica e no escritório, tal como propõe Lefebvre na obra <i>Elementos de Ritmanálise</i>.	21
LUIZ MENNA-BARRETO	
CAPÍTULO II: Cinema e temporalidade (tempo no cinema ou tempo do cinema): uma perspectiva lefebvriana	27
NELSON MARQUES	
CAPÍTULO III: Ritmanálise e a crítica da aceleração: pensar os ritmos com a Educação Ambiental	35
RAIZZA DA COSTA LOPES E SAMUEL LOPES PINHEIRO	
CAPÍTULO IV: No tempo e espaço das catástrofes: reflexão aos fundamentos da Educação Ambiental e os ritmos.	49
CARLOS R. S. MACHADO	
CAPÍTULO V: Ritmanálise de Lefebvre e noção de afeto: caminhos de apropriação a partir da Geografia anglo-saxônica....	67
MICHEL MOREAUX	
CAPÍTULO VI: Sob o signo da ritmanálise de Henri Lefebvre....	83
ANA FANI ALESSANDRI CARLOS	
CAPÍTULO VII: A Análise dos Ritmos na Vida Cotidiana: uma Perspectiva Lefebvriana.....	99
WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO	
AUTORES	111

APRESENTAÇÃO 1

MAURICIO CERONI ACOSTA
COMITÉ COORDINACIÓN DE LA RIEPE

A Rede Internacional de Estudos sobre a Produção do Espaço (Riepe) reúne pesquisadores que trabalham criticamente na compreensão e análise da realidade contemporânea com base no conceito de “produção do espaço” desenvolvido pelo filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991). A rede busca tornar visíveis, trocar e colocar em diálogo os resultados da pesquisa de seus membros em relação a processos socioespaciais concretos.

O trabalho de Lefebvre é um ponto de partida para nossa prática científica social, e é por isso que criticamos o ecletismo conceitual, as posições dogmáticas e deterministas, especialmente com as perspectivas idealistas e liberais, que levaram a interpretações distorcidas e pacificadas de *O direito à cidade*, *A revolução urbana*, *A produção do espaço* e muitas outras obras e categorias importantes.

É nesse contexto que nos parabenizamos com a elaboração do livro *A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano*, resultado do seminário do grupo de trabalho “Ritmanálise”, que faz parte da rede desde o início do ano de 2024. Acreditamos que esta obra contribuirá para aprofundar o debate sobre um tema menos conhecido na obra de Lefebvre, mas que, no entanto, vem completar a galáxia de conceitos criados pelo autor – no caso, a ritmanálise, oriunda do pensamento dialético que veio completar a produção do espaço, abrindo novas perspectivas críticas sobre a reprodução da vida espacial na sociedade capitalista do século XXI.



APRESENTAÇÃO 2

MARCOS BERNARDINO
EACH-USP

Em 2019, algumas das pessoas que participam desta obra, incluindo a que faz esta apresentação, por iniciativa do colega e amigo Menna, uniram-se em torno de um projeto cuja proposta, a partir dos interesses e formações daqueles que nesse projeto se aglutinaram, era conjugar uma investigação sobre povos originários em suas relações com seus corpos, individuais e coletivos, biológicos, culturais e territoriais, observados à luz de uma tríade que pretendia conjugar três dimensões da nossa existência por definição inseparáveis e interdependentes: espaço-tempo-cotidianidades.

O projeto assim se denominava: “Povos originários: espaço-tempo e cotidianidades”. E o acrônimo que o identificava – POETeCo –, mais que uma sigla que utilizávamos para marcar nossas reuniões e encontros nas agendas e cronogramas que organizam nosso tempo, contribuiu também para indicar predisposições nas abordagens que pretendíamos desenvolver. Não deixava de ser instigante e sugestivo observar, nesses instrumentos de organização do tempo de nossos cotidianos, espaços reservados para o POETeCo. E isso podia acontecer em qualquer momento ou período, de segunda a sexta-feira, ou até aos sábados e domingos, com menor frequência, quando houvesse coincidência de possibilidades de quem naquele momento se agrupava.

Não me lembro bem a razão ou quem propôs, mas acho que foi o próprio Menna quem sugeriu, que nos percursos iniciais de aprimoramento, depuração e apropriação das referências teóricas que deveriam sustentar e conduzir o projeto nos dedicássemos à leitura e ao debate da última obra de Henri Lefebvre publicada postumamente, em 1992, e intitulada *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*¹. E foi o que fizemos nas reuniões que se sucederam ainda nos finais de 2019 e que prosseguiram, com novas adesões, nos anos seguintes, incluindo os tempos mais severos da pandemia, que nos atravessou entre 2020 e 2021.

1 LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse?: Introduction à la connaissance des rythmes*. Paris: Éditions Syllepse, 1992. Essa obra foi traduzida para o inglês, em 2004, e mais recentemente para o português, publicado pela Ed Consequência, em 2021.

A proposta de leitura desse texto de Lefebvre foi certa. Nele, os ingredientes sugeridos no projeto original encontravam acolhida abrangente e a discussão se potencializava. As associações entre povos originários, diversidades, singularidades, biologia, cultura, espaço, tempo, entre outras dimensões, incluindo as do corpo, individual ou coletivo, em suas travessias e (des)realizações cotidianas, não requisitam muito esforço para serem “feitas”. Muitas delas se sucediam nas abordagens do texto de Lefebvre, mesmo que expostas caoticamente, não linearmente, e não só em seu texto, mas também nos ensaios finais, agregados e escritos em parceria com sua companheira de vida Catherine Regulier (*O projeto ritmanalítico e Intento de ritmoanálise de cidades mediterrâneas*). Em todos eles, a constatação de um certo esgotamento de nossos instrumentos cognitivos, muito disciplinados, para alcançar a compreensão das associações há pouco mencionadas, é uma tônica. A necessidade de predisposições transdisciplinares é afirmada, portanto, para aquilo que Lefebvre anuncia desde o início como pretensão que não se esconde: “A ambição deste pequeno livro não se dissimula. Não se propõe nada menos que fundar uma ciência, um novo domínio do saber: a análise dos ritmos, com consequências práticas” (Lefebvre, 2021. p. 53)². E a ambição se desoculta ainda mais, explicitando que estamos diante de uma proposta de teoria do conhecimento – “A ritmanálise, aqui definida como método e teoria [...]” (Lefebvre, 2021. p. 69) –, que não pode prescindir da religação dos saberes disciplinados, apartados, “[...] juntando práticas muito diversas e saberes muitos diferentes: medicina, história, climatologia, cosmologia, poesia (*poética*) etc. Sem omitir, é claro, a sociologia e a psicologia [...]” (Lefebvre, 2021. p. 69.).

“Como o poeta”, – afirma Lefebvre, lá pelas tantas –, “o ritmanalista realiza um ato verbal, que tem alcance *estético*” (Lefebvre, 2021. p. 78. Grifo nosso), estabelecendo e justificando em seu texto essa comparação.

Tais predisposições (transdisciplinares) e aproximações (com o poético) são reafirmadas no texto em parceria com Regulier. Os autores, sugerem que ritmanálise pode ser uma teoria geral dos ritmos (Lefebvre e Regulier, p. 163) e afirmam também que “a análise dos ritmos em toda sua magnitude ‘desde partículas a galáxias’ tem um caráter transdisciplinar” e isso se dá com a afirmação do “objetivo, entre outros, de separar o menos possível o científico do poético” (p. 55).

2 Texto reproduzido da edição brasileira (LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades*. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021).

O fato é que, como por essa amostra já se pode depreender, esses textos, suas formulações, bem como as discussões e os debates que desenvolvemos em torno das ideias de Lefebvre, nos absorveram totalmente. O prazer do debate sobre o livro e suas provocações se estenderam, e fomos derivando para outros interesses que tornaram o projeto original apenas uma lembrança de como tudo começou. Mas o tema geral que enlaçava povos originários, diversidade, espaço, tempo, cotidiano e até a poesia daquele acrônimo POETeCo permaneceu povoando e conduzindo as nossas discussões por algum tempo.

Interessante ver agora que a discussão não se encerrou, que o texto e o pensamento de Lefebvre continuaram aglutinando reflexões, motivando seminários e dando disposição para reunir algumas delas em trabalhos coletivos como este livro, cujos capítulos se sintonizam com um conjunto de predisposições que buscarei ilustrar brevemente a seguir. Em todos os capítulos, há uma tônica de associação entre ritmos, temporalidades, diversidades, bem como a percepção e a capacidade do ritmanalista de observar essas diversidades e as forças aplastadoras que sufocam corpos e seus ritmos, reduzindo-os à repetição homogeneizadora. O ritmanalista identifica nos ritmos a diversidade de manifestações e existências que “evidenciam a dialética entre o cíclico e o linear, o repetitivo e o diverso”, atribuindo ao corpo o papel de “recuperar o sensível no vivido”. A consideração dos ritmos permite observar as variações não só entre coletivos, mas também nas próprias existências individuais, proporcionando “a compreensão da possibilidade de mudança presente nas oscilações dos organismos – é justamente nos altos e baixos de uma função que reside a possibilidade de mudança daquela função”.

A imposição das reconexões disciplinares e as predisposições transdisciplinares, como também veremos, estarão presentes nas abordagens que se seguem e que reconhecem, na ritmanálise, um horizonte epistemológico sintonizado com as exigências da contemporaneidade, mas que persiste nas proposições lefebvrianas de engajamento e mudança social, que desde sempre se manifestaram. Dessa forma, Lefebvre já registrava essas convicções em seu texto autobiográfico *Les temps des méprises*

[...] el capitalismo tiende a reducir las diferencias, a homogeneizar todas las sociedades, a reducirlas a un modelo único. Lo repetitivo impera, el mundo se convierte en el mejor de los casos en un vasto museo, el pensamiento en un inventario, una manía clasificatoria. Mientras tanto en el corazón de estas sociedades aparecen fuerzas

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

que reivindicam, que se preocupan de las diferencias, las regiones, las culturas regionales, las nacionalidades, las clases y las fracciones de clase (Lefebvre, 1976, p. 213.)

Nessa obra dos anos 1970, já se identificava a noção do ritmo, que a obra mais recente elabora; também a do analista, ou melhor, a do ritmanalista, que a preocupação com a cotidianidade evidencia, já se prefigurava: “Solo llegaríamos a transformar la vida cotidiana mediante una previa penetración en ella a través del análisis [(Lefebvre, 1976)]”

Nas inspirações colhidas na obra póstuma, essa sementeira refloresce no reconhecimento de uma das autoras aqui reunidas: não haverá transformação rumo à justiça social sem que a radicalização da liberdade no trabalho, e sem que haja o reconhecimento radical da diversidade. E, no espírito da escuta poética que ritmanálise e o ritmanalista devem professar, propõem-se as características de uma agenda alternativa e capaz de se contrapor à neoliberal: “menos selvageria, menos opressão, menos certezas – mais liberdade, mais respeito, mais escuta, mais afeto, mais reconhecimento”. Em um outro dos capítulos a seguir, explicitamente se denuncia “uma certa negligência na história das ciências sociais em relação a essa dimensão do afeto”.

Mas, se os “ritmos revelam relações de poder”, explicitam também os fundamentos para erigir propostas educacionais, cognitivas e epistemológicas, na arte (“o cinema é uma máquina de criar tempo”) na ciência, ou no diálogo e na cooperação imprescindíveis entre essas culturas, sobretudo quando proporcionam e desafiam o analista – o ritmanalista – em suas aventuras perscrutantes ou devotadas à escuta, à percepção dos ritmos, ou seja, da diversidade de existências, imposições e resistências.

Se “o ritmo é compreendido como um ponto de articulação na relação indivíduo-sociedade-natureza perante a irrupção das tecnologias e das inteligências artificiais”, a Educação Ambiental pode intervir, “ao abordar este campo do conhecimento como uma possibilidade de engajamento crítico e transdisciplinar da/na conjugação de esforços para a elaboração da consciência e do autoconhecimento”.

A contemporaneidade da abordagem não se dá apenas pelo vínculo com a reflexão sobre tecnologia (e as patologias do ritmo... endividamento, plataformização, appficação e digitalização da vida”), mas se reafirma, como dissemos, pelo que investe e proporciona de aprimoramento no instrumental

cognitivo/metodológico necessário ao enfrentamento “de um tempo de catástrofes” nas “contribuições da teoria dos ritmos para pensarmos a dialética relacional entre o serXcorpoXsociedadeXnatureza/cosmos para a questão ambiental atual”.

Em *Elementos de ritmanálise*, o “ritmo aparece como simultaneidade-encadeamento; unidade-diversidade” e “a ritmanálise como método...que evidencia a vida cotidiana e seu ritmo, atravessados pela “relação espaço-tempo, o que nos indica a recursividade dialética entre este plano e o plano global anunciado pelo fenômeno urbano”.

Não custa lembrar (e registro que a esta memória também fui remetido pelo debate proporcionado no contato com *Elementos de ritmanálise*), que Lefebvre enuncia, em seu livro *O direito à cidade*, uma definição, ao mesmo tempo simples e de largas e importantes consequências, para a compreensão do espaço-temporalidade contemporâneo: “[...] se pode definir como *sociedade urbana* a realidade social que nasce à nossa volta [...]” (Lefebvre, 2001, p. 11).

Para a compreensão dessa realidade, do urbano, ou seja, da sociedade contemporânea, espaço-temporalmente referenciada, os instrumentos cognitivos disciplinados revelaram-se insuficientes, já indicava Lefebvre nessa mesma obra. Nem mesmo a “tática interdisciplinar”, em sua justaposição dos fragmentos das abordagens, conseguiria dar conta dessa globalidade, pois “não se apreende esse global, a não ser através de um empreendimento que transcende as decupagens” (p. 44).

Necessitamos “de uma transformação das *démarches* e dos instrumentos intelectuais”, insistia, sugerindo, inclusive, “a transdução”, ao invés das usuais e clássicas abordagens da “indução e da dedução”, pois com ela, afirmava, se “introduz o rigor na invenção e conhecimento na utopia”. (p. 110)

Utopia, aliás, sugerida por Lefebvre como “*utopia experimental*”, seria outra dessas “abordagens mentais” a guiar os novos instrumentos cognitivos, os novos referenciais para pensar os lugares que almejamos ou já vivenciamos (experimentamos ou observamos) como alternativa aos padrões dessa “realidade social que cresce à nossa volta”, sugerindo-nos as indagações: “Quais tempos, quais ritmos de vida cotidiana se inscrevem, se escrevem, se prescrevem nesses espaços ‘bem-sucedidos’, isto é, nesses espaços favoráveis à felicidade? É isso que interessa.” (p. 110)

Se é isso que também lhe interessa, prezada leitora, prezado leitor, boa leitura, então!



INTRODUÇÃO

O interesse das autoras e dos autores desta obra pelos ritmos e/ou pela produção teórica e política de Henri Lefebvre remonta a tempos distintos para cada uma e cada um, refletindo trajetórias singulares. Ao mesmo tempo, a diversidade das reflexões — oriundas de diferentes campos do conhecimento, de percursos próprios de cada autora e de cada autor e dos variados contextos em que vivem e atuam como cidadãs/cidadãos, acadêmicas/acadêmicos — é expressão concreta da possibilidade de construção de uma unidade em torno de um objetivo comum: a utopia da unidade na diversidade e nas diferenças, em oposição às injustiças, à exploração e à discriminação que se aprofundam em escala global.

As reflexões que deram origem ao livro *A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano* começaram num almoço na cantina da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP). Estávamos nós, Luiz Menna-Barreto e Carlos R. S. Machado, ambos interessados na obra do Henri Lefebvre. Carlos vem das Humanidades e Menna, das Ciências Biológicas, ambos com interesse comum em leituras sobre o tempo a partir de uma abordagem dialética. Nesse almoço, propusemos um ciclo de leitura da obra póstuma de Lefebvre, *Elementos de ritmanálise*, que motivava um e outro. Convidamos possíveis interessados na criação de um ciclo de seminários sobre essa obra e isso acabou acontecendo ao longo de 2023. No ano de 2024, ampliou-se ainda mais, culminando neste livro. Portanto, uma das utopias daquele almoço está sendo efetivada nesta publicação.

Durante esse tempo, mantivemos contato com a Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe), que reúne pensadores franceses, mexicanos, chilenos, uruguaios e brasileiros em torno de estudos sobre a obra de Lefebvre, notadamente acerca da Produção do Espaço, como o próprio nome da rede anuncia. Ampliamos nossa inserção nesse grupo, no qual Luiz Menna-Barreto e Ana Fani Carlos desempenham papel fundamental de articulação e representação do Brasil na Rede.

Reunimo-nos no grupo chamado Ritmanálise, por meio do qual, ainda em 2023, realizamos um ciclo de seminários que formou parte de nossos estudos e reflexões acerca do livro *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades*, de Henri Lefebvre. Em 2024, essas reflexões, ampliadas e revisadas, geraram os capítulos que, por sua vez, trazem concretude ao livro que estamos publicando.

A teoria dos ritmos e suas implicações na ritmanálise têm sua origem associada ao filósofo português Lúcio Pinheiro dos Santos, que, com Leonardo Coimbra, nas primeiras décadas do século XX, desenvolveu reflexões fundamentais sobre o tema. Nos anos 1930, a ritmanálise apareceu nas reflexões de Gaston Bachelard, mais especificamente em seu livro intitulado *La dialectique de la durée*, mais precisamente em seu oitavo e último capítulo, intitulado “La rythmanalyse”.

Nessa perspectiva, importa salientar que a ritmanálise também foi mencionada em publicações de Henri Lefebvre desde os anos 1960 e 1970, no segundo tomo da obra *La critique de la vie quotidienne*, na obra *La Production del espace*, respectivamente. Em 1980, esse termo foi recuperado pelo autor nas obras *Le projet rythmanalytique*, elaborado com sua esposa Catherine Régulier, e *Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes*. Em 1992, foi realizada a publicação póstuma *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Recentemente, em 2019, foi publicado o livro *Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités*, o qual teve sua tradução para o português lançada em 2021, sob a autoria de Flavia Martins e Michel Mouraux, dos quais o segundo produziu uma reflexão neste nosso livro.

Dessa forma, como é possível observar, o livro que agora produzimos é fruto de um longo acúmulo teórico e prático de reflexões que remontam às primeiras formulações de Lúcio Pinheiro dos Santos — a quem reconhecemos a autoria do termo ritmanálise — e às contribuições de Gaston Bachelard sobre os ritmos. No entanto, é fundamental destacar que nossas reflexões se ancoram na perspectiva lefebvriana, que nos inspira de maneira direta e profunda. A seguir, apresentamos brevemente cada capítulo desta obra, resultado dessa trajetória coletiva de leituras, debates e experiências.

O capítulo intitulado “A dimensão temporal como reveladora de jogos de poder nas relações humanas, na família, na escola, na fábrica e no escritório, tal como propõe Henri Lefebvre na obra *Elementos de ritmanálise*” é abordado por Luiz Menna-Barreto, com o intuito de realizar uma articulação entre a contribuição de Henri Lefebvre e uma área do conhecimento relativamente recente, a Cronobiologia. Essa articulação é apoiada nas noções sobre ciclos da natureza, conforme propostos por Lefebvre, e o conhecimento atual sobre ritmos biológicos.

O capítulo intitulado “Cinema e temporalidade (tempo no cinema ou tempo do cinema): uma perspectiva lefebvriana”, de autoria de Nelson

Marques, discute a complexidade da ação e dos três tempos existentes nesse processo: O tempo da e na ação do filme, ou seja, do desenvolvimento da trama dentro do filme; o tempo experimentado pela pessoa expectadora; e o tempo da projeção (duração) do filme. Marques destaca, baseado nessas três divisões, que o tempo cinematográfico rompe os vínculos com a noção de continuidade temporal, assim como da existência da multiplicidade de temporalidades.

O capítulo intitulado “Ritmanálise e a crítica da aceleração: pensar os ritmos com a educação ambiental”, de Raizza da Costa Lopes e Samuel Lopes Pinheiro, destaca que a aceleração tecnológica e a crescente fragmentação dos ritmos naturais e sociais no contexto do capitalismo neoliberal têm gerado impactos significativos na vida individual e coletiva, bem como no meio ambiente. Os autores refletem sobre as possibilidades de se compreender as relações entre temporalidades sociais, alienação e educação ambiental para promover estratégias de reapropriação dos ritmos da vida e da natureza. Para os autores, a lógica neoliberal impõe rupturas rítmicas que afetam tanto o equilíbrio ecológico quanto a subjetividade humana. Para tanto, propõem que a educação ambiental, ao incorporar a ritmanálise, pode se constituir como um espaço de resistência e ressonância, permitindo uma pedagogia que valorize a complexidade das temporalidades e favoreça a construção de práticas educativas alinhadas à justiça socioambiental.

O capítulo intitulado “No tempo e espaço das catástrofes: reflexão aos fundamentos da educação ambiental e os ritmos”, de Carlos R. S. Machado, destaca a necessidade de incluir as catástrofes climáticas, ambientais e outras nas reflexões sobre a educação ambiental – e, portanto, no conteúdo que ela promove – como um processo de arritmia que influencia as relações rítmicas e temporais entre seres, sociedade e natureza. O chamado Antropoceno é a expressão de um modo de produzir, consumir e destruir que emergiu com o capitalismo. Sua superação deverá considerar os ritmos do indivíduo, no vivido e no concebido, bem como a relação desses ritmos individuais com os ritmos da sociedade e da natureza. A reflexão faz parte de uma pesquisa sobre esses temas e suas contribuições aos fundamentos da educação ambiental.

O capítulo intitulado “Ritmanálise de Lefebvre e a noção de afeto: caminhos de apropriação a partir da Geografia anglo-saxônica”, de autoria de Michel Moreaux, visa contribuir para a articulação possível entre a ritmanálise de Lefebvre (1992, 2021) e a noção de afeto, enfatizada por geógrafos anglo-

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

saxônicos vinculados às chamadas teorias não-representacionais, tão bem apresentadas por Paiva (2017). Para isso, destaca também os estudos de Revol (2012, 2015) e propõe alguns caminhos de apropriação da ritmanálise de Lefebvre que vêm sendo explorados na Geografia anglo-saxônica. O argumento central é que a ritmanálise, junto às teorias não-representacionais, pode abrir possibilidades de pesquisa que incorporem a noção de afeto.

No capítulo intitulado “Sob o signo da ritmanálise de Henri Lefebvre”, Ana Fani Carlos desenvolve uma reflexão a partir da hipótese de que, no livro *Éléments de Rythmanalyse* – foco do debate do grupo de pesquisa do Riepe, Lefebvre constrói uma teoria do ritmo em sentido invertido ao que vinha sendo por ele traçado em várias outras obras. Em vez de partir da teoria para analisar a realidade prática (do conceito para a experiência), o caminho do método constitutivo do ato de pensar agora vai do movimento da práxis àquele da construção teórica, impondo a centralidade do plano do sensível e do vivido por meio da primazia do corpo.

O capítulo “A análise dos ritmos na vida cotidiana: uma perspectiva Lefebvriana”, de autoria de William Héctor Gómez Soto, reflete sobre a observação da cidade e seus ritmos cotidianos, assim como dos ritmos e temporalidades da vida cotidiana, destacando a diversidade de ritmos que coexistem no urbano. Temas que “foram ignorados” e que “enfrentam desafios metodológicos”, como evitar generalizações de observações particulares que geram distorções por questões ideológicas. Segundo o autor, “[...] ressalta-se a importância de considerar as contradições e relações de poder que organizam os ritmos, e de que a vida cotidiana, com seus ritmos cíclicos e lineares, é um terreno fértil para compreender o social, embora sua complexidade frequentemente seja negligenciada”.

Acreditamos que nossa publicação possibilitará uma diversidade de leituras desde ângulos e perspectivas diferentes desta obra, e disso ampliará a leitura da obra de Lefebvre em apoio a estudos acadêmicos, na análise da realidade, considerando os ritmos (do ser, da sociedade e da natureza) em suas articulações e contradições no interpretar, no viver, no agir dialético de nossos tempos.

Cada capítulo foi elaborado por um ou mais membros do grupo, com base nas discussões desenvolvidas ao longo dos seminários. O grupo segue ativo em 2025, e novas adesões são muito bem-vindas.

Nós, Carlos e Menna-Barreto, desejamos uma boa leitura.

CAPÍTULO I:
A DIMENSÃO TEMPORAL COMO REVELADORA DE JOGOS DE
PODER NAS RELAÇÕES HUMANAS, NA FAMÍLIA, NA ESCOLA,
NA FÁBRICA E NO ESCRITÓRIO, TAL COMO PROPÕE
LEFEBVRE NA OBRA *ELEMENTOS DE RITMANÁLISE*.

LUIZ MENNA-BARRETO

À guisa de uma apresentação para ajudar no entendimento deste capítulo, minha formação e atuação acadêmica foi originalmente nas neurociências, buscando manipulações do sistema nervoso (sempre em modelos animais) eventualmente relevantes para o entendimento dos papéis desse sistema na construção e mudança dos comportamentos. Esse interesse acabou me motivando a penetrar em uma área do conhecimento que vinha sendo explorada a partir de meados do século passado, a Cronobiologia. Nessa área, vem sendo estudados os ritmos biológicos, e nisso venho trabalhando desde os anos 1970, no que pode ser resumido como tentativa de identificar e compreender a organização temporal da matéria viva. Na obra póstuma de Henri Lefebvre *Elementos de ritmanálise e outros ensaios sobre temporalidades* (1992), somos convidados a refletir sobre a dimensão temporal de vários aspectos da realidade, da vida e da cultura humanas. Neste capítulo, pretendo compartilhar uma leitura dessa dimensão temporal nos organismos, propondo métodos de identificação e interpretação de alguns fenômenos à luz da Cronobiologia (Menna-Barreto e Marques, 2003). A palavra Cronobiologia foi cunhada na década de 1950 para identificar área nascente de estudos sobre a dimensão temporal da matéria viva. A opção por uma leitura que inclui as humanidades busca a abordagem interdisciplinar na qual cultura e biologia não ocupam segmentos independentes do conhecimento, o que vai aparecer nos aspectos culturais que exporei ao longo do capítulo. Lefebvre argumenta que a generalidade dos fenômenos cíclicos nas manifestações da vida é condição fundamental para o surgimento e evolução dos organismos num planeta oscilante, cuja temporalidade se expressa através de ciclos e que, de alguma forma, vêm sendo identificados nas mais variadas funções orgânicas. Esses ciclos, ou ritmos biológicos, estão presentes e aparecem em diferentes culturas e épocas. A própria evolução oferece ricos exemplos da presença e relevância dessa temporalidade – espécies surgem e são extintas,

funcionalidades aparecem e se modificam, enfim, uma análise dos seres vivos que incorpore as temporalidades se impõe, em parte como contraponto, em parte como complemento da visão espacial dominante na biologia. Ao defender a importância de levar em consideração a dimensão temporal dos fenômenos, afirmo que desconsiderar a temporalidade acaba ocultando aspectos fundamentais desses fenômenos estudados.

Assumir as temporalidades nos estudos biológicos é assumir que, mais do que analisar a forma dos seres vivos e seus mecanismos atualmente conhecidos, é fundamental incluir a observação da dinâmica para entender como a vida se apresenta hoje, ou seja, organismos têm **histórias**. Assim, o que observamos em um organismo é o resultado de um processo de mudanças ao longo do tempo. A própria existência de um organismo só faz sentido se a entendermos como uma fase da vida da espécie. O plural, **histórias**, parece-me conveniente para ressaltar que há pelo menos dois caminhos a trilhar nas interpretações do significado das temporalidades. De um lado, há **histórias filogenéticas**, que nos convidam a pensar no como e no quando surgiram as espécies, bem como imaginar possibilidades de seus futuros. Por exemplo: “Como e quando surgiu a preferência pela diurnalidade da atividade em algumas espécies de mamíferos até então predominantemente noturnos?”. A diurnalidade constituiu-se como contraste com a noturnalidade dominante entre os mamíferos e acabou alargando as opções de adaptação ao ambiente, agora vivido sob iluminação solar. Sob um prisma mais restrito, é razoável supor a presença de **histórias ontogenéticas** como cenário no qual os indivíduos acabam construindo as próprias temporalidades, como é o caso das preferências matutino-vespertinas nos humanos, conhecidas como “cronotipos”. Essas preferências são facilmente observáveis nos nossos entornos e certamente contribuem para a diversidade dos comportamentos humanos. Cabe aqui uma reflexão sobre como essa diversidade vem sendo tratada na literatura científica do campo da Cronobiologia – ali, na imensa maioria dos artigos, é proposta uma associação das preferências vespertinas com diversas patologias, notadamente privação de sono e seus efeitos negativos sobre o humor, a memória e a aprendizagem. Não se trata aqui de ignorar esses efeitos, mas sim de tentar compreender o fenômeno de modo mais amplo. Por exemplo, poetas que trabalham na madrugada seriam considerados doentes, anormais? Adolescentes que passam a noite nas telas certamente não nasceram assim, foram construindo seus nichos de atividade noturna. A suposição que

embasa essa leitura é a da existência de uma suposta normalidade confundida com valores médios. Uma contribuição importante me parece ser no campo das implicações do entendimento e da aceitação dessas dinâmicas – a vida **está** assim e não **é** assim, justamente em função dessas dinâmicas. Parte das resistências à aceitação dessas dinâmicas pode ser colocada na conta de influências das ideias criacionistas. Na mentalidade criacionista, os seres vivos foram criados por alguma divindade e seus funcionamentos ocorrem de modo invariável. Estamos neste caso diante de uma ocultação dos processos evolutivos. Em publicação recente, Kevin Birth(2017) nos convida a refletir sobre essa ocultação das temporalidades, demonstrando como isso leva a equívocos nas interpretações.

Em minha leitura do livro *Elementos de ritmanálise*, de Lefebvre, essa dinâmica faz parte da essência da vida. Ele nos provoca propondo que mesmo a matéria inanimada apresenta ciclos (ou ritmos), pois uma pedra de hoje já foi diferente desde sua origem no planeta (e por que não do universo?). O que diferenciaria um organismo de uma pedra seria a diferença temporal: há ciclos mais longos na pedra e ciclos mais curtos nos organismos. No caso da vida na Terra, as oscilações do planeta constituíram um cenário temporal que acabou dando significância adaptativa aos ritmos biológicos.

Uma das consequências mais ricas da incorporação dos ritmos ou ciclos é a compreensão da possibilidade de mudanças presente nas oscilações dos organismos – é justamente nos altos e baixos de uma função que reside a possibilidade de mudança daquela função. Um exemplo do que pode ajudar na compreensão dos fenômenos nos organismos é observado no que se sabe sobre a atividade elétrica de neurônios. Neurônios oscilam continuamente, e isso se dá através de oscilações na distribuição de cargas elétricas dessas células, conhecidas como potenciais de repouso e de ação. No potencial de repouso, o interior dos neurônios é mais negativo; no potencial de ação, as cargas se invertem rapidamente retornando em seguida ao estado de repouso. E isso acontece com uma determinada frequência. Ora, essa frequência acaba se expressando na frequência de impulsos que os neurônios transmitem aos outros neurônios, e assim por diante. Essas frequências representam um código para os outros neurônios, induzindo aumento ou diminuição nas oscilações desses neurônios. Resumindo, a funcionalidade do sistema nervoso, tal como é entendida hoje, reside justamente nos padrões temporais detectáveis nesse sistema. Essa identificação pode ocorrer a partir de registros

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

de campos elétricos de áreas da superfície do cérebro, como é o caso de um eletroencefalograma, mas também vem sendo observada quando se registram oscilações de campos elétricos em neurônios individuais. Essas informações podem ser encontradas em obras hoje disponíveis sobre o sistema nervoso, como em Lent (2005).

Para um aprofundamento na compreensão dos fenômenos elétricos no sistema nervoso, especialmente no papel que as oscilações desempenham sobre os comportamentos, recomendo a leitura de uma obra do fisiologista russo Piotr Anokhin(1974), na qual o autor busca um entendimento da dinâmica das oscilações na gênese do condicionamento reflexo e seu papel na adaptação dos seres vivos a um ambiente oscilante.

Aqui me parece importante enfatizar o confronto das ideias presentes na abordagem ritmanalítica-lefebvriana com os princípios do criacionismo, que são resistentes a aceitar tanto as mudanças nos organismos como a diversidade presente neles. Entendo que, além das características dos nossos ancestrais, herdamos também a capacidade de as modificar. Assim, surgiram espécies diurnas e noturnas, por exemplo, embora quase todas dependam direta ou indiretamente da presença do ciclo claro/escuro do ambiente. Nós, humanos, junto a outros mamíferos, hoje nascemos diurnos, mais adaptados para interagir com o ambiente iluminado (a relevância da visão para a nossa espécie evidencia isso), mas também desenvolvemos e aperfeiçoamos a iluminação noturna, e assim moldamos nossas preferências, decorrendo na diversidade entre pessoas matutinas e pessoas vespertinas. Aliás, essa diversidade merece atenção, pois talvez ilustre a falta de sentido em buscar uma suposta “normalidade”. A busca por normalidades concebidas com base em valores médios em populações acarreta a ocultação das diversidades, senão teríamos todos os brasileiros uma altura de 1,70m. Interagimos com inúmeros ciclos ambientais e hoje identificamos relações temporais entre esses ciclos com os ritmos que expressamos nos nossos corpos e atividades. Os ritmos do corpo mais estudados são os circadianos (do latim, *circae diem*), cujos períodos oscilam a cada 24 horas e que tendem a coincidir com o ciclo do dia e da noite. Ritmos mais rápidos, como o dos batimentos cardíacos, são denominados ultradianos, e os mais lentos são chamados infradianos, que é o caso de variações sazonais, bem evidentes em aves e outros mamíferos, bem como no ciclo menstrual feminino. O que medimos como ritmos dos corpos não pode ser considerado resultante de efeito passivo da ação dos ciclos

ambientais sobre os corpos, mas oscilações que resultam sempre de nossas interações com o ambiente. Sabemos hoje, pelo menos no caso dos ritmos circadianos, que os fenômenos capazes de ajustar nossos ritmos dependem todos de interações dos organismos com ciclos ambientais, a saber, no caso humano, os ciclos de atividade/repouso, alimentação/jejum e interação/isolamento social. Essa capacidade de ajuste convida a uma leitura dinâmica de suas expressões. Uma contribuição rica é aquela de Robert Levine (1977) que descreve sua experiência ao começar a dar aulas na Universidade Federal Fluminense, onde os alunos mostravam temporalidades inéditas para ele – nunca chegavam na hora da aula, mas ficavam bem depois do horário de término da aula, debatendo animadamente o que havia sido oferecido pelo professor. Esse manejo do tempo surpreendeu Levine pelo contraste com o que considerava comportamento “normal” de estudantes. Nesse contexto, fica evidente a contribuição fundamental de Henri Lefebvre, que abre espaço para concepções interdisciplinares dos fenômenos observados nos corpos. Nesse caso dos horários dos estudantes observado por Levine, ressaltam-se as diferenças entre culturas. Uma implicação sociológica presente na obra de Lefebvre: os ritmos nas interações entre organismos revelam relações de poder. Isso pode ser medido, lido e interpretado em vários planos. No caso humano, por exemplo, desde as nossas relações temporais na vida doméstica até a vida laboral, passando pelos ambientes da escola, da fábrica e do escritório. Em todos eles, há jogos de poder presentes, alguns bem evidentes e outros ocultos por uma suposta normalidade (Birth, 2017). A suposta normalidade muitas vezes não passa de afirmação de poder. Sobre esses jogos de poder, tão presentes no cotidiano humano, sou levado a refletir sobre minhas relações com estudantes – quais jogos ocorriam nas minhas aulas e como eu e os alunos administrávamos esses jogos. Nesse campo da pedagogia, um dos capítulos mais provocativos do livro *Elementos de ritmanálise* é o quarto, “Adestramento”, no qual o autor argumenta que o processo de aprendizagem é sempre acompanhado de duas possibilidades: a submissão ou a rebeldia. Assim, entre submissões e rebeldias, vamos construindo nossas temporalidades individuais (e, por que não, coletivas).

Concluo convidando o leitor a um mergulho no universo temporalizado sugerido por Henri Lefebvre.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANOKHIN, Piotr. *Biological roots of the conditioned reflex and its role in adaptive behavior*. Oxford: Pergamon Press, 1974.
- BIRTH, Kevin. *Time blind: problems in perceiving other temporalities*. New York: PalgraveMacMillan, 2017.
- LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades*. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.
- LENT, Robert. *Cem bilhões de neurônios*. São Paulo: Atheneu, 2005.
- LEVINE, Robert. *Geography of time*. New York: Basic Books, 1977.
- MENNA-BARRETO, Luiz e MARQUES, Nelson (orgs.). *Cronobiologia: princípios e aplicações*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPÍTULO II:
CINEMA E TEMPORALIDADE
(TEMPO NO CINEMA OU TEMPO DO CINEMA):
UMA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

NELSON MARQUES

Este texto é um ensaio. Nosso objeto de estudo é o tempo cinematográfico. Como espectadores de um filme, percebemos que o tempo passa enquanto assistimos à obra. Como cinéfilos, percebemos que diferentes cineastas trabalham de formas diferentes para nos fazer perceber o tempo. Ora ele é alongado, ora ele parece curto, ora parece não sofrer alteração.

A história do cinema nos mostra que o modelo de linguagem narrativo clássico, instituído por David W. Griffith predominou no decorrer da evolução da produção cinematográfica. Era um cinema com estrutura narrativa linear e naturalista com respeito pela imagem captada pela câmera, mesmo se expressando em diferentes possibilidades de linguagem. Os irmãos Lumière³, por exemplo, produziam filmes com estruturas narrativas simples, quase sempre em filmes muito curtos em duração. Por sua vez, Georges Méliès⁴, transforma seus filmes em experiências de linguagem usando efeitos de imagem com substituição de objetos a partir de interrupções da câmera, ou com sobreimpressão feita com a própria câmera, os chamados truques de imagem. Com isso, Méliès conseguiu até fazer uma viagem à Lua (1902), construindo cenários de forma a nos dar a sensação de multicamadas e de profundidade de campo no mesmo plano, o corte evidenciando a continuidade temporal e a manutenção do mesmo espaço.

O tempo cinematográfico é complexo, mas resumidamente há três linhas temporais no cinema: tempo da ação propriamente dita, tempo vivido

3 Os Irmãos Lumière, Louis e Auguste, inventores do cinematógrafo Lumière (sistema de projeção de filmes), em 1895, são os responsáveis pela primeira exibição pública de cinema, que ocorreu em dezembro de 1895 em Paris, e pela realização dos primeiros filmes de atualidades da história do cinema, dentre eles A chegada do trem à estação de Ciotat [L'ARRIVÉE D'UN TRAIN EN GARE DE LA CIOTAT. Direção: Auguste Lumière; Louis Lumière. França, 1895. Filme (curta-metragem), PB, mudo].

4 Méliès foi o homem que uniu o circo, o teatro e o cinema. Seu objetivo era criar uma ilusão próxima à ideia da magia, tanto que é considerado precursor do uso de possibilidades cênicas no cinema. O seu filme mais conhecido é Viagem para a Lua, de 1902, que foi colorizado a mão, fotograma por fotograma! [LE VOYAGE DANS LA LUNE. Direção: Georges Méliès. França, 1902. Filme (curta-metragem), colorizado, mudo].

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

pelo espectador em sua relação com o filme e tempo físico da projeção (este último, em geral, confunde-se com o tempo do espectador na plateia, pois ele depende da ilusão de continuidade que a projeção determina). Discutir a questão do conceito tempo na arte cinematográfica é uma tarefa difícil. Isso porque a questão temporal, junto à espacial, é uma das características determinantes dos filmes.

Se pensarmos na ação propriamente dita, vamos nos deparar com a capacidade da linguagem cinematográfica de representar indiretamente o tempo “real”, uma vez que o cinema trabalha em cima de imagens passadas, que são atualizadas através do material fílmico – o filme nos apresenta, no momento presente (em relação ao espectador), imagens engendradas em um passado, remoto ou próximo, mas sempre passado. Assim, temos uma justaposição, possível do ponto de vista da temporalidade fílmica: o presente que conserva em si o passado e que, de uma certa maneira, nos remete a um futuro. As diferenças temporais que possam existir serão maquiadas pela continuidade temporal resultante do que podemos chamar de uma montagem invisível, situada na passagem de fotograma a fotograma⁵e, às vezes, de plano a plano⁶, principalmente naquelas em que as paradas de câmera efetuadas para operar substituições nos dá essa ilusão de continuidade temporal. Por outro lado, o processo de formação das imagens no cinema ocorre a partir da condensação que surge entre a representação de uma figura e o seu significado temporal, resultante de um processo de montagem que determinará a significação. Assim, os elementos deixam de existir isoladamente, passando a ter uma representação particular no tema geral. Essa justaposição torna perceptível o conjunto. Esse todo será a imagem na qual o autor viverá o tema que será recebido pela sensibilidade e inteligência do espectador.

5 Fotograma (frame) é cada uma das imagens impressas quimicamente no filme cinematográfico. Fotografados por uma câmara a uma cadência constante (desde 1929 padronizada em 24 por segundo) e depois projetados no mesmo ritmo, em registro e sobre uma tela, os fotogramas produzem no espectador a ilusão de movimento. Isso se deve à incapacidade do cérebro humano de processar separadamente as imagens formadas na retina e transmitidas pelo nervo óptico, quando percebidas sequencialmente acima de uma determinada velocidade. A persistência da visão faz que nossa percepção misture as imagens de forma contínua, dando a sensação de movimento natural.

6 Plano é um trecho de filme rodado ininterruptamente, ou que pareça ter sido rodado sem interrupção. É, portanto, um conjunto ordenado de fotogramas ou imagens fixas limitado espacialmente por um enquadramento – espaço, que pode ser fixo ou móvel – e temporalmente por uma duração.

Diferentes autores trabalharão com diferentes abordagens e diferentes tempos para transmitir essas questões. Sergei Eisenstein⁷, um dos mais importantes realizadores da história do cinema, sistematiza uma teoria com o objetivo de demonstrar que a montagem se impõe como princípio da linguagem cinematográfica. É o princípio que rege a construção de um filme.

Orson Welles, nos anos 1940⁸, e os filmes do neorrealismo italiano, no período do pós-guerra, alteram a tradição narrativa em favor de um percurso que vai do naturalismo ao realismo. Já François Truffaut⁹, como representante da *nouvelle vague*, junta sua paixão pelo cinema, sua posição de crítico de cinema e cineclubista a proposições técnicas de manipulação explícita de tempo e espaço. No seu filme *Um só pecado*¹⁰ (*Le peau douce*), 1964, que é um filme psicológico sobre o adultério, esse tempo é manipulado exemplificado apenas com uma cena. Pode-se dramatizar uma cena por meio da dilatação do tempo, pela insistência. Nela, há uma cena de elevador que se passa entre os dois personagens do filme, Jean Desaly e Françoise Dorléac.

-
- 7 Eisenstein, como teórico do cinema, propunha que a imagem está baseada em uma estrutura dialética. Para se chegar ao requisito de uma imagem, há uma única lei verdadeira, ou seja, a parte penetra na consciência e na sensibilidade por intermédio do todo; e o todo, por intermédio da imagem. Dentre seus filmes, destaca-se Encouraçado Potemkin, de 1925 [BRONENOSETS POTYOMKIN. Direção: Sergei M. Eisenstein. Produção: Goskino. União Soviética, 1925. Filme (75 min), PB, mudo.], e a sua famosa cena da escadaria. De seus escritos, destacam-se A forma do filme (EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme: ensaios sobre teoria cinematográfica. Tradução de José Carlos Avellar. Rio de Janeiro: Zahar, 2002) e O sentido do filme (EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Tradução de José Carlos Avellar. Rio de Janeiro: Zahar, 2002). Ou seja, o cinema está baseado na montagem, que surge como necessidade ideológica. Dessa maneira, aquele cinema baseado na simples ação dá lugar a um cinema de ideias.
- 8 Welles, com Cidadão Kane [CITIZEN KANE. Direção: Orson Welles. Produção: RKO Radio Pictures. Estados Unidos, 1941. Filme (119 min), PB, sonoro.], mistura estilos do jornalismo ao expressionismo e fragmentação de espaços e tempos. Há blocos narrativos e sequências independentes. Há um tempo interior da ação e o desenrolar de ações diferentes no mesmo plano, uma narrativa em espiral fechando-se num círculo, em oposição à linearidade teleológica de causa-efeito.
- 9 Truffaut tem uma série de textos que foram reunidos por Anne Gillain no livro *O Cinema Segundo François Truffaut* [TRUFFAUT, François; GILLAIN, Anne (org.). *O cinema segundo François Truffaut*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.] e *Os filmes da minha vida* [TRUFFAUT, François. *Os filmes da minha vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.]. Dentre seus filmes, destacam-se: *Os incompreendidos* [LES 400 COUPS. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse. França, 1959. Filme (99 min), PB, sonoro.]; *Uma mulher para dois* [ULES ET JIM. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse; Sédif. França, 1962. (105 min), PB, sonoro.]; *Fahrenheit 451* [FAHRENHEIT 451. Direção: François Truffaut. Produção: Anglo Enterprises. Reino Unido, 1966. (112 min), colorido, sonoro.]; *Beijos proibidos* [BAISERS VOLÉS. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse; Les Artistes Associés. França, 1968. (90 min), colorido, sonoro.]; *A noite americana* [LA NUIT AMÉRICAIN. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse. França, 1973. Filme (115 min), colorido, sonoro.].
- 10 LA PEAU DOUCE [*Um só pecado*]. Direção: François Truffaut. Produção: Les Films du Carrosse; Société Nouvelle de Cinématographie (SNC). França, 1964. Filme (118 min), PB, sonoro.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

Eles se olham enquanto o elevador sobe até o oitavo andar. O trajeto do elevador dura quinze segundos na vida real, mas a cena foi filmada em vinte e cinco planos e dura cinco vezes mais tempo na tela, ou seja, setenta e cinco segundos. Os dois chegam ao oitavo andar, Françoise Dorléac sai do elevador e ficamos com Jean Desailly, que pressiona o botão de descida. Dessa vez, o mesmo trajeto dura apenas quinze segundos, pois é filmado em um só plano, ou seja, conforme sua real duração. As emoções advindas de uma simples manipulação como essa, ao mostrar que podemos brincar com o tempo e ganhar muito em emoções, justifica o ato de dilatar e contrair o tempo. O realismo no cinema é exatamente isso. Na vida, há momentos em que as coisas são dilatadas, em que se experimenta um sentimento de dilatação, por exemplo quando a pessoa se apaixona. Se filmamos as ações em sua duração de tempo real, elas não têm nenhum interesse cinematográfico. A partir do momento em que utilizamos fragmentos de imagens para fragmentar o espaço, as noções de tempo e espaço devem igualmente ser transformadas.

É Jean-Luc Godard¹¹ que nos traz um outro conceito importante na cinematografia. Ele faz surgir a noção de “montagem-colagem”, na qual o elemento manifesto não será mais do que um fragmento. Esta colagem descontínua manipulará o referente de forma a mostrá-lo como uma armadilha. Assim, une duas partes descontínuas de uma ação contínua sem mudar a posição da câmara. É nesse jogo temporal instaurado no espaço do filme através da montagem que encontramos o eixo central da discussão do tempo **no** cinema. E é, ainda, nesse jogo temporal que o espectador deve acompanhar de maneira que seu tempo de sujeito receptor se situe em paralelo ao tempo **do** filme para que, dessa maneira, ele possa se projetar e até interagir com o tempo cinematográfico¹².

Em se falando de tempo real, há questões interessantes que surgem quando se pensa em “tempo real” no cinema¹³ como técnica cinematográfica.

11 Jean-Luc Godard, introdutor da noção de montagem-colagem. Pode ser apreciada especialmente em seu filme *Made in U.S.A* [Direção: Jean-Luc Godard. Produção: Anouchka Films. França, 1966. Filme (85 min), colorido, sonoro].

12 Tempo cinematográfico refere-se à forma como o tempo é representado e manipulado na narrativa, incluindo a duração do filme, o ritmo da história e as técnicas usadas para manipular a percepção do tempo do espectador. Isso envolve a duração do filme (curta, média ou longa-metragem), o ritmo da narrativa (rápido, lento, etc.), e o uso de técnicas, como o flashback e o flashforward, para alterar a ordem cronobiológica da história.

13 Tempo real é definido como o método de narrativa em que os eventos cinematográficos acontecem simultaneamente com a experiência dos espectadores. O roteiro em tempo real acontece quando o

Essa técnica é antiga, de quando nem se pensava em cinema, pois é da estrutura do drama grego clássico. Se o diretor tem o desejo de emocionar o público ou transmitir conceitos abstratos, como o amor, o tempo real é o método mais adequado para que o público pode entender o conceito dessas ideias¹⁴.

Com o surgimento de novas tecnologias de filmagem e de montagem, ampliam-se os recursos que possibilitam a prática e o desenvolvimento de formas inusitadas de realismo, ou de “realidades”. O tempo cinematográfico rompe definitivamente os laços com a noção de continuidade temporal. Peter Greenway é um dos realizadores cineastas que têm procurado estabelecer o desenvolvimento do tempo narrativo em simultaneidade. Cada realidade a ser mostrada é composta de múltiplas camadas anteriores e, ao mesmo tempo, aqui e agora. Num mesmo momento, sobrepostos, são vistos planos gerais e detalhes de uma mesma cena, janelas que se abrem para comentar a cena ou introduzir uma outra¹⁵.

Se para atingir a ideia de tempo real o cinema tem de, necessariamente, articular imagens e sons através de uma estrutura de montagem na qual o

tempo dieagético equivale exatamente ao “nosso tempo”, ou seja, não há elipses/cortes no tempo, cada minuto de ação corresponde a um minuto exato na vida real. É uma técnica difícil de executar e frequentemente nos deparamos com “simulação” de tempo real, em contraste com os realizados realmente em tempo real. Para tanto, são utilizados truques mais ou menos engenhosos. Vários exemplos de verdade ou simulação foram apresentados no ensaio: MARQUES, Nelson. Filmes em tempo real: verdade ou simulação? Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte/ Cineclube de Natal, 2020. Disponível em: <http://accirn.weebly.com/arquivo/filmes-em-tempo-real-verdade-ou-simulacao>. Acesso em: 6 ago. 2025).

- 14 Marques 2020, op. cit., comenta o tempo real e seleciona boas indicações de filmes com o emprego dessa técnica. Podemos destacar alguns títulos: HIGH NOON [*Matar ou morrer*]. Direção: Fred Zinnemann. Produção: Stanley Kramer Productions. Estados Unidos, 1952. Filme (85 min, PB, sonoro); ROPE [*Festim diabólico*]. Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Transatlantic Pictures; Warner Bros. Estados Unidos, 1948. Filme (80 min, colorido, sonoro); DOG DAY AFTERNOON [*Um dia de cão*]. Direção: Sidney Lumet. Produção: Warner Bros. Estados Unidos, 1975. Filme (125 min, colorido, sonoro); NICK OF TIME [*Tempo esgotado*]. Direção: John Badham. Produção: Paramount Pictures. Estados Unidos, 1995. Filme (90 min, colorido, sonoro); TIMECODE [*Timecode*]. Direção: Mike Figgis. Produção: ScreenGems. Estados Unidos, 2000. Filme (97 min, colorido, sonoro); RUSSIAN ARK [*Arca russa*]. Direção: Aleksandr Sokurov. Produção: Hermitage Bridge Studio; The State Hermitage Museum. Rússia, 2002. Filme (99 min, colorido, sonoro, plano-sequência).
- 15 Greenaway, em *O livro de próspero* [PROSPERO'S BOOKS. Direção: Peter Greenaway. Produção: British Screen Productions; Channel Four Films. Reino Unido, 1991. (95 min) colorido, sonoro.], uma adaptação de *A tempestade* (The tempest), de William Shakespeare, utiliza as novas técnicas de maneira sofisticada e rompe definitivamente com o cinema conservador, utilizando algo de televisão, algo de cinema e algo de pintura. A multiplicidade de telas, recurso agora possível pelo uso de novas tecnologias, mostra com toda força dramática o delírio imaginativo de *Próspero* – um jogo temporal entre passado, presente e futuro.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

conceito de continuidade narrativa deve estar sempre presente no momento do corte, o vídeo é capaz de trabalhar as ações de maneira simultânea, sem precisar recorrer ao corte propriamente dito. Podemos dizer, também, que está surgindo uma outra espécie de realismo em que a imagem captada por uma câmera não passa de matéria-prima para posterior manipulação através de técnicas digitais.

O tempo cinematográfico não respeita um tempo fenomenológico. Ele é construído à revelia dos acontecimentos registrados, para que se apresente de forma mais significativa na tela de cinema e cause impacto no espectador, que intui o tempo. Segundo Jacques Aumont, o cinema é, em primeiro lugar, mecanicamente, ou melhor, “maquinicamente”, um instrumento para produzir tempo. Ele tem seus próprios procedimentos temporais, distintos dos procedimentos habituais¹⁶.

Aumont fez esse comentário acerca da teoria do cineasta Jean Epstein, que, na década de 1940, passou a direcionar suas atenções às questões temporais do cinema¹⁷. Uma fotografia pode permanecer na tela por mais tempo do que a narração levaria para explicá-la ou chegar até ela. E uma fotografia não respeita a temporalidade com a qual os fenômenos acontecem; ela congela o tempo e torna um momento eterno.

Mas não é somente com a manipulação de uma imagem que pode ser feita a construção do tempo no cinema. Andrei Tarkovski, cineasta soviético, criticava o cinema de Eisenstein por causa da temporalidade que não possuía qualquer semelhança com a realidade. As cenas ganhavam um peso desconfortável na vontade do cineasta de mostrar mais do que poderia ser mostrado simplesmente seguindo o tempo dado por um relógio¹⁸. Essa crítica de Tarkovski pode valer para a montagem cinematográfica, mas ela

16 AUMONT, Jacques. *As teorias dos cineastas*. Campinas: Papirus, 2008.; AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus, 2003.

17 EPSTEIN, Jean. *O cinema do diabo* [Le cinémacinema du diable]. Paris: Jacques Melot, 1947.

18 TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1998. Infelizmente a tradução do livro em português peca já na sua essência. O título em inglês é *Sculpting in time*. O livro é sobre arte e cinema em geral, e seus próprios filmes em particular. Foi originalmente publicado em 1985 em alemão (Die versiegelt Zeit), pouco antes da morte do autor, e em 1987, em inglês, mantendo a ideia original de Tarkovski, “esculpindo no tempo”. Dentre seus filmes, destacam-se: ANDREI RUBLEV. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: Mosfilm. União Soviética, 1966. Filme (205 min, P&B, sonoro); SOLARIS. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: Mosfilm. União Soviética, 1972. Filme (167 min, colorido, sonoro); STALKER. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: Mosfilm. União Soviética, 1979. Filme (163 min, colorido, sonoro); OFFRET [O Sacrifício]. Direção: Andrei Tarkovski. Produção: SvenskaFilminstitutet. Suécia, 1986. Filme (143 min, colorido, sonoro).

não enxerga os benefícios de criar um tempo para um filme, algo que vai um pouco além do “esculpir” o tempo. Para Tarkovski, o fator principal da imagem é o seu ritmo. Não um ritmo criado através da montagem – seguindo uma certa sequência de planos, que, por sua vez, dá um certo significado ao material filmado e cria um efeito intelectualmente artificial no público, ao carregar as imagens com significado –, mas sim o ritmo presente no próprio *frame*, no plano.

O cinema é uma máquina de criar tempo. O cinema não faz a simples reprodução do tempo dos fenômenos, porque estes são apresentados de acordo com a temporalidade criada pelo realizador para que eles possam se adequar ao discurso fílmico em construção. Cada filme possui um discurso, e todo filme tem em sua base o tempo que, por sua vez, é variável de filme para filme, como também de cineasta para cineasta.



CAPÍTULO III: RITMANÁLISE E A CRÍTICA DA ACELERAÇÃO: PENSAR OS RITMOS COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RAIZZA DA COSTA LOPES
SAMUEL LOPES PINHEIRO

E se, em vez de nos iludirmos sonhando com uma harmonia reencontrada com a natureza, pesquisássemos os ritmos da vida para tratá-los e reforçá-los por seus ritmos e pulsações? E se o ritmo fosse fundamental na maneira de organizar e animar a vida coletiva e individual? E se a intensidade de uma vida comum ou das relações interindividuais passasse por um ajustamento rítmico [...]. (Revol, 2021, p.37).

Este capítulo apresenta reflexões iniciais sobre a relação entre o estudo dos ritmos, a aceleração tecnológica e a Educação Ambiental (EA), elaboradas por pesquisadores que recentemente iniciaram seus estudos sobre a obra de Henri Lefebvre. As discussões aqui propostas partem de um estágio preliminar de maturidade teórica e devem ser compreendidas, nesse contexto, como um primeiro esforço de aproximação crítica às contribuições lefebvrianas para a compreensão dos ritmos contemporâneos e suas implicações socioambientais. Mais do que respostas, buscamos levantar questões que possam estimular investigações futuras sobre os impactos da aceleração tecnológica e da automação no vivido, na natureza e na produção do espaço.

1 DOS RITMOS À RITMANÁLISE: PERCURSOS INICIAIS

Quando investigamos o conceito de ritmo, podemos voltar no tempo e encontrá-lo presente em várias sociedades antigas. Notamos que esse conceito já era estudado entre os gregos e até tinha seu próprio termo – *rhythmos*. Modos gregos, canções e escalas musicais eram acompanhados pelo estudo do ritmo. E parece que o *rhythmos* está associado a um ritmo peculiar ao indivíduo.

Entre os gregos, pelo menos desde Platão, o ritmo era tradicionalmente concebido como um dos elementos fundamentais da poesia, dança e música. Era, como diz Platão nas Leis, "a ordem do movimento" das palavras, corpos ou notas. A partir do século III a.C., o termo também passou a designar, entre os médicos gregos de Alexandria,

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

a pulsação das artérias e do coração, ou mais precisamente a relação aritmética entre a duração da diástole e da sístole. Pela primeira vez, ele se moveu das teorias da cultura para as teorias da natureza viva. Então, no final da Antiguidade, com autores como Agostinho e Boécio, ocorreu uma nova extensão. O ritmo agora é usado para designar o circuito perfeito das estrelas e o funcionamento circular do cosmos (Michon, 2020. Tradução Nossa).

Entre os indianos, podemos encontrar uma visão que vai além de uma percepção quadrada do ritmo, comumente associada a uma forma ocidental de entendê-lo. Isso porque muitas de suas danças e canções tradicionais apresentam um estudo complexo de ritmos. Matematicamente, são ritmos quebrados para os ouvidos de um ocidental contemporâneo, pois seus ritmos podem apresentar razões e contagens de números inteiros e frações. Mais tarde, entre músicos e matemáticos europeus dos séculos XVII e XVIII, também notamos uma preocupação com o ritmo. Mas será a partir do século XX que a noção de ritmo também entrará nos emaranhados dos estudos sociológicos, linguísticos, de informação e de outros campos do conhecimento ligados às humanidades.

Contudo, há de se mencionar que inúmeras são as possibilidades de estudo dos ritmos e, neste estudo, voltamos nossa atenção para a ritmanálise, atribuída ao professor e filósofo Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (nascido em Braga, Portugal, em 1889, e falecido no Rio de Janeiro, em 1950) como precursor da ideia. A análise dos ritmos nas complexas intersecções entre sociedade e natureza foi um tema central nos estudos e reflexões de Pinheiro dos Santos. Foi ele quem introduziu o conceito de ritmanálise como uma possibilidade para a compreensão de como os ritmos naturais e sociais se influenciam e interagem mutuamente.

Tal perspectiva permitiria que o estudo dos ritmos pudesse revelar a estrutura e a dinâmica da sociedade, oferecendo uma possibilidade analítica acerca das interações entre os processos naturais e sociais. Apesar da relevância e do pioneirismo da proposta do filósofo luso-brasileiro, pouco se sabe sobre o conteúdo de suas reflexões, pois restaram poucos registros de suas contribuições.

Dias (2018) diz que, “no Brasil, no final da década de 1990, motivado pelos incidentes biográficos e editoriais ocorridos com Lúcio Pinheiro, Jorge Jaime lhe atribuiu o epíteto de “filósofo ‘brasileiro’ fantasma (Dias, 2018,

p. 42)”; mas podemos encontrar rastros da teoria de Pinheiro dos Santos na obra *La dialectique de la Dureé*, de Gaston Bachelard (1936), em que o filósofo francês explicita parte das correspondências, reflexões e produções feitas pelo português.

Igualmente importantes para o reconhecimento desse pensador são as contribuições de Pedro Baptista, na obra *O filósofo fantasma* (2010), e de Rodrigo Sobral Cunha, com o livro *O essencial sobre ritmanálise* (2010). Estes dois últimos, portugueses buscando desvendar a história e a produção de seu conterrâneo, que teria vindo para o Brasil no final dos anos de 1920, ao fugir da ditadura que se instalara em Portugal e que persistiu até 1974.

Além desses pensadores, destaca-se também a importância do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, o qual foi certamente decisivo para que os estudos de ritmanálise seguissem ecoando na atualidade. O tema dos ritmos, conforme Claire Revol (2019; 2021) no livro *Elementos de ritmanálise*, de Lefebvre, é parte de um “projeto lefebvriano mais em longo prazo” (Revol, 2021. p. 27) sobre o cotidiano, e, portanto, seria o quarto volume dos três tomos da obra *Critique de la vie quotidienne* (1947; 1961; 1981).

Tanto Lefebvre quanto Bachelard reconhecem ser Lúcio Pinheiro dos Santos o pioneiro nos estudos dos ritmos. Contudo, a partir de Lefebvre, é possível afirmar que “a intervenção sobre esta trama rítmica pode dar suporte aos esforços de apropriação dos espaços e dos tempos sociais (tradução)” (Revol, 2021, p.34). Ou seja, a ritmanálise nos permitiria não somente pensar e identificar os ritmos, mas intervir – enquanto ser em seu vivido – na trama rítmica como parte da apropriação das relações sociais e da produção de nossa obra (individual e coletiva).

2. A RITMANÁLISE E OS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ao reconhecer que tanto a natureza humana quanto a natureza não-humana operam com ritmos e temporalidades próprias e diversas, entendemos que a imposição do ritmo acelerado do sistema capitalista tem gerado uma série de consequências adversas. Esses ritmos naturais, que sustentam a saúde e o equilíbrio dos seres humanos e do meio ambiente, têm sido sistematicamente subordinados à lógica da eficiência e da produção incessantes. Nesse sentido, consideramos relevante a incorporação da ritmanálise como um elemento para pensar a relação entre sociedade e natureza.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

A ritmanálise nos traria caminhos, incompletos talvez, abertos seguramente, para transfigurar o presente em presenças, complexas e coexistentes. Por meio da apreensão sensível, nos faria elaborar a crítica da coisificação, “desfazendo da materialidade em si mesma, como coisa, como produto, dirigida pela mercadoria como abstração concreta, aprofundando a compreensão da complexidade do espaço-tempo, que inclui a energia, tecida por ritmos, polirritmos e arritmias” (Martins e Moreaux, 2021, p. 9 e 10)

Segundo Lefebvre (2021), a coexistência de ritmos diversos compõe o que ele chama de polirritmia. Dessa forma, os corpos vivos apresentam muitos ritmos associados, os quais, quando saudáveis, configuram o que o autor chama de eurritmia. Nessa perspectiva, as doenças seriam acompanhadas de um distúrbio de ritmos, arritmia. Esses processos de saúde e doença podem ser observados no indivíduo e na sociedade, como exemplificam Martins e Moreaux (2021) quando dizem: “A polirritmia que existe em nossas cidades é frequentemente transformada em arritmia a partir de controles diversos e da militarização dos espaços urbanos.” (Martins e Moreaux, 2021, p.11).

Essa dissonância entre os ritmos naturais e o ritmo neoliberal resulta em formas diversas de adoecimento, pois, como argumentam Safatle, Da Silva Junior e Dunker (2021) no livro *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, vivemos uma valorização excessiva dos méritos, a fim de extrair mais produtividade das pessoas. Os autores afirmam que o neoliberalismo cria novas formas de sofrimento associadas aos mecanismos de controle e poder presentes na atualidade. O sofrimento é uma série de transtornos, como a depressão e a ansiedade, na perspectiva dos autores, resultam do esforço constante para se adaptar e performar em um ritmo social que, muitas vezes, ignora as necessidades emocionais e físicas das pessoas. Esses distúrbios não são meros subprodutos do trabalho, mas sintomas de uma desconexão mais profunda entre o ritmo natural dos indivíduos e as exigências do capitalismo (Safatle, Da Silva Junior e Dunker, 2021).

Simultaneamente, a natureza física enfrenta suas próprias formas de adoecimento. As catástrofes ambientais – como o aquecimento global, as inundações, a poluição e a degradação dos ecossistemas – são manifestações da sobrecarga que o ritmo acelerado da produção e do consumo impõe sobre o planeta. Esses eventos não são apenas acidentes isolados, mas sintomas de

uma crise sistêmica que desregula os ciclos naturais e compromete a dimensão socioambiental do planeta (Carvalho e Ortega, 2024; Acselrad, 2021).

Hartmut Rosa (2022), em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*, descreve a “compressão do tempo” e a “expansão da técnica” como características centrais de um mundo que vive sob o imperativo de crescimento e rapidez. A aceleração transforma as dinâmicas de produção, mas também redefine as relações sociais e a experiência do tempo e do espaço, o que permite dizer que estamos vivendo uma “modernidade tardia”, marcada por um processo de aceleração social (Rosa, 2022). Dessa forma, entendemos que tanto o adoecimento humano quanto o ambiental estão interligados e que ambos são resultantes da aceleração e da exploração desenfreadas promovidas pelo modelo neoliberal de desenvolvimento, responsável por desencontros de ritmos societários e individuais expressos em arritmias. Nesse sentido, é necessário um movimento em direção à valorização das temporalidades naturais e ao respeito, em todos os aspectos, pela vida na Terra.

Esse cenário de aceleração e adoecimento humano e planetário se intensificou com a pandemia de covid-19, que, embora inicialmente vista como uma crise sanitária, rapidamente se transformou em uma crise abrangente, revelando a interdependência de questões vitais como saúde, educação, trabalho e meio ambiente. Relatórios da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal, 2021)¹⁹ ressaltam esse impacto profundo, enquanto Acselrad (2021) aponta que a crise sanitária surgiu em um contexto já marcado pela iminência de uma crise financeira, precipitando o colapso de várias atividades econômicas. Para o autor, é essencial analisar as noções de crise ambiental e desastre dentro dos processos de reprodução e crise do capitalismo.

Diante desse contexto de catástrofe, sentimos a necessidade de revisitar a trajetória da Educação Ambiental, refletindo sobre os pontos de partida das nossas análises e pesquisas. Desde seu surgimento, a Educação Ambiental passou por diversas mudanças de perspectiva na maneira de entender a relação entre ambiente e sociedade, evoluindo em resposta às demandas e aos desafios de cada época. Essas transformações tornam ainda mais essencial que retornemos periodicamente aos referenciais que fundamentam

19 Disponível em: Tecnologías digitales para un nuevo futuro | Comisión Económica para América Latina y el Caribe Acesso em: 12/07/2025.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

o campo, questionando se eles ainda oferecem as ferramentas adequadas para interpretar e transformar a realidade atual.

Conforme Reigota (2004), a Educação Ambiental emergiu como resposta aos problemas ambientais provocados por um modelo econômico capitalista predatório e insustentável. O ponto de partida para a discussão ocorreu na Primeira Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, em 1972, evento que resultou em acordos internacionais enfatizando a importância de educar a população para enfrentar desafios ambientais. A partir de então, a questão ambiental ganhou relevância global, com eventos subsequentes, como as conferências de Belgrado (1975), Tbilisi (1977), Moscou (1987), Rio (1992) e Rio+10 (2002), em Joanesburgo, promovendo políticas públicas de Educação Ambiental em nível internacional.

Embora a Educação Ambiental tenha emergido como pauta dos movimentos ecológicos (Carvalho, 2001), as preocupações que impulsionaram a Educação Ambiental, em certos casos, tinham um caráter conservacionista, funcionando muitas vezes como um “manual de etiquetas” (Leite Lopes, 2004), com propostas mais voltadas ao comportamento individual do que à crítica do sistema capitalista. O debate da Educação Ambiental aprofundou-se ao longo dos anos, e trabalhos de autores como Layrargues (2012) e Carvalho (2014) foram essenciais para expandir as discussões nesse campo, o que evidencia a Educação Ambiental como um campo que está constantemente sendo fundado e refundado pelas questões socioambientais.

[...] refundar os Fundamentos históricos, antropológicos, filosóficos, sociológicos, éticos e epistemológicos da EA é dotar de novas representações os signos que essas ciências passam a representar no horizonte de uma pluralidade de saberes numa unidade de sentidos e significados. (Machado, Calloni e Adomilli, 2016, p. 11).

Nesse sentido, nossa proposta é contribuir para refundar os Fundamentos da Educação Ambiental com os aportes da teoria dos ritmos e da ritmanálise (Lefebvre, 2021) no tempo das catástrofes (Stengers, 2015) socioambientais relacionadas à aceleração e à alienação que marcam nossos tempos (Rosa, 2022).

3. ACELERAÇÃO TECNOLÓGICA E AS QUEBRAS RÍTMICAS

Aceleração se converte em um problema quando há alienação, quando já não podemos ressoar com o mundo (Rosa, 2023). Uma determinada perspectiva de progresso comumente se associou à ideia de que seria necessário acelerar para crescer, como a ideia de acelerar a exploração da natureza para o desenvolvimento tecnológico e o consequente melhoramento da qualidade da vida. Rosa (2023), neste sentido, lembra que o movimento aceleracionista é muito prometeico. No entanto, aceleramos por acelerar, como numa busca desenfreada pela eficácia e pelo crescimento exponencial, sem conjuntamente pensar onde isto nos leva e sem conjuntamente nos conscientizarmos das consequências desastrosas desse processo até aqui.

Com base na observação feita por Michel Random (2000) – de que, apesar dos avanços tecnológicos, a sociedade ainda enfrenta desafios significativos, pois as tecnologias e suas novíssimas ferramentas de informação e comunicação, embora úteis, podem também ser uma forma de escapismo, afastando as pessoas do mundo real para um mundo virtual – surgem uma série de questões no âmbito da relação ser humano e tecnologia, como a questão do conceito de natureza, e como essas operam significados em uma virtualidade, agora mais acelerada do que nunca pelos ritmos das inteligências artificiais, que, embora recentes em seu amplo uso, já nos convocam a um novo tipo de aceleração. Acelerações estas marcadas por alienação e por aquilo que podemos chamar de rupturas rítmicas, entre os ritmos da natureza, da sociedade e do indivíduo.

Para tentar encontrar uma resposta a essa pergunta, recorreremos à ritmanálise de Henri Lefebvre (2021), que aponta que os produtores de bens de informação sabem como usar o ritmo empiricamente. Quando o autor escreveu seus ensaios, por volta dos anos 1980 e 1990, ele ainda não havia experimentado a chamada smartificação do mundo, da economia e dos relacionamentos. Hoje, algoritmos tornam legíveis desejos que escapam de nossa própria consciência. Mas o autor, definitivamente, estava preocupado com a natureza manipuladora dessa informação e com o ritmo imposto às sociedades.

Como resultado, o tempo de ligação entre aspectos conscientes e não conscientes do sujeito está sendo alterado pela lógica do ritmo das inteligências artificiais. Byung-Chul Han (2020) fala sobre um inconsciente digital que é revelado pelo *big data* e que é quantificado e mapeado para a monetização dos indivíduos nas relações virtuais. Para o autor, isso poderia ser um exemplo de como o neoliberalismo explora novas técnicas de poder.

O neoliberalismo explora uma pseudoliberalidade das emoções do sujeito, que se autoexplora em redes virtuais, e agora ainda mais na aceleração das inteligências artificiais. O filósofo Han (2020) até usa a expressão "o eu quantificado" para expressar o lema de que o que está acontecendo agora é um autoconhecimento através dos números de dados. No entanto, esses números não produzem realmente autoconhecimento, produzem mercadorias para autocontrole, trocas, vendas, interesses e competições.

Para complementar nosso argumento sobre a dominância do ritmo na construção dessas técnicas de poder na sociedade contemporânea, encontramos reflexões sobre ritmo em Roland Barthes (2002). No livro *Comment vivre ensemble* (Como viver juntos), o autor recupera o conceito de ritmo proposto pelos antigos gregos para lidar com os ritmos internos do sujeito. Barthes aponta que o poder se estabelece na quebra desses ritmos internos, ou no que ele chama de disritmia. Acima de tudo, o poder impõe um determinado ritmo, um ritmo de vida, e justamente "a sutileza do poder passa pela disritmia, pela heterorritmia (tradução)" (Barthes, 2002, p. 40).

Diante das reflexões apresentadas, torna-se evidente que a aceleração tecnológica não apenas altera os ritmos sociais, mas também reconfigura a relação do ser humano com o mundo e consigo mesmo. A partir da ritmanálise de Lefebvre (2021), das discussões sobre o inconsciente digital em Han (2020) e das concepções de Barthes (2002) sobre a disritmia imposta pelo poder, podemos compreender como a aceleração tecnológica contemporânea exacerba processos de alienação e autocomercialização dos sujeitos.

A imposição de ritmos artificiais e a fragmentação dos ritmos internos contribuem para um modelo de existência marcado pela constante aceleração e pela precarização das experiências temporais. Assim, a questão fundamental que se coloca não é apenas compreender os impactos desse fenômeno, mas sobretudo buscar formas de resistência e reapropriação do tempo, promovendo novas possibilidades de ressonância entre os ritmos individuais, sociais e naturais.

4. QUAL É O LUGAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA TRAMA RÍTMICA DA VIDA?

Ao expandir suas fronteiras para além da preservação ambiental, a Educação Ambiental configura-se como um campo de estudos que visa à promoção de projetos de sociedade em que os sujeitos estejam engajados

na luta pela vida em sua plenitude. No artigo “Uma ressonância do tempo: os desafios contemporâneos da Educação Ambiental”, Amorim, Pinheiro e Calloni (2019) apontam que o tempo contemporâneo é marcado por uma aceleração imposta pelas dinâmicas neoliberais, o que gera desafios à formação humana em sua plenitude.

Segundo esses autores, a Educação Ambiental deve se engajar em uma ressonância do tempo, resgatando a importância de práticas educativas que considerem os tempos múltiplos e complexos da existência humana e da vida no planeta, questionando a visão utilitarista de tempo promovida pela sociedade de consumo e produtividade. Essa dimensão parece se somar à visão de Hartmut Rosa (2022), em *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*, que descreve a “compressão do tempo” e a “expansão da técnica” como características centrais de um mundo que vive sob o imperativo de crescimento e rapidez. Acelerando a economia, a tecnologia não apenas transforma as dinâmicas de produção, mas também redefine as relações sociais e a experiência do tempo e do espaço.

A compreensão dos ritmos interligados entre indivíduo, sociedade e natureza torna-se fundamental para desenvolver uma pedagogia que valorize a apropriação de si e do ambiente. Esse enfoque, baseado em uma educação rítmica, propõe uma resposta direta à sociedade da aceleração (Harvey, 1992; Rosa, 2019), que tem acelerado processos de degradação tanto humanos quanto ambientais. A investigação dos movimentos rítmicos e suas contradições surge como uma proposta que revela as tensões entre o ritmo natural da vida e o ritmo imposto pelo capitalismo. Buscamos aplicar esses conceitos na interface com as reflexões mais recentes de Carvalho (2020) no campo da Educação Ambiental.

Em “Apesquisa em educação ambiental: perspectivas e enfrentamentos”, Carvalho (2020) faz um balanço sobre as produções em Educação Ambiental e, dentre suas considerações, apresenta a possibilidade de “desacomodar a crítica” (Carvalho, 2020, p. 47). Apoiando-nos na autora, consideramos que, talvez, seja necessário aportar outros predicados à Educação Ambiental para além de crítica.

Quanto ao campo específico da EA, seria interessante aprofundar o questionamento de algumas pautas históricas que, atualmente, tendem a se tornar, cada vez mais, extemporâneas. Uma delas é a oposição que construímos historicamente, para distinguir uma

educação ambiental direcionada à mudança social em contraponto a outra, supostamente voltada apenas para a preservação da natureza. Ainda que essa oposição possa ter tido um sentido nos anos 1970, na afirmação de uma EA crítica, considero que faz algum tempo essa oposição deixou de trazer qualquer produtividade para a EA. (Carvalho, 2020, p. 47).

No artigo “Aprendizagens em tempos de fim de um mundo e de abertura de múltiplos mundos: reflexões desde a educação ambiental”, Isabel Carvalho e Ortega (2024) analisam a percepção da crise social e ambiental, incorporando a dimensão das catástrofes de Stengers (2015) e abrindo espaço para novas formas de pensar a trama viva deste mundo. Isso inclui novos modos de fazer ciência através de compreensões renovadas das relações entre os humanos e o mundo.

Aceitamos esse convite e desafio, avaliando que a ritmanálise pode emergir como uma possibilidade de compreensão e transformação da realidade, tal qual essa se apresenta. Incorporar o ritmo no campo da Educação Ambiental pode criar espaços para o entendimento de que o ser, a sociedade e a natureza não são opostos, antagônicos ou separados, mas imbricados. Este trio (o ser, a sociedade e a natureza), em seus ritmos articulados e relacionados conflituosamente, devem ser considerados numa tríade dialética, como aponta Lefebvre.

Dessa forma, poderemos superar a compreensão do pensamento — e do conhecimento que dele emerge — como uma abstração sintetizada em fórmulas, conceitos e proposições. Desde a ascensão do sistema capitalista, essa visão tem sido imposta sobre o real e o vivido relacional dos seres humanos, afetando suas relações em sociedade, sua interação com a natureza e sua própria compreensão da natureza em seu processo conflitivo, marcado por desigualdades, injustiças e pela exploração dos seres vivos e dos recursos naturais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre ritmos, aceleração e Educação Ambiental evidencia a urgência de reconsiderarmos a relação entre os ritmos naturais, sociais e tecnológicos. A ritmanálise revela como a aceleração neoliberal compromete processos produtivos, relações humanas e a saúde do planeta, gerando arritmias que se manifestam em crises ecológicas e adoecimentos individuais.

Argumentamos que a Educação Ambiental pode atuar na reapropriação dos ritmos e na construção de alternativas à lógica da aceleração. Inspirados em Lefebvre, Rosa, Han e Barthes, propomos que a Educação Ambiental incorpore a ritmanálise para reconhecer a complexidade das temporalidades e promover equilíbrio entre os ritmos da natureza, da sociedade e dos indivíduos. Mais que uma abordagem fragmentada da degradação ambiental, a Educação Ambiental deve fomentar ressonância entre os ritmos da vida, respeitando tempos próprios de aprendizagem e reflexão. Assim, ela tornar-se-á um espaço de experimentação de novos modos de habitar o tempo, promovendo justiça socioambiental e coexistência sustentável entre humanos e não-humanos.

Por fim, é importante destacar que esta reflexão emerge dos projetos de doutorado e pós-doutorado dos autores, cujas pesquisas foram recentemente aprovadas. Esse contexto reforça o caráter inicial e ainda em desenvolvimento dos conceitos aqui discutidos. Reconhecemos que, ao longo de nossas investigações, será necessário um aprofundamento teórico que possibilite amadurecer, revisar ou até mesmo refutar algumas das ideias apresentadas, contribuindo para um debate mais sólido e fundamentado sobre a relação entre ritmos, ritmanálise, aceleração e Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELRAD, Henri. *Os desastres e a ambientalidade crítica do capitalismo*. *Ciência & Trópico*, v. 45, n. 2, 2021. DOI: 10.33148/cetropicov45n2(2021)art6. Disponível em: [https://doi.org/10.33148/cetropicov45n2\(2021\)art6](https://doi.org/10.33148/cetropicov45n2(2021)art6). Acesso em: 30 jun. 2025.
- AMORIM, Filipi. V.; PINHEIRO, Samuel. L.; CALLONI, Humberto. Uma ressonância do tempo: os desafios contemporâneos da educação ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 14, n. 1, p. 48-57, 2019. DOI: 10.18675/2177-580X.vol14.n1.p48-57. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol14.n1.p48-57>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- BACHELARD, Gaston. *La dialectique de la durée*. Paris: Boivin, 1936.
- BAPTISTA, Pedro. *O filósofo fantasma*: Lúcio Pinheiro dos Santos. Sintra: Zéfiro, 2010.
- BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble*: cours et séminaires au Collège de France (1976-1977). Éditions du Seuil, 2002.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

- CARVALHO, Isabel C. M. Educação ambiental e movimentos sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. *Educação: Teoria e prática*, p. 46-46, 2001. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1597>. Acesso em: 11 jul. 2025.
- CARVALHO, Isabel. C. M. A perspectiva das pedras: considerações sobre os novos materialismos e as epistemologias ecológicas. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 9, n. 1, p. 69-79, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol9.n1.p69-79>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- CARVALHO, Isabel C. M. A pesquisa em educação ambiental: perspectivas e enfrentamentos. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 15, n. 1, p. 39-50, 2020. DOI:10.18675/2177-580X.2020-15126. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.2020-15126>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- CARVALHO, Isabel. C. M.; ORTEGA, Miguel A. Aprendizagens em tempos de fim de um mundo e de abertura de múltiplos mundos. *Revista Cocar*, n. 23, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7933>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Tecnologías digitales para un nuevo futuro (LC/TS.2021/43), Santiago, 2021. repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/879779be-c0a0-4e11-8e08-cf80b41a4fd9/content
- CUNHA, Rodrigo Sobral. *O essencial sobre ritmanálise*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.
- DIAS, Geraldo. Nietzsche, precursor da ritmanálise? A recepção luso-brasileira do pensamento nietzschiano pelo filósofo fantasma Lúcio Pinheiro dos Santos. *Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v11i3.27360>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, 1992.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica— o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2020.
- LAYRARGUES, Philippe P. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v.7, n.214, p.388-411, ago.-dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1677>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne* : Introduction.Paris : L'Arche 1958 [1947].
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne* : Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. Paris : L'Arche, 1961.

- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne* : de la modernité au modernisme. Pour une métaphilosophie du quotidien. Paris : L'Arche, 1981.
- LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.
- LEITE LOPES, José. S. *A ambientalização dos conflitos sociais*: participação e controle público da poluição industrial. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- MACHADO, Carlos. R. S.; CALLONI, Humberto. ADOMILLI, Gianpaolo. K. Olhares, pensares e fazeres sobre e na educação ambiental: reflexões sobre/desde os fundamentos ao campo atual brasileiro. *Ambiente e Educação*. p. 3-25, nov. 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/6252>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- MARTINS, Flávia; MOREAUX, Michel. Prefácio à edição brasileira. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p.7-24.
- MICHON, Pascal. Pourquoi la rythmologie?. In: *Rhuthmos*, 19 set. 2020. Disponível em: <https://www.rhuthmos.eu/spip.php?article2575>. Acesso em: 30 jun. 2025. RANDOM, Michel. *O pensamento transdisciplinar e o real*. São Paulo: Triom, 2000.
- REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- REVOL, Claire. Prefácio à edição francesa. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-46.
- REVOL, Claire. Préface. In: LEFEBVRE, H. *Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités*. Paris: Eterotopie, 2019.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração*: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Trad. Rafael h. Silveira. São Paulo: ed. UNESP, 2019.
- ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração*: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Petrópolis: Vozes, 2022.
- ROSA, Hartmut. *Aceleremos la resonancia!* Entrevista con Nathanael Wallenhorst. NED EDICIONES, 2023.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Porto Alegre: Autêntica, 2021.

CAPÍTULO IV:
NO TEMPO E ESPAÇO DAS CATÁSTROFES:
REFLEXÃO AOS FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL
E OS RITMOS.²⁰

CARLOS R. S. MACHADO

Estamos vivendo, nestes primeiros 25 anos do século XXI, impactos e injustiças decorrentes de problemas sociais (como guerras, crescimento do fascismo e aumento da intolerância religiosa e política) ambientais e climáticos, e isso configura um tempo de catástrofes, de crises e/ou eventos climáticos (Lefebvre, 2009 [1978]; Stengers, 2015; Camargo, 2018; Machado *et al.*, 2020; Shirts, 2022; Pereira e Fraga, 2018; Schmidt *et al.*, 2018) que não são naturais.

Os impactos de tais catástrofes, no entanto, não recaem sobre todos e todas igualmente, assim como os benefícios decorrentes do processo de transformar a natureza pelo trabalho humano (agricultura, indústria, serviços) também não são apropriados e distribuídos igualitariamente.

As riquezas, as terras e os espaços de poder foram apropriados desigualmente no passado em nossas cidades, nos estados e em nosso país, gerando desigualdades estruturais que se refletem no presente. Neste, os recursos e meios diversos são usados para perpetuar situações de injustiça e desigualdades pelos que vêm se beneficiando desse sistema. Isso ocorre através do domínio prático e ideológico, por sofisticados meios de produzir e re-produzir relações sociais (Lefebvre, 1973) em conformidade com valores, atitudes, competências e concepções dos grupos dominantes.

Quando menciono processo de produção e re-produção, enfatizo que não é somente pela justificação nem pelas explicações de ideólogos e funcionários do sistema vigente, ou seja, não é um processo de cima para baixo, de domínio via aparelhos ideológicos do Estado capitalista para convencer as pessoas de que sua condição de dominado, explorado ou discriminado é normal – e a partir disso estabelecer a manutenção sustentável do sistema, justificando-o. Apoiado em Lefebvre, entendo que tais processos são mais complexos e sofisticados para a produção do ser humano (o indivíduo) no

20 Este ensaio foi produzido como parte do projeto de pesquisa do autor, intitulado “O cotidiano na obra de Henri Lefebvre; contribuições à educação para a justiça socioambiental em tempos de catástrofes”, apresentado ao edital da Chamada CNPq n. 18/2024, e encaminhado ao PPGEA/FURG, vinculado ao respectivo programa de pós-graduação em 2025.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

agir como “empresário de si” (Dardot e Laval, 2016), compelido a pensar como eles (os dominadores, os exploradores e discriminadores) e sonhar a viver como eles²¹. Na atualidade, o agir, o pensar e o viver aceleradamente são itens da ideologia dominante.

As ideologias correspondem às condições momentâneas da *comunicação* entre os grupos e as classes, e, mais precisamente, da comunicação eficaz; isto é, visando e atingindo tal objetivo, segundo os interesses dos grupos considerados e suas relações de força (Lefebvre, 2005 [1968²²], p. 25).

Entretanto, quando ocorre um conflito, a “superestrutura” desaba. A falsa harmonia, o pensamento único, o absoluto, a verdade, a ordem sustentável rompem-se. Isso porque os conflitos sociais, ambientais, políticos, entre outros, indicam a existência de problemas na sociedade, e que determinados grupos estão sofrendo e vivendo sob as consequências de catástrofes, injustiças e desigualdades existentes.

Do ponto de vista educativo, o conflito cria uma ruptura momentânea no domínio ideológico produzido como consenso que se re-produz em cada cidade, bairro, entre as pessoas e entre estas e a natureza. Ao irem às ruas, às estradas, ao ocuparem casas, prédios, terras, meios de produção de condições de vida, ao pegarem em armas para superar ou resolver as causas de injustiças e desigualdades – grupos sociais, coletivos, partidos, movimentos, etc. rompem – momentaneamente – o totalitarismo da narrativa hegemônica dos capitalistas e seus funcionários. Nesses momentos, é aberta uma brecha, uma ruptura, nos fundamentos do sistema.

Essa perspectiva vem animando o trabalho de pesquisa, as orientações de TCCs, de dissertações, de teses e supervisões de pós-doutorado, assim como os debates no (e a partir do) Observatório dos Conflitos do Extremo Sul

21 Lembrei-me de um filme que apresentei várias vezes em minhas aulas de História, na educação básica, para discutir o capitalismo: – CARPENTER, John (Direção). *They live* [*Eles vivem*]. Estados Unidos: Alive Films/Universal Pictures, 1988. Filme (94 min). Trata-se de uma ficção científica e sátira social. Um trabalhador desempregado encontra um par de óculos escuros que lhe permite ver a intenção por trás das coisas e desvendar estruturas sociais dominantes. Assim ele descobre que pessoas importantes da vida política e social são alienígenas. Durante sua jornada, o protagonista compreende que os alienígenas espalham mensagens subliminares pelo mundo com o intuito de escravizar a humanidade. As mensagens são: compre, consuma, não questione, obedeça, etc.

22 Os colchetes [...] indicam a data da primeira edição.

do Brasil, sob minha coordenação e de outros colegas. A concepção de ação pedagógica dos conflitos nos impulsiona a agir na produção de uma educação para a justiça ambiental (Acselrad, Mello e Bezerra, 2009; Santos e Machado, 2021²³) com o intuito de materializarmos a utopia da justiça ambiental com o apoio da educação ambiental²⁴.

Nos últimos tempos, com a ampliação de catástrofes, começamos a identificar uma aceleração dos ritmos e, portanto, de arritmias nos três elementos referidos anteriormente (ritmos da sociedade; ritmos desta sobre os seres vivos; ritmos dos seres sobre a natureza/meio ambiente). Mediante esses fatos, sejam os conflitos sejam as catástrofes, urge incluir o indivíduo (seu vivido e seu presente) e seus ritmos na reflexão crítica dos fundamentos da educação ambiental em contraposição àqueles impostos pela sociedade capitalista sobre nós e sobre os ritmos da natureza/meio ambiente. Contudo, para além de refletir, é necessário se incluir na ação cotidiana subversiva na produção da educação para a justiça ambiental. E, desde uma educação ambiental que nos possibilite aprender a apreender; de uma pedagogia da apropriação e autogestão de nossos próprios ritmos; da gestão solidária e regenerativa com a natureza física e os demais seres vivos; e coletivamente produzirmos a superação das dominações, explorações e discriminações que a aceleração dos ritmos só faz aumentar.

1. CAPITALISMO, CATÁSTROFES E A ACELERAÇÃO DOS RITMOS

Alguns autores argumentam que estamos vivendo tempos de catástrofes (Lefebvre, 2009 [1978]; Stengers, 2015; Camargo, 2018; Machado et. al, 2020); outros se apóiamapoiam na ideia de uma nova era chamada Antropoceno (Latour, 2020) para caracterizar tais fenômenos; há também aqueles que indicam que está ocorrendo uma aceleração da vida, da sociedade, da exploração e da destruição da natureza física (Rosa, 2019 [2005], Pinheiro, 2024, Lopes, 2024, Serafim, 2024). A alteração do clima, que vem causando

23 Trata-se do livro 4 do Observatório dos Conflitos Urbanos e Socioambientais do Extremo Sul do Brasil – Este del Uruguay (Santos e Machado, 2021). Essa obra, assim como as demais, com reflexões do grupo de pesquisa, está disponível em: <https://observatorioconflitosextremosul.furg.br/videos/palestras-e-transmissoes-ao-vivo/65-livro-do-observatorio-conflitos-ambientais-e-urbanos-por-uma-educacao-para-a-justica-ambiental-2021>. Acesso em: 14 de jul. 2024.

24 Tal reflexão se iniciou em 2015, com o artigo Educação para a justiça ambiental: primeiros passos, publicado na revista *Ambiente e Educação*.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

eventos climáticos extremos – aos quais assistimos quase ou todos os dias nos meios de comunicação e nas redes sociais –, é o efeito mais imediato da alteração do clima em nossas vidas, gerado pelas catástrofes decorrentes do sistema-mundo (Wallerstein, 1995; Wallerstein, 2007; Pennaforte, 2011; Fiori, 2018; Bandeira, 2016).

No entanto, teria sido a partir dos últimos quarenta ou cinquenta anos que os processos catastróficos ficaram sem controle (—fato identificado, inclusive, por aqueles que acompanham o aumento das temperaturas do planeta (IPPC, *The International Plant Protection Convention*)—²⁵. Cientistas e investigadores ligados à educação ambiental ou ao ecossocialismo afirmam que teria sido nos fins dos anos 1950 ou na década de 1960 que emergiram os primeiros sinais de que a exploração, a destruição e a contaminação da natureza pelos humanos gerariam no futuro catástrofes como as atuais.

Nas últimas décadas, até mesmo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), através dos objetivos do milênio, buscou conscientizar as populações, as comunidades, os governos e as empresas a adquirir práticas sustentáveis e de cuidado com o planeta. É possível inferir, com base nisso, que tais entidades entendem que os problemas e catástrofes ambientais impactam todos e todas da mesma maneira. E disso as soluções devem partir de todas as pessoas, uma vez que somos responsáveis pelo que está acontecendo no planeta.

Contudo, a origem da ruptura socio-metabólica²⁶ do equilíbrio rítmico entre sociedade e natureza é a civilização capitalista. Sua origem está relacionada às invasões europeias da África, da América e da Ásia (depois de 1472), por meio do saque de riquezas minerais e florestais aliado à exploração de seres humanos (povos originários). Tais saques, roubos, mortes financiaram o “iluminismo”, o “renascimento” e a “modernidade” (1700-1800), ao mesmo tempo em que, promoviam a superação do obscurantismo feudal do catolicismo que se perpetuava no continente europeu há mais de mil anos. Tal processo foi chamado de acumulação primitiva por Karl Marx (2013, p.785-834), e está na origem da sociedade capitalista.

25 <https://www.ippc.int/en/>. Acesso em 6 jul. 2025.

26 O debate da ruptura sociometabólica causada pelo modo de produção capitalista é parte do debate a ser resgatado e discutido em reflexões futuras. Esse tema vem sendo discutido há algumas décadas no campo do marxismo ecossocialista, devido à inclusão da natureza como terceiro na relação capital x trabalho (ver a Fórmula trinitária de Marx) e pela ecologia política. Ver *Revista Margem Esquerda*, n.42, primeiro semestre de 2024, entrevista com John Bellamy Foster (Foster, 2024), e artigos de Michael Löwy, dentre outros (Löwy, 2005; Quijano, 2011).

Com as revoluções burguesas (1640, na Inglaterra; 1773, na colônia inglesa chamada atualmente de Estados Unidos da América; 1789, na França), tal sistema se consolida como dominante a partir do século XIX²⁷. E, apesar de ter gerado duas guerras mundiais no século XX, ter se militarizado e se tornado totalitário no fascismo e no nazismo, apesar de estar criando pandemias, catástrofes climáticas, desigualdades e injustiças, persiste como dominante. E isso apesar de alternativas como a revolução russa (1917), as revoltas, as greves e os levantes populares e socialistas (anos 1930), apesar da revolução chinesa (1949), da revolução cubana (1959), dentre outras nos anos 1960 e 1970, e além do maio de 1968, dos levantes estudantis e de trabalhadores e trabalhadoras.

Diria que, nos anos 1970, em contrapartida a tais contestações, os capitalistas retomam a iniciativa com a ofensiva contra o Estado de bem-estar criado logo após a Segunda Guerra Mundial, em contenção ao socialismo que crescia. No início da década seguinte, no Brasil pós 24 de anos de ditadura militar capitalista, focam na apropriação das empresas estatais criadas com recursos públicos. No mundo, começa a se desenvolver um novo modo de acumulação que David Harvey (1992) chamou de “flexível”. Tal processo foi possível, e potencializado, devido à criação de organismos internacionais que passaram a gerir – e ainda gerem – o “bem-estar do sistema mundial” financeirizado, que emergiu nos anos 1970 e ampliou o poder nos 1980, dominando tudo e todos (seres, natureza, pensamentos).

Predomina, ainda, como centro do domínio global, a hegemonia estadunidense e aliados capitalistas, devido à história pregressa de construção de meios e condições de domínio global, seja pelo próprio Estados Unidos da América, seja pelo G7²⁸, composto de países satélites, dependentes, servis aos EUA); mas também, devido à manutenção de bases militares (Chalmers,

27 Os camponeses, os trabalhadores, os pobres, os deserdados que serviram de força e apoio às revoluções contra os reis e à igreja católica foram deixados fora da “utopia” que tornava realidade através do sistema emergente no século XIX – o capitalismo. Contudo, cedo se levantam, como, por exemplo, aqueles que, logo após o manifesto comunista, em 1848, criaram a comuna, em 1871, revoluções, levantes populares e auto-gestionários, etc. Em cada país, região e cidade são possíveis encontrar exemplos de rebeldia, de conflitos contra as injustiças e as desigualdades, e todos esses acontecimentos criaram rupturas, brechas, suspensão momentânea da dominação e *insights* de liberdade e de emancipação. Algumas vitoriosas, outras parciais, mas os seus efeitos nunca desapareceram nem desaparecerão.

28 O G7, ou Grupo dos Sete, é um fórum político e econômico que reúne os líderes de sete das maiores economias do mundo: Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos.

2007)²⁹ e serviços de dominação cibernética via *big techs*³⁰(Ramonet, 2016; Snowden, 2019), pelos organismos internacionais,³¹ pelos meios de comunicação tradicionais, que buscam manter a harmonia entre os dominados, explorados e injustiçados.

Atualmente, se o sistema capitalista ainda domina o espaço mundial e global, não sem contradições nem conflitos, já que a ascensão da China e do BRICs,³² amplia o questionamento da ordem dominante sob a hegemonia do dólar e dos EUA. E disso, a encruzilhada em que vivemos no sistema geopolítico global: a manutenção da atual ordem socioeconômica e política, e, portanto, o possível fim da vida sob a face da terra; ou, ao contrário, a criação de uma nova ordem mundial multipolar com novos Organismos Internacionais para produzir o fim da dominação, da exploração e das discriminações de tudo e de todos e todas.

Todavia, assim como o conflito causa uma ruptura da dominação ideológica e prática, as catástrofes atuais estão a anunciar a ruptura nas explicações de que tais eventos extremos são naturais. , ou causados pela natureza. Por exemplo, os impactos da catástrofe climática que aconteceu no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, capital, e na região do extremo-sul, na cidade do Rio Grande (onde moro e vivo, estudo, trabalho, luto) evidenciaram tal ruptura, momentânea, e o quão o governo e os demais órgãos municipais estão despreparados na mitigação, preparação e adaptação da cidade e da população para eventos climáticos extremos (Gautério, Machado e Rodrigues, 2024).

Tal interpretação – de uma ordem longínqua, conforme diria Henri Lefebvre – impacta, domina e se impõe como realidade concebida sobre o cotidiano, sobre as pessoas, sobre o que pensam e como agem no dia a dia. E é

29 “Meio milhão de soldados, espões, técnicos, instrutores, dependentes e construtores civis, bem como dezenas de forças-tarefas de porta-aviões navegando por remotos mares e oceanos” (Chalmers, 2007, p.7). Em setembro de 2001, o “departamento de defesa admitiu a existência de 725 bases militares americanas fora do país” (Chalmers, 2007, p.11).

30 Empresas de grande porte que dominam o mercado de tecnologia e inovação, impactando significativamente a economia e a vida das pessoas em todo o planeta.

31 Segundo Kristalina Georgieva, “o plano de Javier Milei é positivo por atacar “todas as frentes” dos problemas enfrentados pela Argentina, mas ela disse que o país precisa proteger a população mais pobre”. JORNAL *Valor Econômico*, São Paulo, 16 jan. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/01/16/diretora-do-fmi-clogia-programa-de-milei-mas-pede-foco-nos-mais-vulnerveis.gh.html>. Acesso em: 14 abr. 2024.

32 Sobre o Brics, ver história, países que compõem e seus objetivos em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/cupulas-do-brics/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics>. Acesso em 8 mar. 2024.

nesse cotidiano, no vivido, com base nos problemas e nos conflitos, que estou buscando refletir sobre os ritmos.

2. DOS RITMOS DAS CATÁSTROFES AO DO COTIDIANO

Parto de um ponto de vista, um lugar, uma cidade (local de trabalho, de luta), ou seja, desde o meu vivido e de como concebo as coisas, as relações entre e com outros/outras e o ambiente natural e demais seres vivos para criar o conteúdo das reflexões aqui expostas. Esse exercício se configura na tentativa de me apropriar da ritmanálise ao mesmo tempo em que analiso a realidade social e natural desde a teoria dos ritmos de Henri Lefebvre.

Recentemente, a ritmanálise foi publicizada em Portugal por Rodrigo Sobral Cunha (2010), numa reflexão com perspectiva criacionista da tradução de partes do livro de Bachelard (dialética do tempo/duração, 1994), e por Pedro Baptista (2010), que detalhou as peripécias de seu criador - Lucio Pinheiro dos Santos - e sua produção em artigos, cartas, documentos, além da tradução completa do texto de Bachelard (1994) que resenha o livro de Pinheiro dos Santos. Na França, além de Clare Revol (2019; 2021), Rémi Hess (2000, 2007) e Pascal MPichon³³ vêm estudando os ritmos. No Brasil, Flávia Martins e Michel Moreaux traduziram o livro *Elementos de ritmanálise* (Lefebvre, 2021), que já vinha sendo lido e discutido por grupos de estudos e pesquisas³⁴.

A perspectiva que nos guia é a de Henri Lefebvre em seu livro sobre ritmanálise, publicado em 1992 por Catherine Regulier. Nesse livro, Lefebvre resgata as contribuições de Pinheiro dos Santos e Bachelard e vai além. Em minha opinião, Lefebvre buscou incorporar nas reflexões sobre os ritmos do/no vivido dos concebidos que veio produzindo ao longo de suas obras, tentando interligar o ser/corpo/subjetividade com e na sociedade, bem como tenta estabelecer a conexão do ser/corpo/subjetividade e sociedade com a natureza/cosmos. No entanto, não constituindo apenas uma reflexão, uma teoria, um concebido, mas incluindo o ser em seus ritmos no agir da dialética relacional conflitiva (ser/sociedade/natureza)³⁵ em seus conflitos e contradições

33 Pascal Michon fez, em 2019, uma descrição densa e importante que resgatarei nas reflexões de minha pesquisa. Mais informações em: <https://www.rhythmos.eu/spip.php?auteur2>, acesso em 5 jul. 2025.

34 Clare Revol desenvolveu uma tese e reflexões sobre os ritmos a partir de Lefebvre; Rémi Hess vem traduzindo e refletindo sobre a produção de Lefebvre em prefácios e apresentações de livros do autor.

35 Estudiosos do tema ritmos em Lefebvre afirmam que, desde os anos 1960, há indícios em suas obras do tema dos ritmos, com mais concentração nos anos 1970. Na tradução brasileira de 2021, isso pode ser evidenciado pelos artigos incluídos: O projeto ritmanalítico, de 1988; A reflexão sobre as cidades mediterrâneas, de 1986. Vale pensar que um homem de 86/88 anos, portanto um idoso, que

do/no capitalismo.

O tema dos ritmos, conforme Claire Revol (2019, 2021) é parte de um “projeto lefebvriano mais em longo prazo” sobre o cotidiano, e, portanto, seria o quarto volume das três obras anteriores de Henri Lefebvre (1947 [1958]; 1961; 1981). Tanto Lefebvre como Bachelard reconhecem ser Lúcio Pinheiro dos Santos o criador da teoria dos ritmos. No entanto, Lefebvre difere de Bachelard ao considerar “o agenciamento da trama rítmica que separa e relaciona os indivíduos nos tempos e espaços sociais [...] [e que] a intervenção sobre esta trama rítmica pode dar suporte aos esforços de apropriação dos espaços sociais e dos tempos sociais.” (Revol, 2021, p.34). Ou seja, ele está propondo não somente pensar e identificar os ritmos, mas intervir – enquanto ser em seu vivido – na trama rítmica como parte da apropriação das relações sociais e na produção da obra – da nossa obra, individual e coletiva (Lefebvre, 1983 [1980]).

No capítulo 1 do livro *Elementos de ritmanálise*, intitulado “A crítica da coisa”, o autor diz que o estudo dos ritmos pode ser realizado de duas maneiras: 1) podem ser estudados e comparado os ritmos dos corpos, vivos ou não, nesse caso próximo da prática – eu diria desde o vivido, do cotidiano, desde os ritmos do corpo daquele que o/a analisa, que o estuda, ou seja, do/da ritmanalista; 2) a segunda maneira consiste em partir dos conceitos. Na primeira abordagem, parte-se do concreto; na segunda, do abstrato. Contudo, as duas maneiras, não são excludentes, mas se completam, segundo Lefebvre, complementando: “Aqui, seguiremos o segundo, mais filosófico, com seus riscos: a especulação em lugar da análise, o arbitrário *subjetivo* em lugar dos fatos. Com muita atenção e precauções, avança-se esclarecendo o caminho.” (Lefebvre, 2021, p. 55).

Mas o que seria o ritmo? O ritmo aqui tratado não é igual a movimento, velocidade, encadeamento de gestos ou de objetos (máquinas, por exemplo); não é um ritmo mecânico– “Há uma tendência de se atribuir aos ritmos uma feição *mecânica*, deixando de lado o aspecto *orgânico* dos movimentos ritmados.” (Lefebvre, 2021, p. 56. Grifos no original). Ele cita como exemplos de ritmo “mecânico” a sequência dos compassos (músicos), os historiadores e economistas, com períodos, etapas, ciclos, épocas, ou os ritmos da ginástica, com sucessão de gestos. Perspectivas que “[...] tendem

estava lutando teórica e reflexivamente em seu vivido contra o capitalismo e buscando superá-lo.

a só ver neles os efeitos das *leis* impessoais, sem relações coerentes³⁶ com os *atores*, as ideias, as realidades” (Lefebvre, 2021, p. 56. Grifos no original).

[...]. Não existe ritmo sem repetição no tempo e no espaço, sem *reprises*, sem retornos, isto é, sem medida³⁷. Mas não há repetição absoluta, idêntica, indefinidamente. Decorre disso a relação entre repetição e a diferença. Que se trate do cotidiano, dos ritos, das cerimônias e das festas, das regras e das leis, há sempre algo de imprevisto, algo novo que se introduz no repetitivo: uma diferença. (Lefebvre, 2021 p. 56).

Neste ponto, recorro a teoria dos resíduos, uma reflexão que fiz sobre o tema com Bruno Morais e Carlos R. S. Machado (2016)³⁸, mas, também, outra realizada por William Soto (2016; 2021). De acordo com essas reflexões, os resíduos e as diferenças³⁹ teriam um papel importante contra o domínio do único e do absoluto. Os resíduos que vicejam no vivido, na prática, nos cotidianos dos processos de trabalho e nos espaços da sociedade mais ampla advêm das contradições e dos conflitos gerados nas relações entre os humanos e a natureza, daquilo que chamamos de “materialidade relacional conflitiva”. Se os conflitos e as catástrofes são os momentos de ruptura, os resíduos e as diferenças abrem “outra brecha”, que poderia ser aproveitada subversivamente.

Aqui envolve mais concretamente o papel e a ação do ser em suas ações e decisões sobre de que lado vai estar, em que lado vai se posicionar. Isso porque, se o sistema capitalista se impõe através da produção e da reprodução das relações sociais e do concebido sobre o vivido, tal imposição não é absoluta. No momento em que isso ocorre como *presença* – no momento do conflito, no momento da catástrofe –, cada indivíduo é provocado a se posicionar em um dos lados do conflito (dos injustiçados ou dos causadores),

36 Questão: De que coerência Lefebvre está falando?

37 Nota dos tradutores do texto citado: “Em francês, a palavra *mesure* significa, ao mesmo tempo, medida e compasso. Ora optamos por medida, ora optamos por compasso, dependendo do contexto.” (Lefebvre, 2021, p. 56, nota de rodapé 1.).

38 Ver artigo dos autores em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/9246>, acesso 5 jul. 2025.

39 Lefebvre escreveu um pequeno livro em inícios dos anos 1970 intitulado *Manifesto Diferencialista*. Está disponível em: <https://blogdaconsequencia.wordpress.com/2018/11/30/por-que-este-manifesto-diferencialista-1970>. Acesso em: 5 ago. 2025.

assim como as origens e impactos das catástrofes. Ao assumirmos o lado, ou ao estarmos entre os injustiçados, os dominados e os discriminados, podemos como sujeitos em conexão com outros indivíduos, ampliar a luta contra os ritmos impostos pelo capitalismo. Ao mesmo tempo, ao nos apropriar de nosso ritmo individual, podemos potencializar a nossa defesa da natureza física, de sua proteção e cuidados dela e dos demais seres vivos neste planeta.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As catástrofes ocuparam todos os espaços (mundial, das cidades e das e nas relações entre as pessoas) e, no tempo presente, são geradas de forma avassaladora, impactando as populações de diferentes formas. As catástrofes são arritmias do sistema capitalista e se manifestam como eventos extremos, alteração do clima, via injustiças, doenças e pandemias (como covid-19, ebola, Zika-vírus), mas também, como precarização generalizada dos trabalhadores e das trabalhadoras (Machado, 2022), a desigualdade absurda na apropriação da riqueza mundial, causando a fome e as misérias (Farina e Machado, 2024), o aumento do racismo (Silva, 2023), o adoecimento (Furlong, 2024), bem como as guerras híbridas (Korybko, 2018; Freitas, 2019; Leirner, 2020), etc. Todos esses eventos são decorrentes da aceleração capitalista a partir dos anos 1970, com a financeirização. Do ponto de vista ambiental, depois do uso da energia nuclear a partir da Segunda Guerra Mundial, pelos Estados Unidos, houve um momento de ruptura rítmica e destrutiva (Foster, 2024) que vem sendo chamado de antropoceno e de outras denominações.

O antropoceno decorreu da imposição do ritmo capitalista sobre a sociedade, sobre o ritmo da natureza e sobre os ritmos humanos (mentais e corporais) iniciado após as “revoluções burguesas” nos séculos XVIII e potencializado nos séculos XIX e XX. As catástrofes sociais, ambientais e climáticas em que estamos vivendo decorrem desse processo, iniciado há 250 anos. Mas os impactos e as consequências de tais catástrofes não atingem todos nem todas da mesma forma; há aqueles que se beneficiam dessas catástrofes ou até mesmo ganham dinheiro com a desgraça das pessoas menos favorecidas economicamente, social e politicamente. É o modo de produzir, explorar e destruir a natureza e os trabalhadores e trabalhadoras que está gerando as catástrofes.

Por fim, visando conectar a ideia dos ritmos aos três elementos citados, ou seja, *o ser, a natureza e a sociedade*, diria que: **o ser humano** é impactado

pela aceleração dos ritmos, seja pelos processos produtivos flexíveis, seja pela destruição ambiental e pelas catástrofes climáticas, etc. Tais processos concretizaram o que, teoricamente, Henri Lefebvre identificou nos anos 1960 e inícios de 1970, de que o capitalismo passaria a focar na “produção e re-produção” das relações sociais de produção em todos os espaços da sociedade. E de que, diria, impedindo que as populações, diante das desgraças generalizadas, se levantem para alterar situações, contextos e o sistema. O ponto a ser observado é que a indução gerada nesse processo de produzir e re-produzir o sistema cultural dos capitalistas e seus funcionários desde os anos 1960/1970, estaria predominando no âmbito individual.

A **sociedade** também teve seu ritmo acelerado pela indução do sistema vigente na produção de mercadorias. A mercadoria e o valor de troca ocuparam todos os espaços das relações entre os seres, com a natureza e nas formas de pensar e viver, mas principalmente subordinaram as sociedades e a vida cotidiana aos processos financeiros e criaram uma desconexão entre a riqueza material construída (concreta, existente) e a riqueza fictícia de “papeis”. As cidades (Acselrad, 2009; Carlos, Volochko e Alvarez, 2015; Arantes, Vainer e Maricato, 2009) tiveram seus ritmos acelerados devido ao domínio abusivo de meios de transporte altamente poluidores, por eventos financeiros e especulativos (Summits⁴⁰, do turismo predatório⁴¹, etc.), por guerras (Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria, Ucrânia, Palestina, etc.) e guerrilhas urbanas promovidas por milícias e traficantes (África, América do Sul, Equador, EUA, etc.) em disputa por riquezas, territórios, etc. E a **natureza**, aqui como o ambiente físico e natural (as florestas, mares, terras, etc.) está sendo explorada, destruída e contaminada de forma avassaladora para produzir mercadorias. As estações do ano estão sendo alteradas, assim como os ecossistemas estão prejudicados na sustentabilidade da vida e em sua regeneração.

Enfim, o ritmo vivido pelos indivíduos tem influência do ritmo da sociedade realmente existente – o capitalismo – e da natureza externa (física ou natural). Pensar ritmicamente, ou ritmanalizar, significa, então, inverter o processo e partir do vivido, do cotidiano, “desde a materialidade real e

40 Ver: <https://portuguese.stackexchange.com/questions/9718/por-que-motivo-se-passou-a-usar-muito-a-palavra-summit-em-portugu%C3%AAs>. Acesso em 14 jun. 2024.

41 Ver: <https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/entenda-diferenca-entre-turismo-predatorio-e-ecoturismo/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

conflitiva” no pensar e no agir, incluindo-se no processo e no conteúdo desses ritmos interconectados dialeticamente em conflitos permanentes e contradições.

Espero que tais temas – do indivíduo, do cotidiano e dos ritmos – sejam incluídos nas reflexões da e para uma educação para a justiça ambiental. De minha parte, ao buscar viver tendo os ritmos em consideração, ou mais diretamente, produzir-me como ritmanalista de meu próprio ritmo, autogerido em conflito com aquele imposto pelo capitalismo, e da natureza onde viverei em cada momento desde o ano de 2025. A pesquisa do projeto referido ao início focará em determinados momentos, em determinadas cidades, seus estudos empíricos. Nesses momentos, aquele que escreve este ensaio se incluirá no conteúdo das reflexões, percebidas no processo de produção reflexiva da e na pesquisa, interconectado tanto com a sociedade quanto com a natureza nos momentos de sua realização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACSELRAD, Henri (org.). *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. 5ª ed. (1. ed. 2000). Petrópolis: Vozes, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. Tradução de Marcelo Coelho. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 135p. [Traduzido de: *La dialectique de la durée*, 1936].
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A desordem mundial: o espectro da total dominação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BAPTISTA, Pedro. *O filósofo fantasma: Lúcio Pinheiro dos Santos*. Sintra: Zéfiro, 2010.
- CAMARGO, João. *Manual de combate às alterações climáticas*. Lisboa: Parsifal, 2018.
- CARLOS, Ana Fani; VOLOCHKO, Danilo e ALVAREZ, Isabel Pinto (org.). *A cidade como negócio*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, Rodrigo Sobral. *O essencial sobre ritmanálise*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

- FARINA, Sinval; Machado, Carlos R. S. Fome, distribuição de alimentos e educação: contribuição ao processo educativo na superação da injustiça alimentar no Brasil. *Revista NORUS* (UFPel), v. 12, n. 22, p. 153-178, ago.-dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/28606>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- FIORI, José Luis (org.). *Sobre a guerra*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FOSTER, John Bellamy. Entrevista concedida a Michael Löwy, Maria Orlanda Pinassi e Fabio Mascaro Querido. *Revista Margem Esquerda*, n. 42, p. 5–15, jan./jun. 2024. São Paulo: Boitempo, 2024.
- FREITAS, Ilton. *Guerra híbrida contra o Brasil*. Porto Alegre: Liquidbook, 2019.
- FURLONG, Ana. *Aportes da psicologia na educação para a justiça ambiental frente à crise climática: a enchente de 2024 no RS e o caso de Rio Grande*. [Projeto de tese]. Rio Grande: PPGEA/FURG, 2024.
- GAUTÉRIO, Daiane Teixeira; MACHADO, Carlos Roberto da Silva; RODRIGUES, Jean Carlos Souza. La Relación Educativa/Ambiental y de Desarrollo Presente en las Campañas Municipales de Río Grande: Reflexiones Críticas 2020–2024. Trabalho apresentado como resumo expandido no II Seminário Brasil/FURG e Cuba/Universidad Marta Abreu de Las Villas e completo no evento realizado no IV Taller.
- LEIRNER, Piero C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. São Paulo: Alameda, 2020.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves) São Paulo: Loyola, 1992.
- HESS, Rémi. Henri Lefebvre et la pensée de le l'espace. In. LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].
- JOHNSON, Chalmers. *As aflições do império: militarismo, operações secretas e o fim da república*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. (Tradução de Maryalua Meyer; revisão técnica de André Magnelli) São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu editora/Ateliê de Humanidades, 2020.
- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la viequotidienne: fondements d'une sociologie de la quotidieneté*. Vol. II. Paris: L'Arche Éditeur, 1961.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

- LEFEBVRE, Henri. *Critique de la viequotidienne: de la modernitéaumodernisme* (pour une métaphilosophie du quotidien). Vol. III. Paris: L'ArcheÉditeur, 1981.
- LEFEBVRE, Henri. Da teoria das crises à teoria das catástrofes. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 13, n. 1, p.138-152, 2009. (Tradução de Anselmo Alfredo, Carolina Massuia de Paula e Thomas Ficarelli de excerto da obra: LEFEBVRE, Henri. *De l'État: Lescontradictions de l'Étatmoderne* (tomo IV de Del'État). Paris: Union générale d'éditions, 1978.) Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74117>. Acesso em: 1 jul. 2025.
- LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse et autresessaissurlestemporalités*. Paris: Eterotopia/Rhizome, 2019. (Comprende textos originalmente publicados em 1992, incluindo “Introduction à laconnaissancedesrythmes” e ensaios adicionais.)
- LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades*. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.
- LEFEBVRE, Henri. Introducción a la crítica cotidiana. In: LEFEBVRE, Henri. *El marxismo sin mitos*. Vol. I. Buenos Aires: Editorial A Pena LILLO, 1967 (1. ed. 1947; reed. 1958).
- LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia* – contribución a la teoría de las representaciones. México: Fundo de Cultura Económica, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].
- LEFEBVRE, Henri. Psicologia das classes sociais. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 37, p. 21-41, 2005. (Tradução de Ana Cristina Nasser da obra: LEFEBVRE, Henri. *Traité de sociologie II*, sob direção de Georges Gurvitch, PUF, Paris, 1968).
- LEFEBVRE, Henri. A re-produção das relações sociais. Porto: Scorpião, 1973. (tradução de capítulo da obra: LEFEBVRE, Henri. *La survieducapitalisme: lareproductiondesrapports de production*. 3.ªéd. Paris: ÉditionsAnthropos, 1973.).
- LOPES, Raizza. *Os ritmos e a ritmanálise no tempo das catástrofes e da aceleração da vida: contribuições aos fundamentos da educação ambiental para a justiça socioambiental*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, 2024. Projeto de tese de doutorado em andamento.
- LÖWY, Michael. *O que é o ecossocialismo?*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MACHADO, Tainara Fernandes. A precariedade e a classe trabalhadora: retratos sociológicos de jovens adultos com percursos precarizados no Brasil e em Portugal. Porto: FLUP/Porto, Departamento de sociologia, 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/148419>. Acesso em: 9 mar. 2025.

- MACHADO, Carlos R. S.; MACHADO, Tainara F.; TORTELLI, Guilherme;
CAMARGO, João. *Ação dos oprimidos contra o vírus capitalista*: reflexões desde o vivido. São Paulo: Lutas Anticapital, 2020.
- MARX, Karl. *O capital*: crítica da economia política. Livro I: *O Processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- PENNAFORTE, Charles. *Análise dos sistemas-mundo*: uma pequena introdução ao pensamento de Immanuel Wallerstein. Rio de Janeiro: Cenegri, 2011.
- PEREIRA, Cristovão; FRAGA, Maria da Glória. *(In) justiça global. Lisboa*: o imperativo da mudança para um mundo melhor. Lisboa: Colibri, 2018.
- PINHEIRO, Samuel Lopes. *Ritmos do Antropoceno e mudanças paradigmáticas em Educação Ambiental no Brasil e na França*. FURG/PPGEA (Brasil) e Université Catholique de l'Ouest – UCO (França), 2024. Projeto de pesquisa de pós-doutorado em andamento, com financiamento MCTI/CNPq (chamada 16/2024, vigência 2025-2026).
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina, In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber*: eurocentrismo y ciencias sociales – perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Ciccus/Clacso, 2011.
- RAMONET, Ignácio. *El Imperio de la vigilancia: nadie está a salvo de la red global de espionaje*. Madrid: Clave Intelectual, 2016.
- REVOL, Claire. Prefácio à edição francesa. In: LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise*: e outros ensaios sobre temporalidades. Trad. Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-46.
- REVOL, Claire. Préface. In: LEFEBVRE, H. *Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités*. Paris: Eterotopie, 2019.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. Tradução de Rafael H. Silveira; revisão técnica de João Lucas Tziminadis. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.
- SANTOS, Caio Floriano dos; MACHADO, Carlos R. S. (orgs). Conflitos ambientais e urbanos: por uma educação para a justiça ambiental. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021. Disponível em: https://observatorioconflitosextremosul.furg.br/images/Miolo_Conflitos-Ambientais-e-Urbanos-Final.pdf. Acesso em: 2 jul. 2025.
- SCHMIDT, Luísa et al. *Sustentabilidade*: primeiro grande inquérito em Portugal. Lisboa: UNIV Imprensa de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (coleção Observatórios ICS, n.º 6), maio 2018. 1 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/35134>. Acesso em: 1 jul. 2025.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

SERAFIM, Guilherme dos Santos. *As enchentes de maio de 2024 e 1941 na cidade do Rio Grande:*

um olhar histórico do presente para o passado através de uma educação para a justiça ambiental. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, 2024. Projeto de tese de doutorado em andamento.

SHIRTS, Matthew; GREENPEACE BRASIL. *Emergência climática: o aquecimento global, o ativismo jovem e a luta por um mundo melhor*. São Paulo: Claro Enigma, 2022.

SILVA, Alexandre Silva da. RACISMO ESTRUTURAL E AMBIENTAL NA CIDADE DE RIO GRANDE-RS: AS RAÍZES E FUNDAMENTOS DA INJUSTIÇA AMBIENTAL. Rio Grande: PPGEA/FURG, 2023. Projeto de tese em desenvolvimento.

SNOWDEN, Edward. *Eterna vigilância: como montei e desvendei o maior sistema de espionagem do mundo*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

SOTO, William H. G. *Una sociología de los residuos: una nális de la perspectiva teórica y metodológica de José de Souza Martins. Sociedade e Estado*, Brasília, v.31, Supl. espec., p.1051–1070, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6230>. Acesso em: 2 jul. 2025. (III Congreso Uruguayo de Sociología “Nuevos escenarios sociales: desafíos para la sociología”, Montevideu/Uruguay.2015.)

SOTO, William H. G. La teoria de los residuos de Henri Lefebvre. Texto apresentado no evento *Henri Lefebvre y la producción del espacio: entramados de resistencia al capitalismo*, Montevideu, Uruguai, maio 2021.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O universalismo europeu: a retórica do poder*. (Tradução de Maria Beatriz de Medina) São Paulo: Boitempo, 2007.

CAPÍTULO V:
RITMANÁLISE DE LEFEBVRE E NOÇÃO DE AFETO:
CAMINHOS DE APROPRIAÇÃO A PARTIR DA GEOGRAFIA
ANGLO-SAXÔNICA

MICHEL MOREAUX

O intuito desta contribuição é relacionar a ritmanálise de Lefebvre (1992, 2021) com a noção de afeto, que foi muito ressaltada pelos geógrafos anglo-saxônicos das chamadas teorias não-representacionais, tão bem apresentadas por Paiva (2017). Revol (2012, 2015) apresenta detalhadamente o sucesso que o pensamento de Lefebvre teve nos *urban studies* anglo-saxônicos a partir dos anos 1970.

Num primeiro momento, este artigo levanta alguns caminhos de apropriação da ritmanálise de Lefebvre que foram trilhados na geografia anglo-saxônica. Em seguida, serão expostos alguns temas que a ritmanálise possibilitou retrabalhar com base nas teorias não-representacionais, por intermédio de autores que leram a obra de Lefebvre com atenção, mas propuseram outros caminhos de pesquisa e uso de novos conceitos, como a noção de afeto.

1. CAMINHOS DE APROPRIAÇÃO DA RITMANÁLISE DE LEFEBVRE NA
GEOGRAFIA ANGLO-SAXÔNICA

Revol (2012) apresenta detalhadamente o sucesso que o pensamento de Lefebvre teve nos *urban studies* anglo-saxônicos a partir dos anos 1970 e, sobretudo, a partir das geografias pós-modernas e do *spatial turn* que estas celebraram já no final dos anos 1980 – fatos que explicam o sucesso da tradução do livro *Produção do espaço*, publicada em 1991. Nessa perspectiva, David Harvey foi um dos pensadores marxistas que dialogou diversas vezes com o pensamento de Lefebvre, desde o *Social justice and the city* (Harvey, 1973) até *Rebel cities* (Harvey, 2012). Por sua vez, Edward Soja (1989) foi um autor que popularizou certos escritos de Lefebvre acerca do urbano ao longo dos anos 1980, embora muitos concordem, como Schmid (2008), que ele interpretou de forma bastante específica o sentido da dialética de Lefebvre, assim como se apropriou de maneira singular de sua tríade percebido-concebido-vivido.

Mais recentemente, vários livros e coletâneas foram publicados destacando os aportes do pensamento de Lefebvre para questões que abordam o espaço e o cotidiano (Goonewardena *et al.*, 2008; Shields, 1999; Merrifield, 2006). Revol (2012, p.110) cita o livro *Writing on cities* (Kofman e Lebas, 1996), que apresenta, entre outras coisas, o capítulo “Visto da Janela”, da obra *Éléments de ritmanálise*, e o “Ensaio de ritmanálise das cidades mediterrâneas” (Lefebvre e Regulier, 1986). Revol (2012) explica que esse recorte da obra de Lefebvre permitiu dar ênfase aos aspectos temporais do pensamento desse autor que tinham sido pouco percebidos pela leitura pós-moderna:

A ritmanálise ressalta dimensões que não foram muito abordadas, em particular a influência de Nietzsche sobre o pensamento de Lefebvre, bem como sua reflexão sobre o corpo e a experiência vivida da cidade. As editoras do livro, Eleonore Kofman e Elizabeth Lebas, explicam, na introdução, as escolhas que guiaram a transposição da obra. A ritmanálise, portanto, está, no conjunto dos escritos de Lefebvre sobre a cidade, num lugar que não teria sido ocupado caso os textos tivessem sido selecionados em outro contexto, no âmbito da geografia radical, por exemplo. Certamente, isso resulta também de uma tradição humanista nos estudos urbanos, herdada dos pensadores dos anos 1960 nos Estados Unidos, como Jane Jacobs, que ainda é muito influente: os leitores anglo-saxônicos são sensíveis ao projeto ritmanalítico, que permite experimentar o dinamismo da rua. Isso abre campos de investigação interessantes, que estão em defasagem se comparados a uma leitura mais tradicional dos aportes do pensamento de Henri Lefebvre dentro dos estudos urbanos (Revol, 2012, p. 111).

O livro *Éléments de rythmanalyse* foi finalmente traduzido na íntegra em 2004, por Stuart Elden e Gerald Moore. A introdução, escrita por Elden, ressalta para o leitor anglo-saxônico o interesse que subjaz esse livro:

É um trabalho que mostra por que Lefebvre foi um dos mais importantes pensadores marxistas do século XX, mas, ao mesmo tempo, ilustra como o seu trabalho criticou e foi além desse paradigma, incorporando intuições de outros tipos numa mistura inebriante de ideias, ilustrações e análises. Na análise dos ritmos biológicos, psicológicos e sociais, Lefebvre mostra a inter-relação no entendimento do espaço e do tempo para a compreensão da vida cotidiana. Esse tema de espaço e tempo é importante, pois, talvez

antes de mais nada, Lefebvre mostra o quanto eles precisam ser pensados juntos, ao invés de separados. Para a audiência de língua inglesa que se interessa pelo seu trabalho, apresenta o quanto uma concepção não linear do tempo e da história equilibra o seu famoso pensamento inovador relativo à questão do espaço (Elden, 2004, p. VII. Tradução nossa).

Portanto, Elden ressalta o reequilíbrio necessário em relação às leituras que foram feitas acerca da produção do espaço. Destaca o quanto esse livro pode contribuir para os estudos culturais e como foi a oportunidade, para Lefebvre, de retrabalhar temas que estavam presentes em livros anteriores, permitindo-o tratar, de maneira privilegiada, a questão do cotidiano.

O livro *Geography of rhythms: nature, place, mobilities and bodies*, organizado pelo geógrafo Tim Edensor (2010), foi o primeiro que identifiquei com foco exclusivo numa “geografia dos ritmos”. Embora o autor logo declare, na introdução, que o livro *Rhythmanalysis*, de Lefebvre, publicado em 2004 em língua inglesa, foi o pontapé inicial das múltiplas contribuições que compõem a coletânea, Edensor anuncia que se trata, de modo mais abrangente, de uma reflexão sobre “como os ritmos moldam a experiência humana no espaço-tempo e permeiam a vida cotidiana e os lugares” (2010, p. 1). De fato, apesar de todos os autores dessa coletânea citarem Henri Lefebvre, cada um apresenta uma pesquisa que se apropria do conceito de ritmo no seu próprio campo empírico, o que os conduz a formular ou aprofundar outros conceitos. Assim, esses diferentes autores abordam a improvisação, a síncope, a dialética entre repetição e diferença, a temporalidade do lugar, a arritmia, a polirritmia, entre outros conceitos.

O livro *Geography of rhythms: nature, place, mobilities and bodies*, é composto de cinco partes “temáticas”, intituladas respectivamente: Parte 1: “Poder e ritmos do lugar”; Parte 2: “Ritmos de resistência”; Parte 3: “Ritmos da mobilidade”; Parte 4: “Adestramento e corpos”; Parte 5: “Ritmos e sócio-naturezas”.

A introdução, escrita por Edensor, sintetiza todas essas abordagens, prestando homenagem ao livro de Lefebvre, mas construindo uma proposta diferenciada de geografia dos ritmos que junta as contribuições de outros autores, apoiando-se nos estudos de campo. O autor constrói um raciocínio que mostra as múltiplas facetas e possibilidades de aplicação do estudo dos ritmos para diversas problemáticas, visando abordar as mudanças urbanas

contemporâneas. Nesse âmbito, aborda a dialética que marca o cotidiano, visto que existem inúmeras possibilidades de controle, através de determinadas tecnologias e do “adestramento” dos corpos, mas os autores ressaltam também as possibilidades de existência/permanência de certas práticas que desafiam as lógicas dominantes impostas aos corpos – ou de resistência a elas.

Mostrou-se importante, ao sintetizar esta apresentação da ritmanálise no Brasil, delinear como a tradução inglesa colaborou para a disseminação dessa obra de Lefebvre nas ciências sociais, o que me levou a estudá-la, de maneira mais aprofundada, com foco nos ritmos, nas temporalidades urbanas e na produção do tempo social. No intuito de justificar de que maneira certas reflexões levantadas por Lefebvre ecoaram na geografia, aqui focarei na apropriação das discussões acerca dos ritmos urbanos por uma constelação de autores ingleses pertencentes às chamadas teorias não-representacionais. Além da forte referência à obra de Lefebvre, eles realizaram críticas e envolveram outros autores na discussão sobre os ritmos, explorando as possibilidades teóricas e metodológicas atreladas à ritmanálise.

2. TEMAS QUE A RITMANÁLISE POSSIBILITOU RETRABALHAR NA GEOGRAFIA, A PARTIR DO ENFOQUE DAS TEORIAS NÃO-REPRESENTACIONAIS

É pertinente relacionar algumas apropriações do ritmo na geografia inglesa com as teorias não-representacionais. O português Daniel Paiva (Paiva, 2017, p.165), por exemplo, ao sintetizar, para uma audiência lusófona, os aportes das teorias não-representacionais para a geografia contemporânea, destaca como certos autores que pertencem a essa vertente da geografia inglesa exploraram e desenvolveram o conceito de ritmo, tomando como ponto de partida o estudo da espacialidade baseada nos ritmos, fundado por Lefebvre. O autor contextualiza a atenção dada a esse conceito, situando o intuito dessas teorias “de perceber os aspetos processuais dos fenômenos, de descrever e explicar o que acontece” (Paiva, 2017, p. 164). Isso passa também pela atenção dada ao conceito de evento, aos movimentos (dos mais velozes aos mais ínfimos, dos visíveis aos imperceptíveis, como aqueles relacionados às informações e aos bancos de dados). Segundo Paiva (2017), isso levou os geógrafos ingleses a reconsiderar a variável tempo em vários conceitos fundamentais da disciplina, como espaço, lugar, território e região.

2.1 TEMPO, ESPAÇO E MOVIMENTO

O livro *Timespace: geographies of temporalities*, organizado por John May e Nigel Thrift⁴² (2001), apresenta uma densa reflexão acerca do processo híbrido que mobiliza o tempo e o espaço em conjunto, pleiteando a necessidade de se atentar a esse processo ao tratar da existência cotidiana e de temas ambientais, de gênero, de etnicidade, etc. De certa maneira, remonta àquilo que acabou de ser mencionado, com relação à virada espacial (*spatial turn*) celebrada nas ciências sociais nos anos 1980 e 1990. Segundo formulam May e Thrift (2001), o *spatial turn* não foi além do nível da metáfora, tendo reforçado um dualismo entre tempo e espaço. Os autores rechaçam tal distinção e advogam um sentido de superação da dicotomia tempo e espaço, construindo a proposta e o neologismo *timespace* (tempo-espaço).

Eles partem da premissa de que “a natureza e a experiência do tempo social são múltiplas e heterogêneas, daí decorre que o modo da sua construção – os meios pelos quais uma particular percepção do tempo surge e caminha para moldar nossos entendimentos e nossas ações – é igualmente múltiplo e dinâmico” (May e Thrift, 2001, p. 3). A partir disso, detalham como a percepção do tempo pode ser formada: através dos ritmos naturais, da disciplina social, da nossa relação com instrumentos e aparelhos e por conceituação também. Tendem a demonstrar que não se trata de um tempo social uniforme, que se estenderia acima de um espaço uniforme, mas sim de “várias (e desiguais) redes de tempo, estendendo-se em direções diferentes e divergentes através de um campo social desigual” (May e Thrift, 2001, 2001, p. 5).

A seguir, May e Thrift delineiam uma perspectiva histórica sobre como a relação de espaço e tempo foi conceitualizada no pensamento de matriz ocidental. Relativizam, por exemplo, a noção de “compressão do tempo-espaço”, desenvolvida por Harvey (1989), apoiando-se nas mudanças que ocorreram no final do século XIX na Inglaterra. Argumentam que a realidade das mudanças foi diferente, por ser mais complexa, daquela conceitualizada por Harvey. Se os pensadores pós-modernos se apoiaram em determinadas fontes de cunho mais literário, May e Thrift citam outras fontes, que mostram que não foi exatamente uma mudança tão brusca, dependendo do lugar onde você se situava no espaço e na escala social, até porque certas mudanças

42 O livro se situa plenamente na perspectiva das teorias não-representacionais, embora um dos seus maiores expoentes, o Nigel Thrift, ainda não tinha escrito certos artigos e livros (Thrift, 2004, 2007), que constituíram um marco na formulação dessa vertente da geografia inglesa, refletindo-se também como polo norteador de uma agenda de pesquisas (Simpson, 2017).

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

vieram atreladas a outras formas de controlar e determinar o tempo social – como a instituição religiosa. Sobretudo, os autores tentam superar a discussão acerca da “compressão do tempo-espaço”, pois consideram justamente que essa tese predominante resultou na desconsideração de outras temporalidades urbanas. Buscam, portanto, abrir novos caminhos teóricos que possam responder a desafios contemporâneos, teóricos e práticos. Em seguida, abordam a contribuição da filosofia de Henri Bergson na conceituação da relação entre o tempo e o espaço, que foi muito influente na primeira metade do século XX, quando ele desenvolveu sua visão de duração captada pela “intuição”, um tempo contínuo que se opõe ao tempo descontínuo do instante da ciência (May e Thrift, 2001, p. 22)⁴³ Nesse sentido, valorizando mais a descontinuidade do tempo, notadamente a descontinuidade na vida psíquica, Bachelard, Heidegger e Merleau-Ponty, embora construindo fenomenologias bem distintas, formam um conjunto ao valorizar uma percepção de interação mais “sensorial” com o mundo – percepção que denota uma atenção renovada prestada ao espaço e um protagonismo maior conferido ao corpo físico, como lugar sensível e expressivo. No apanhado de reflexões desses filósofos, os autores discutem, na verdade, a relação que eles estabelecem entre espaço e tempo. Chegam a apresentar a filosofia de Deleuze, que significa uma reformulação das reflexões de Bergson, e que possui semelhanças com a teoria do ator-rede promovida por Latour (2005), nas quais ambos refutam a separação entre o orgânico e o inorgânico e enfatizam as inter-relações, tendo interesse especial em elementos de conexões, no campo social, que raramente foram destacados – este *in-between*, entre as redes, considerado por Latour uma terra incógnita (May e Thrift, 2001, p.28).

A breve apresentação do progresso desse raciocínio visa ressaltar como o questionamento acerca do *timespace* conferiu protagonismo a autores que pensaram acerca dos ritmos. No caso, May e Thrift acabam destacando, em particular, Lefebvre e Deleuze. A respeito da ritmanálise de Lefebvre, os autores escrevem:

Lefebvre quer pensar o tempo-espaço de novas maneiras, que fornecerão um tipo de psicanálise do intrincado espaço-tempo do cotidiano, vivido ao deixar os “ouvidos abertos” para o ritmo e a textura, que são os modos de existência

43 Uma referência forte, que diz mais respeito aos geógrafos, são as considerações de Doreen Massey (2004, 2008) sobre a influência forte do pensamento de Bergson na relação tempo e espaço – influência esta que, segundo ela, precisa ser superada.

que os sistemas ou redes “assumem nestes tempos, quando não estão sendo atualizados através da prática, quando entram nos espaços representativos” (Lefebvre, 1991, p. 118 apud May e Thrift, 2001, p.31).

Relações não atualizadas que esperam o seu momento. Uma neblina espectral do não-feito e, no entanto, aquilo que pode ser feito (May e Thrift, 2001, p. 31).

Percebe-se, nesse trecho, o quanto os autores elaboram sua conceituação do *timespace* para deixar em aberto as possibilidades presentes no real, que podem ser atualizadas pela prática. A seguir, os autores destacam a leitura do ritmo realizada por Deleuze e Guattari (1980), ao falar do refrão, referindo-se à introdução do platô sobre “ritornela”, quando evocam o canto de uma criança apavorada no escuro, que se apoia no próprio canto para superar o medo:

Aqui o refrão é uma série rítmica – a canção da criança – que cria, por sua repetição, um senso do familiar, um senso do lugar. Refrões circulam acerca deste “centro incerto e frágil”, criando um cerco limitado de organização (May e Thrift, 2001, p. 32).

O que interessa aqui é a evocação da criação de um ritmo (através do refrão) para se apropriar de um “território” e dar um sentido ao lugar. Os ritmos se consistem através de um emaranhado de elementos, que podem aflorar na experiência sensível do *timespace*, mas cuja atualização não é dada *a priori*.

O fato de Lefebvre e Deleuze serem citados ao se evocar o ritmo é de suma importância, pois confirma o quanto os autores das teorias não-representacionais, ao se debruçarem sobre o ritmo, realizam leituras inspiradas em ambos os pensadores. Isso pode influenciar a adoção de determinadas palavras (como a noção de afeto, bastante presente em Deleuze, mas que não consta nas considerações de Lefebvre), que permitem abordar os ritmos de forma mais ampla, o que aconteceu no caso do meu campo de pesquisa sobre os artistas e coletivos de rua no Rio de Janeiro.

A noção de ritmo volta a ser evocada em detalhe num artigo muito instigante intitulado “Rhythms of the city: temporalised space and motion”, do geógrafo Mike Crang (2001, p. 187-207). Com efeito, esse texto de cunho ensaístico apresenta uma rica reflexão acerca dos ritmos. Baseado numa ampla e inspiradora bibliografia, o texto debate a articulação entre tempo e

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

espaço, no contexto da cidade. Soou-me esclarecedor acerca de alguns intuitos compartilhados com outros autores das teorias não-representacionais, dos quais ele faz parte. Logo de início, o autor situa a perspectiva na qual o ensaio se inscreve:

Este ensaio se preocupa com a interseção entre o tempo vivido, o tempo representado e o espaço urbano – em particular, as práticas cotidianas. Como tal, se encaixa num conjunto longo de trabalhos que tratam do tempo e do espaço na cidade. Contudo, o que eu quero é tentar repensar certas abordagens, com o intuito de oferecer uma versão menos estável do cotidiano e, através disso, uma percepção da prática como atividade que cria tempo-espaço, e não o tempo espaço como alguma matriz na qual as atividades acontecem (Crang, 2001, p. 187. Tradução nossa).

Logo mais, ele evoca “os múltiplos ritmos e temporalidades da vida urbana que constituem a trama do ensaio – que Lefebvre evocou, mas apenas explicou, como ritmanálise” (Crang, 2001, p. 187). Isso explica a maneira como ele agrega a contribuição de vários autores para oferecer “o sentido do espaço-tempo como porvir, o sentido da temporalidade como ação, performance e prática – tanto a diferença quanto a repetição” (Crang, 2001, p. 187). Ele dá como referência guiadora do seu trabalho o filme “Berlin: sinfonia de uma cidade”, realizado em 1927 pelo cineasta Rutman⁴⁴, que apresenta justamente uma visão sedutora, na qual o campo urbano se torna um objeto em movimento, ou melhor, um objeto com tempo, seguindo a perspectiva de Lefebvre ao configurar a cidade “como desdobramento do tempo” (Kofman e Lebas apud Crang, 2001 p. 190). Para se debruçar sobre o tempo experiencial, Crang (2001, p. 196-200) recorre a autores da fenomenologia do tempo, desde

44 BERLIN: sinfonia de uma cidade. [Filme]. Direção: Walter Ruttmann. Alemanha: Deutsche Fox, 1927. 65 min. Filme mudo, preto e branco. Essa referência é também evocada pelo pensador grego Stavrides. Menciona outro filme contemporâneo *Um homem com uma câmera*, do russo Dziga Vertov (Direção: Dziga Vertov. União Soviética: VUFKU / Studio Dovzhenko, 1929. 68?min. Filme mudo, preto e branco), que também retrata o cotidiano de uma cidade russa do final dos anos 1920. A obra é envolvente pelo ritmo da montagem e pelo apuro técnico. Ambos os filmes são consagrados e dão uma representação singular da cidade, que podem inspirar estudos contemporâneos sobre os ritmos da cidade. Aproveito para mencionar o documentário *In situ*, de Antoine Viviani (IN SITU. [Documentário]. Direção: Antoine Viviani. França: Provinces / ARTE France, 2011/2012. 85?min. Filme interativo/experimental. Disponível em: <http://insitu.arte.tv>*. Acesso em: 29 jul. 2025), que trata das intervenções artísticas no espaço público e também contribuiu à minha reflexão sobre os ritmos.

Santo Agostinho até Heidegger, Merleau-Ponty e Husserl, o que o levou a aprofundar reflexões acerca “da percepção do indivíduo como movimento e fluxo – não no tempo, mas fluxo que constitui tempo” (Crang, 2001, p. 196). Em seguida, cita Lefebvre, Bergson e Deleuze, para desenvolver sua visão do movimento. Seu intuito visa, resumidamente, contemplar práticas que possam protagonizar uma apropriação do espaço, mas que, dependendo do foco teórico, passariam despercebidas ou insignificantes com outra conceitualização do espaço e do tempo reunidos na noção de *timespace*.

Nessa reflexão acerca das temporalidades urbanas, consideradas múltiplas e heterogêneas, assim como nas entrelinhas dessa busca para captar o tempo experiencial e valorizar os fluxos e o movimento, há um diálogo estabelecido por Crang com a *time-geography*, citada inúmeras vezes no artigo. Crang (2001, p. 192) aponta que a *time-geography*, inaugurada por Hägerstrand, foi de uma contribuição valiosa para abordar a dimensão temporal e os movimentos no espaço, porém se limitou muitas vezes àquilo que é mais óbvio e suscetível de medidas, deixando de lado outros aspectos, tocando mais o sensível. Edensor (2010, p. 1) contextualiza também a apropriação da ritmanálise na linhagem da *time-geography*, embora logo aponte também seus limites, ao declarar que “a ritmanálise pode desenvolver uma análise mais cheia e mais rica dessas práticas síncronas no espaço, dando conta das qualidades espaciais, das sensações e dos hábitos intersubjetivos” (Edensor, 2010, p. 2).

No livro-coletânea dirigido por May e Thrift (2001), dois artigos evocam mais detalhes dos aportes e limites da *time-geography* na perspectiva delineada. No artigo “Responsability and daily life, Reflections over timespace”, a geógrafa Karen Davis (2001, p. 134) adota uma abordagem feminista, questionando uma concepção muito linear e quantitativa do tempo na *time-geography*, que não alcança uma experiência do tempo pelas mulheres – possuidoras de características muito mais relacionais, as quais a autora fundamenta acima de uma “racionalidade” ou “ética” do cuidado (“*ethics of care*”). Em específico, Davis mostra que o tempo das mulheres pode ser composto de atividades simultâneas e de sobreposição de temporalidades (Davis, 2001, p.137). Além disso, ela argumenta que a abordagem linear não leva suficientemente em conta os processos sociais e apresenta uma visão pouco desenvolvida das contradições e do poder. No artigo “Time-geography matters”, Martin Gren (2001) recoloca em perspectiva o lugar do observador na *time-geography*, além de apresentar reflexões epistemológicas

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

mais recentes na Geografia. Com efeito, o método desenvolvido pelo sueco Hägerstrand ficou conhecido pelos seus diagramas, que permitem representar o corpo humano no espaço, através do tempo, sendo o tempo e o espaço coordenadas, e induzindo traslados e lugares de permanência por diagonais ou retas, na linha que representa o movimento. Gren (2001, p.211) afirma que o diagrama, embora pretenda descrever posições corporais específicas no *timespace*, não apresenta nada mais que uma abstração desmaterializada daquilo que aparece, porque o observador é situado, configurando “um tempo espaço representacional de um observador externo, fora da trajetória”. Consiste numa redução grande da corporeidade das pessoas, cujas trajetórias estão sendo modelizadas, passando da noção de multiverso à de um universo situado no observador, e isso não está sendo problematizado pelos expoentes da *time-geography*. Nesse sentido, Gren afirma:

Não apenas os seres humanos vivem em diferentes tempo-espacos e, conseqüentemente, experienciam seus mundos desde seu *topos* próprio e individual, mas pode se questionar também os denominadores comuns do tempo e do espaço nos diagramas, em relação com a variedade de temporalidades espaciais que diferentes objetos materiais podem ter [...]. Uma conclusão é que a concepção do espaço e do tempo, usadas nos diagramas de espaço-tempo, não representam adequadamente a variedade das diferentes ontologias físicas que existem no mundo corporal. (Gren, 2001, p. 214).

A razão de expor esses pormenores acerca da representação visa demonstrar o quão intrincado é representar determinadas trajetórias de corpos distintos (seres humanos diferentes, não humanos, etc.). Os autores não denunciam exatamente os trabalhos da *time-geography* – que, de certa maneira, realizaram suas provas e estão em uso nos trabalhos dos geógrafos e de outros cientistas sociais pelo mundo. Eles advertem sobre as falhas que esse método tende (inevitavelmente) a apresentar e, em todos os casos, formulam sugestões para melhorar a abordagem inaugurada por Hägerstrand. Novamente, vem à tona a problemática da medida.

Grégoire Chamayou (2015), ao retratar uma breve história dos “corpos padronizados”, mostra bem o quanto as pesquisas da *time-geography* foram adotadas, por exemplo, por serviços de inteligência, nos serviços de poderes policiais, militares ou econômicos. Ao dispor, nos dias de hoje, de capacidades

crescentes para articular uma diversidade de dados, os métodos sobre os padrões de atividade são muito valorizados para, entre outras aplicações, prevenir ameaças terroristas e insurrecionais. Para evocar os desdobramentos da *time-geography* na contemporaneidade, Chamayou remete ao geógrafo Derek Gregory, que, por sua vez, evoca a ritmanálise:

Como o resume o geógrafo Derek Gregory, trata-se de “seguir numerosos indivíduos através de redes sociais, com o intuito de estabelecer uma forma ou um ‘padrão de vida’, conforme ao paradigma da ‘Inteligência fundada sobre a atividade’, que forma hoje a essência da doutrina contra-insurrecional”. Gregory o descreve, de maneira muito evocadora, como ‘um tipo de ritmanálise militarizada, e até como uma geografia do tempo, armada até os dentes’, baseada sobre o uso de programas que ‘fusionam e visualizam dados geoespaciais e temporais, que a inteligência coleta a partir de múltiplas fontes (combinando o onde, o quando e o quem)’, dispondo-as num quadro tridimensional que retoma os diagramas estandartes da cronogeografia desenvolvida pelo geógrafo sueco Torsten Hägerstrand, nos anos 1960 e 1970. (Chamayou, 2015, p. 6).

Determinadas considerações demonstram que, embora as reflexões levantadas acerca do tempo, do espaço e do movimento possam parecer abstratas, apresentam-se, na verdade, bastante atuais e concretas. Estimulam resolutamente os pensadores das ciências sociais a escolher seu foco, sua abordagem, sob influência desse tipo de considerações. Não há porque nem como competir com determinados objetivos e procedimentos de cunho quantitativos. Há resolutamente de se apostar em outros desafios teóricos e práticos, mas sem deixar de ter em mente o que está em jogo ao abordar as dimensões intrincadas do cotidiano, observadas através da lente da ritmanálise.

Seguindo esse mesmo raciocínio, a próxima seção pretende apresentar como e por que esses autores das teorias não-representacionais enfatizam a dimensão dos afetos, com o objetivo de identificar como tais teorias se encaixam muito bem com as reflexões acerca daquilo que o corpo pode, o que leva a enfatizar a sua dimensão performática e rítmica.

2.2 CORPOS, AFETOS E PODER

Levantando as múltiplas críticas que as teorias não-representacionais receberam, à medida que tomavam certo espaço na geografia contemporânea, Simpson (2017, p. 3) responde, em particular, àquelas que denunciam que os trabalhos de cunho não-representacional acabam negando os sujeitos emocionais nos espaços sociais, focando demais na noção de afeto, definida como pré-cognitiva. Simpson diz que as teorias não-representacionais destacam apenas “a emergência de uma gama de novas técnicas políticas e de tecnologias que atuam em registros pré-individuais do pensamento e da ação” (Simpson, 2017, p. 4). O próprio Thrift (2004) insistiu nisso quando destacou, no seu artigo “Intensities of feeling: toward a spatial politics of affect”, as novas políticas do afeto, implementadas por tecnologias efetivas e ao longo das evoluções técnicas em curso. Aquele artigo denso chamou muito minha atenção, por abordar, em 2004, a temática da “cidade inteligente” e das novas estratégias de controle implementadas no rastro das evoluções tecnológicas da sociedade contemporânea. De certa maneira, ele denuncia uma negligência na história das ciências sociais em relação à dimensão do afeto, que tem explicação na história do pensamento ocidental, em particular o cartesianismo, mas não apenas, também por razões ideológicas ou pela simples dificuldade de abordar essa dimensão. Simpson (2017) prossegue seu raciocínio apontando as principais razões pelas quais essa dimensão merece atenção:

Queria apontar três razões pelas quais negligenciar o afeto é, ainda mais que no passado, uma negligência criminoso. Primeiro porque conhecimentos sistemáticos de criação e de mobilização do afeto se tornaram parte integrante da paisagem urbana no cotidiano: o afeto tomou parte de um ciclo reflexivo, que permite sempre mais intervenções sofisticadas em vários registros da vida urbana. Segundo porque esses conhecimentos não são apenas implementados conscientemente, são também implementados politicamente (principalmente, mas não apenas, pelos ricos e poderosos) com fins políticos: o que podia ser descrito como estético é crescentemente instrumental. Terceiro porque o afeto se tornou parte da maneira como as cidades são compreendidas. Na medida que as cidades estão sendo cobradas de fazer o ‘buzz’, de serem ‘criativas’, e mais geralmente levar adiante as potências de invenção e de intuição,

coisas que podem ser forjadas como armas econômicas, então a engenharia ativa do registro afetivo das cidades foi realçada como alavanca do alento de transformação. As cidades devem exibir uma expressividade intensa. Cada uma dessas três razões mostra que o afeto, apesar de ter sido sempre uma constante da experiência urbana, está sendo projetado (*engineered*), tendo como resultado que se torna cada vez mais algo semelhante à rede de tubos e cabos que são tão importantes para prover o mecanismo básico e as texturas principais da vida urbana (Amstrong, 1999), conjunto que produz sem parar revezamentos (*relays*) e junções que estabelecem de todas as maneiras as novas histórias e geografias emocionais. (Thrift, 2004, p. 58):

O final desse trecho argumentativo deixa explícita a interlocução da reflexão de Thrift com os teóricos da teoria do ator-rede, em particular Latour e Hermant (1999), quando o afeto se torna semelhante à rede de tubos e cabos que passam a sustentar e segurar a experiência urbana contemporânea. Fica nítido que essa visão do afeto questiona a noção de sujeito, que se torna mais porosa em relação ao exterior. Um ponto de entrada que permite enxergar como esses autores se completam poderia estar, talvez, nas reflexões acerca das modificações da experiência cognitiva através do aparato tecnológico. No artigo “Cognição e visualização”, Latour (2015) explica, numa perspectiva histórica, o tratamento de diversas formas de informações através de inscrições, definidas como móveis imutáveis, que vão se aperfeiçoando, tendo a capacidade de sintetizar e combinar informações e inscrições de diversas origens em um suporte reproduzível e facilmente legível. Esses desenvolvimentos acerca dos móveis imutáveis e da perpétua recombinação das formas de agregar dados dialoga com as considerações de Thrift (2007, p. 89-106), quando este evoca as novas apreensões do espaço e do tempo que emergem através do advento daquilo que ele chama de “qualculation”. Isto é, o autor tenta apreender as mudanças cognitivas induzidas pelo crescimento exponencial das novas tecnologias da informação – o que remeteria, por exemplo, ao Big Data e, como isso, levaria progressivamente a remodelar a experiência e a criar um novo “sensorium”.

No artigo “Space: The fundamental stuff of Human Geography”, Thrift (2003) expõe sinteticamente uma visão relacional do espaço. Gostaria

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

de destacar aqui a quarta dimensão que ele sublinha, ao fundamentar a noção de espaço: a dimensão do espaço lugar (*place space*), pois cita amplamente a noção de ritmo. Mencionar que numerosos geógrafos contemporâneos enxergam o lugar como composto de ritmos de existência particulares (*rhythms of 'being'*), que acabam formando o cotidiano do lugar, como se fosse relativamente estável, enquanto ele mesmo enxerga de outra maneira:

O problema é que os ritmos de existência podem variar a tal ponto que esse tipo de frases frequentemente proporciona apenas a mais tênue apreensão daquilo que acontece. Esse problema de variação não existe apenas porque tem tantos ritmos de existência diferentes, mas também porque, quando as minúcias (*minutiae*) da interação cotidiana são olhadas de perto, aquilo que vemos não são apenas rotinas, mas também todos tipos de improvisações criativas que não são rotinas de modo algum (mesmo que tenham o efeito de permitir que a rotina continue). Assim, no cotidiano, o que chama a atenção é como as pessoas são capazes de usar eventos, sobre os quais eles frequentemente têm pouco controle, para abrir pequenos espaços, nos quais eles conseguem se afirmar, mesmo que vagamente. Usando a fala, o gesto e, de modo mais geral, o movimento corporal, eles podem abrir bolsões de interação, sobre os quais eles podem ter controle. Claramente, uma parte importante desse processo é esta consciência espacial que chamamos de lugar. Pois os lugares não oferecem apenas recursos de diversos tipos (por exemplo, configurações espaciais que possam permitir determinados tipos de interação, ao detrimento de outros), mas eles proporcionam também deixas para a memória e atos. Num sentido muito real, os lugares são parte da interação. (Thrift, 2003, p. 103).

Dentro da minha pesquisa empírica, essas considerações teóricas dialogaram diretamente com observações acerca da apropriação do espaço, no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, por todo tipo de pessoas. Por exemplo, ao se tratar dos camelôs – que, apesar das repetitivas proibições que surgem periodicamente, continuam atuando nos quatro cantos da cidade, tendo os modos de atuação mais diversos. Mas essa criação de “bolsões de controle” dizia também claramente respeito à atuação dos artistas de rua no cotidiano da cidade.

Novamente, nessas formulações acerca do espaço relacional, observa-se a irrupção de considerações acerca dos ritmos, no tocante ao potencial performático dos corpos. Thrift (2003, p. 104) destaca a necessidade que os geógrafos têm de abordar melhor o potencial criativo de práticas performáticas no espaço, com o intuito de criar novos espaços. Reivindica, de fato, a dimensão não-individual, como força impessoal dos afetos, que se distinguem de meras considerações a respeito das emoções, pois contempla a possibilidade de incluir o lugar na composição dos encontros gerados por esse tipo de prática.

3. PARA NÃO CONCLUIR

Este artigo teve o intuito de expor algumas considerações teóricas de numerosos autores da geografia anglo-saxônica acerca dos ritmos, do tempo, do espaço e do afeto. O objetivo era mesmo divulgar as ideias e os conceitos que eles construíram, sempre em diálogo com a ritmanálise de Lefebvre. Parece-me que esses diversos escritos não encontraram tanto eco aqui no Brasil, o que pode favorecer certas apropriações da ritmanálise, como a noção de afeto, que vai ao encontro da tríade “espaço-tempo-energia” formada por Lefebvre. Isso soa muito atual, daí a relevância de fundamentar como essa noção soa legítima para delinear caminhos de apropriação da ritmanálise no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAMAYOU, Grégoire. Avant-propos sur les sociétés de ciblage: une brève histoire des corps schématiques. *Revue Jefklak*, [s.l.], set. 2015. Disponível em: <http://jefklak.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/09/Corps_schematiques.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- CRANG, Mike. Rhythms of the city: temporalised space and motion. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace: geographies of temporality*. London/New York: Routledge. 2001. p. 187-207.
- DAVIS, Karen. Responsibility and daily life: reflections over timespace. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace: geographies of temporality*. London/New York: Routledge. 2001. p.133-148.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille plateau*, Paris: Editions de Minuit, 1980.

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

- EDENSOR, Tim. *Geographies of rhythm: nature, place, mobilities and bodies*. Farnham: Ashgate, 2010.
- ELDEN, Stuart. Rythmanalysis: an introduction. In: LEFEBVRE, Henri. *Rythmanalysis: space, time and everyday life*. Tradução de Stuart Elden e Gerald Moore. London: Continuum, 2004. p. 1-10.
- GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Christian (editores). *Space, difference, everyday life: reading Henri Lefebvre*. London / New York: Routledge, 2008.
- GREN, Martin. Time-Geography Matters. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel(eds.). *Timespace: geographies of temporality*. London/New York: Routledge. 2001. p. 187-207.
- HARVEY, David. *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1989.
- HARVEY, David. *Rebel cities: from the right to the city to the urban revolution*. London/New York: Verso, 2012.
- HARVEY, David. *Social justice and the city*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.
- KOFMAN, Eleonore; LEBAS, Elisabeth. *Writing on cities: Henri Lefebvre, selected, translated and introduced*. Oxford: Wiley-Blackwell, 1996.
- LATOUR, Bruno ; HERMANT, Emilie. *Paris invisible*. Paris : Les empêcheurs de tourner en rond, 1999.
- LATOUR, Bruno. Cognição e visualização. *Terra Brasilis (Nova Série)*, Niterói, n. 4, 2015. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/1308>. Acesso em: 29 jul. 2025
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades*. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.
- LEFEBVRE, Henry. *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Paris: Syllepse. 1992.
- LEFEBVRE, Henry. *The production of space*. Oxford: Blackwell. 1991.
- MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações. *GEOgraphia*, v.6, n.12. 2004.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço – uma nova política de espacialidade*. São Paulo: Bertrand do Brasil. 2008.
- MAY, Jon.; THRIFT, Nigel (eds.). *Timespace: geographies of temporality*. London/New York: Routledge. 2001.

- MERRIFIELD, Andy. *Henri Lefebvre: a critical introduction*. New York: Routledge, 2006.
- PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, v.252, n.2106, p.159-168, dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/35764>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- REVOL, Claire. *La rythmanalyse chez Henri Lefebvre (1901-1991): contribution à une poétique urbaine*. Thèse de doctorat (Philosophie) — Université Jean-Moulin Lyon3, Lyon, 2015. Disponible en: <https://facdephilo.univ-lyon3.fr/revol-claire-1>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- REVOL, C. Le succès de Lefebvre dans les urbanstudies anglo-saxonnes et les conditions de sa redécouverte en France. *Revue L'homme et la société*, Paris, L'Harmattan, v.3, n. 185-186, p.105-118, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/lhs.185.0105>. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-l-homme-et-la-societe-2012-3-page-105?lang=fr>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- SCHMID, Christian. Henri Lefebvre's theory of the production of space: towards a three-dimensional dialectic. In: GOONEWARDENA, Kanishka; KIPFER, Stefan; MILGROM, Richard; SCHMID, Christian (editores). *Space, difference, everyday life: reading Henri Lefebvre*. London / New York: Routledge, 2008. p. 27-45.
- SHIELDS, Rob. *Lefebvre, Love and Struggle: spatial dialectics*. London/New York: Routledge, 1999.
- SIMPSON, Paul. Spacing the subject: thinking subjectivity after non-representational theory. *Geography Compass*, v.11, n.12, 2017.
- SOJA, Edward W. *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory*. London / New York: Verso Press, 1989.
- THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. *Geografiska Annaler. Series B, Human Geography*, v. 86, n.1, p.57-78, 2004.
- THRIFT, Nigel. *Non-representational theory: space, politics, affect*. London: Routledge, 2007.
- THRIFT, Nigel. Space: the fundamental stuff of geography. In: HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill; CLIFFORD, Nicholas J. (eds.). *Key concepts in geography*. London: SAGE, 2003.

CAPÍTULO VI: SOB O SIGNO DA RITMANÁLISE DE HENRI LEFEBVRE

ANA FANI ALESSANDRI CARLOS

A menção da necessidade de uma análise do ritmo atravessa a obra de Henri Lefebvre, particularmente formulada nos livros *La production de l'espace* (1974), *Une pensée devenue monde* (1980), *La vie quotidienne* (tomo 2, 1961), *Le manifeste différentialiste* (1970-a). No final do trajeto desse autor, todavia, o estudo do ritmo ganha destaque na obra: *Éléments de rytmanalyse* (Lefebvre, 1992⁴⁵).

A hipótese desenvolvida neste capítulo é que, na obra *Éléments de rytmanalyse*, Lefebvre revela uma inversão de método na análise do ritmo em relação ao que ele vinha apresentando nas obras anteriores (acima citadas). Agora, o ponto de partida da compreensão da realidade, para ele, não é mais a práxis (a prática social e o concreto), e sim o vivido e o abstrato. Essa inversão é acompanhada pelo risco da autonomização do prático-sensível, da abstração – focando o vivido, tendo o corpo como referência – sobre o concreto, no qual se leem as contradições que se elevam como barreiras à construção do humano. Esse fato sinaliza uma mudança radical no modo como o autor pensa o futuro da sociedade, uma vez que a utopia é um momento do ato de conhecer. Focando no vivido, o projeto utópico se empobrece.

Os argumentos para desenvolver essa hipótese, formulada neste capítulo, comparam o conjunto de livros de Lefebvre mencionados, numa rápida síntese, com o livro *Éléments de rytmanalyse*, iniciando com uma questão: Como (e onde) se localiza o debate sobre o ritmo na obra⁴⁶ de Lefebvre?

Para situar a análise do ritmo, é necessário recorrer ao movimento do pensamento de Lefebvre sobre a construção da metafilosofia como momento necessário da crítica da filosofia. Ponto importante: sua crítica à filosofia clássica ilumina a contradição entre o mundo filosófico – concebido como um sistema de referências, em que sujeito e objeto permanecem separados – e o

45 *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes* é uma obra póstuma de Henri Lefebvre na qual reúnem-se manuscritos do autor, até então inéditos, e dois apêndices de autoria de Lefebvre e Catherine Régulier, sua esposa e colaboradora: “Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes” (1986); “Le projet rythmanalytique” (1985).

46 Certamente, não temos a pretensão de analisar a vasta obra do autor, apenas vamos sinalizar alguns momentos que nos ajudam a pensar o papel da ritmanálise na compressão do mundo moderno – desafio proposto pelo grupo “da ritmanálise” da Rede Internacional de Estudos da Produção do Espaço (Riepe).

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

mundo extrafilosófico, como a arte e o cotidiano, situado no plano da práxis. Nesse movimento de crítica à filosofia, Lefebvre constrói uma problemática fundada na unidade entre a razão filosófica e a realidade social, buscando a realização da filosofia na negação da separação filosófico-não filosófico; teórico e prático, procurando a transformação não apenas no seio do Estado, como propõe Hegel, mas também na vida política, na produção econômica e, sobretudo, no cotidiano (Lefebvre, 1991).

Nessa construção (metafilosófica), Lefebvre encontra na obra de Marx a necessidade de situar a compreensão do mundo no plano da práxis como movimento de inversão da preocupação filosófica, que se fecha no plano da teoria. Significa dizer que o mental e o social se reencontram na prática: no espaço concebido e vivido (Lefebvre, 2000, p. 26). Nesse sentido, essas relações se elevam ao nível teórico a partir do vivido, iluminando um novo conceito: aquele de cotidiano. É assim que esse mundo extrafilosófico ganha sentido no cotidiano. Desse modo, o projeto utópico (que aparece no debate sobre o projeto possível-impossível) se localizaria na práxis social – sendo ela também um lugar de criação de conceitos.

Em sua dialética, o cotidiano como realidade e conceito aparece como produção histórica constitutiva do capitalismo, determinando e orientado as relações sociais a partir da lógica da reprodução do capital. Desdobra-se desse movimento a contradição entre valor de uso e valor de troca imposta pelo desenvolvimento da lógica capitalista – na qual a troca se estabelece como modo de realização das relações sociais capitalistas submetidas ao processo de valorização, enquanto o uso diz respeito à esfera da vida e de seu sentido, iluminando as relações sócio-espço-temporais. Entendemos, assim, que Lefebvre se debruça sobre o imediato sem, todavia, nele permanecer.

Aqui a experiência do concreto se liga ao espaço-temporal, ao presente e à presença (pela mediação do corpo). Ponto importante da análise metafilosófica é levar para o campo científico o movimento da arte, que se esclarece a partir da dialética entre a repetição do tempo linear e as rupturas causadas pelo tempo cíclico. Ao traduzir essa diferença entre tempo linear e tempo cíclico, inaugura-se o gesto poético como momento criativo que contempla a própria criação do ser humano em sua universalidade.

Portanto, ao desviar a filosofia e seus objetos tradicionais, Lefebvre encontra o projeto de mudar a vida considerando os resíduos a situação/momento – que questiona o estabelecido e se impõe como movimento contra-hegemônico, numa “luta de morte” (Lefebvre, 1970).

Esse modo de pensar encontra, no cotidiano, uma categoria privilegiada de análise, trazendo, em sua dialética, a ideia do devir resultante da apropriação que envolve o corpo e os sentidos a partir do lugar – também ele social, tanto quanto o tempo. Isso significa que concebido e vivido, teoria e práxis, mediato e imediato se diferenciam sem jamais se dissociarem.

O autor alerta que “os conceitos antigamente situados nos espaços abstratos, posto que mentais, situam-se agora nos espaços sociais e em relação a estratégias que se desdobram e se confrontam planetariamente. Desse modo, o mental não pode se separar do social, só sendo possível através das representações – ideologia” (Lefebvre, 2000, p. 25. Tradução nossa.). Nesse sentido, a ritmanálise, ao restituir o corpo e o sensível – temas ignorados pela filosofia –, encontra os conteúdos do projeto do possível-impossível no plano da prática social, em sua dialética com o pratico-sensível. Essas ideias sintetizam o movimento do ritmo nas obras de Lefebvre mencionadas no início deste capítulo.

O recurso à arte permite ao autor pensar que a repetição dos gestos cotidianos relacionados ao tempo quantitativo contemplaria a dialética entre o linear e o cíclico, iluminando o fato de que a repetição, como fenômeno quantitativo, traria em si uma qualidade: a diferença. Esse movimento se esclarece através da música, pois nela a repetição das notas musicais compõe uma obra (de arte).

Todavia, nas páginas do livro *Éléments de rytmanalyse*, é possível encontrar um rompimento da relação desse movimento dialético. Escreve Lefebvre: “a teoria dos ritmos se funda sobre a experiência e o conhecimento do corpo” (Lefebvre, 1992, p. 91. Tradução nossa.). Como consequência, os conceitos antes surgidos no seio da práxis agora derivam do práctico-sensível “cheio de surpresas”, segundo o autor.

Desse modo, a hipótese deste capítulo aponta (uma ousadia) para o fato de que a importância do ritmo, na compreensão da realidade, reside no primeiro conjunto de obras mencionados, no qual a análise do ritmo atualiza o debate sobre o lugar da arte na vida e seu papel revolucionário, na medida em que tem como objetivo central a apropriação do tempo e do espaço, numa lenta e difícil conquista através de combates e lutas. O que significa que os dramas vividos não se deixam reduzir e passam à ofensiva. Como a arte, eles se rebelam. (Lefebvre, 1970-a, cap. 1.).

1. SOBRE O LIVRO *Éléments de rytmanalyse*, A CENTRALIDADE DO CONCEITO DO RITMO E A MEDIAÇÃO DO CORPO E SUA CRÍTICA

No livro *Éléments de rytmanalyse*, o movimento da análise vai do abstrato ao concreto. “O sensível, logo esse escândalo da filosofia, desde Platão, retoma sua dignidade no pensamento como na prática e o bom senso. O sensível não é nem o aparente, nem o fenomenal, mas o presente” [...] apela para os sentidos, que, no campo biológico, iluminam o corpo e seus ritmos na “totalidade vivida” (Lefebvre, 1992, p. 33. Tradução nossa.). Na abstração como ponto de partida considera o ritmo em si, a própria referência de onde se enfoca o sensível a partir do corpo. Consequentemente, a análise privilegia os sentidos por meio da localização do corpo na temporalidade do vivido.

O corpo se traduz nos sentidos; o olho e o ouvido ganham importância numa proposta segundo o qual “o sensível retoma sua dignidade reconstituído em sua riqueza” (Lefebvre, 1992, p. 31). Atenta aos sentidos, a ritmanálise faz do corpo (como um pacote de ritmos) a referência da análise numa sensibilidade que se refere ao tempo marcando a temporalidade vivida.

Lefebvre alude ao que chama de “gesto ritmanalítico”, responsável por encontrar o sensível em seu movimento através do corpo. É assim que o observador se posta na janela e, através dela, desce, metaforicamente, as ruas da cidade auscultando os ruídos que vêm dos passantes – os habitantes como números em meio aos cidadãos – no ir e vir diurno ou no silêncio da noite. Dia e noite indicam o tempo rítmico no qual o cíclico encontra o linear (o tempo da repetição). Na composição entre o cíclico e o linear, o repetitivo e o diverso, o autor recupera o sensível no vivido pela mediação do corpo em relação às constatações dos ritmos. O papel do pensamento através da ritmanálise, em relação à exploração do prático-sensível, tem, assim, os ritmos por referência. Através deles, vão se integrando o dentro e o fora.

A inversão da análise que reúne dialeticamente a prática sensível/prática social realizada no livro *Éléments de rytmanalyse* empobrece, de nosso ponto de vista, a reflexão do autor em comparação com o que ele vinha desenvolvendo nas outras obras. Preso ao campo da experiência, o conteúdo do capítulo “Vu de lafenêtre” (Lefebvre, 1992) é um bom exemplo do que queremos demonstrar. Nele, o investigador é o observador – na janela que se encontra entre o *um dentro* e o *um fora*. Olhando através dela, ele vê uma paisagem. Primeiro fixa o olhar e descreve a rua; em seguida, vislumbrar o bairro, delineando a paisagem entrevista da janela. Descreve o que vê e o que ouve. Constata o ir e vir na rua,

o fluxo como passagem, identificando o repetitivo e a simultaneidade das cenas e dos gestos, bem como a permanência da paisagem entrevista, encontrando um ritmo nessa comparação. O observador se revela, por meio dos sentidos, entre o visível (presente) e o invisível (que pontua a presença), de modo passivo. É o mundo das formas. Aqui, revela-se o prático-sensível, medido através do corpo e de seus sentidos, com ênfase no subjetivo e no mental.

Por outro lado, o recurso à memória parece aproximar o que se vê, superando o instante. Todavia, a observação é insuficiente para abordar o linear e o cíclico como categorias do tempo, o que permitiria abordar o tempo histórico impresso na paisagem. Isso porque o corpo reúne as sensações descritivas e a presença esboçada. Situa-se no campo da experiência, que não corresponde ao campo da prática social (este sim revelador da produção social em sua universalidade). O uso e seu sentido no horizonte da produção social – assim como a ordem e a norma – orientam a vida, determinam os passos, mediam as relações sociais e definem os termos que provocam a reunião-separação dos cidadãos nos lugares da cidade (submersa em ambiguidades). Associado às relações sensíveis, o social parece dissimulado. Do mesmo modo, a constatação do fato de que o presente se compõe de simulacros é apenas sugerida, sem desdobramentos na compreensão da produção da cidade e da vida no final de século XX.

O livro desenvolve-se numa ambiguidade constante, minimizando o tempo como produto social e atenuando o papel do espaço como constitutivo da prática social na qual o sensível ganha primazia com o foco na presença do corpo e da natureza. “Ao invés de ir do concreto ao abstrato, partimos, em plena consciência, do abstrato para o concreto.” (Lefebvre, 1992, p. 13).

No livro *La production de l'espace* (Lefebvre, 1986), a observação do mundo “vista através da janela” – aqui também aparece essa situação – aponta para a centralidade do espaço na explicação em sua primazia (e centralidade) sobre o tempo. Dessa observação, o autor pergunta: Quem produz o espaço social e qual é o modo de existência das relações sociais?

A resposta assinala que as relações sociais, abstrações concretas, só têm existência real no espaço. Seu suporte é espacial e seu conhecimento, descritivo, analítico e global. Ao mesmo tempo, ele esclarece que o conhecimento do espaço não se realiza por meio da análise de modelos, ou mesmo protótipos de espaços, e sim pela produção do espaço, o que coloca em primeiro plano o uso do espaço com suas qualidades distintivas de um “mero suporte”. O

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

que significa, para o autor, que o espaço é um produto social. Desse modo, a prática social é espacial, e o espaço é uma produção social. Uma relação espaço-tempo, em sua indissociabilidade, desdobra-se ao longo do livro. É assim que a análise do espaço contempla uma ritmanálise imposta pela relação entre a ordem próxima e a ordem distante – que tem, no corpo, uma aproximação primeira com a ordem próxima.

No corpo considerado, espacialmente, as acamadas dos sentidos (do cheiro ao olhar considerado como diferenças, campos diferenciais) prefiguram as camadas do espaço social e suas conexões. O corpo passivo (os sentidos) e o corpo ativo (o trabalho) se conjugam no espaço. A análise dos ritmos deve servir à necessária e inevitável restituição do corpo total. Daí a importância da ritmanálise (Lefebvre, 1986, p. 465-466. Tradução nossa.).

Nessa formulação, o sentido do corpo, como movimento da metafilosofia, tece-se como um campo ignorado pela filosofia clássica, como uma crítica do saber que se erige acima do vivido. Isso não significa, porém, que o vivido possa ser absolutizado, autonomizando-se do cotidiano em sua complexidade, constituído como produção (histórica) e como resíduo (possibilidade).

Também é impossível deixar de comparar a análise da rua feita no capítulo “Da janela”, do livro *Éléments de rytmanalyse*, com aquela apontada no livro *A revolução urbana* (Lefebvre, 1970, p. 29). Neste, a análise prioriza a dialética, dando conteúdo às situações vividas. É assim que a rua aparece como lugar da passagem e da circulação, capaz de permitir o encontro e a reunião dos cidadãos – um dos elementos definidores da cidade e da vida na cidade. Aqui, o uso num espaço-tempo apropriado, entra em confronto com os espaços produzidos pelo valor de troca – produtor da cidade segregada e fragmentada, pela “aberrante funcionalização da existência” provocada pela lógica da urbanização capitalista, que se impõe por meio do planejamento.

A rua – lugar de onde se pode ler o sentido do uso – concretiza o mundo da mercadoria; torna-se o espetáculo que organiza as relações sociais sob a dominação do consumo, transformando o espaço e o tempo sociais em espaço-tempo da mercadoria – que, nessa condição, passam a ser abstratos. Desse modo, entre a repressão e o desejo, a norma e a apropriação, a rua adquire um sentido profundo na compreensão do espaço produzido pelo capital.

Em sua dialética, a rua ganha sentido como uso, iluminando momentos de apropriação que fogem à lógica da mercadoria, na medida em que há fissuras na homogeneidade imposta pela lógica do capital. Esse movimento aponta a possibilidade de construção de um projeto de transformação social, posto que supõe a posse coletiva do espaço pela intervenção dos grupos sociais (sujeitos da história), superando as separações impostas no cotidiano, no qual se concretiza a dissociação entre produto e obra.

O capítulo “La musique et les rytmes”, do livro *Éléments de rytmanalyse* (Lefebvre, 1992), traz à tona a importância da análise – já apresentada por Lefebvre em outras obras – ao propor a dialética da obra e do produto. Essa relação é central no debate sobre a diferença como elemento propulsor do pensamento que busca identificar o que pode emergir da passividade imposta à sociedade pela lógica do capital. Nesse movimento, uma lei da dialética ganha centralidade: trata-se da passagem do quantitativo ao qualitativo, por meio da repetição, que anuncia, em seu movimento de realização, o qualitativo como portador da diferença. “O campo musical se constitui num campo diferencial: temporalidade e espacialidade indissolúveis” (Lefebvre, 1970^a, p. 81-84). Assim, ao buscar no repetitivo o seu outro, o movimento diferencial, assinala-se na possibilidade da apropriação constitutiva da produção de obras. Aqui também a potência dessa formulação se perde, na medida em que se encerra no sensível. A relação espaço-tempo é apenas apontada e dá lugar à relação ritmo-corpo. O registro, por sua vez, recua diante da urgência de “mudar o mundo” a partir da vida cotidiana – por meio da produção de um espaço e de um tempo apropriados, ainda que presos à sua determinação sensorial.

O ensaio escrito por Lefebvre e Régulier, publicado nesse livro, parece não deixar dúvidas quanto à relação espaço-tempo como constitutiva do ritmo. Todavia, não foge das ambiguidades. Para os autores,

“[...] os tempos concretos têm ritmos ou, antes, são ritmos – e todo ritmo implica a relação de um tempo com o espaço, um tempo localizado ou, se quisermos, um lugar temporalizado. O ritmo está sempre ligado a determinado endereço, tem um endereço, seja o coração, os batimentos das pálpebras, seja movimento de uma rua ou o tempo de uma valsa. O que não impede que seja um tempo, quer dizer um aspecto do movimento e de um devir.” (Lefebvre, 1992, p. 99. Tradução nossa.).

Todavia, em seu desdobramento, o corpo ganha a dimensão do lugar, contemplando a possibilidade de autonomização do vivido (onde o campo sensível encontra seu limite na experiência) em relação ao concebido.

Desse modo, sem negligenciar o campo sensível, é preciso pensar que ele pode se abrir para o novo e para o imprevisível, no seio do mecânico regulado e normatizado, no movimento da totalidade social. A consideração desse movimento dialético pode elevar o espontâneo a outro patamar, tanto teórico, quanto prático, iluminando os contornos do conceito de cotidiano apresentado por Lefebvre como produto (da história) e obra (como devir poético).

Esse processo que se move no cotidiano expõe, em sua indissociabilidade, a relação espaço-tempo que atravessa a vida como relação de dominação-subversão pela mediação da diferença.

2. PARTINDO DO CONCRETO, ILUMINANDO A DIALÉTICA

No caminho inverso ao dos conteúdos da ritmanálise desenvolvida no livro *Éléments de rytmanalyse*, nos outros livros de Lefebvre, apontados no início deste capítulo, o ritmo vai se definindo no seio da teoria do tempo – levando para o campo científico o ritmo descoberto no processo da repetição, impresso no tempo abstrato do trabalho. Destaca-se o fato de que o tempo do trabalho tem, na teoria desenvolvida por Karl Marx, um ponto de partida esclarecedor, na medida em que o ritmo encontrado na repetição traz, em si, sua negatividade: o tempo quantitativo do processo de trabalho, que produz produtos e mercadorias, podendo também produzir obras. Isso porque a teoria do trabalho social conecta-se ao conceito de produção na perspectiva marxista. O sentido do conceito traz uma dupla determinação: a produção contempla uma acepção estreita – produção de mercadorias e produtos – e uma acepção lato – produção de obra, na qual ocorre a autoprodução do homem (no sentido hegeliano do termo). Abre-se, então, para o conceito de reprodução das relações sociais produtoras dos produtos e do homem, iluminando a transformação da natureza em produto social:

A natureza produz o homem através do trabalho e da luta. A produção, tomada na sua plenitude, envolve a criação e caracteriza o ser humano. Este ser produz e se produz. Não existe apenas produção de objetos, mas produção de espaço e tempo, produção de relações, produção e reprodução do eu (a consciência) e do outro (o mundo). Desse modo, o tempo elaborado na prática e pelo pensamento filosófico não pode parar (Lefebvre, 2001, p. 49. Tradução nossa.).

Na práxis produzida em confronto e união com a natureza, ilumina-se o espaço – que se revela como um produto social indissociável do tempo, o que impõe a prática social no pensamento, na indissociabilidade entre o linear e o cíclico. A justaposição e o confronto entre o linear e o cíclico definem os ritmos, iluminando o que acontece num tempo e num lugar específicos, segmentando ou dando continuidade ao tempo histórico e inaugurando, nesse movimento, a mudança na ordem das coisas.

Necessário reconhecer que:

[...] um espaço é a inscrição no mundo de um tempo. Os espaços são realizações, inclusões na simultaneidade do mundo externo de uma série de tempos, de ritmos da cidade, os ritmos da população urbana [...] a cidade é um emprego de tempo, este tempo é dos homens, dos habitantes. Este tempo deve ser organizado de “forma humana” (Lefebvre, 1973, p. 211. Tradução nossa).

É assim que espaço e tempo têm, por conteúdo da ação, a realização da atividade humana, produzindo espaços e tempos sociais. O tempo, por ser processo, é movimento – fluxo, velocidade – que não se separa do espaço. Assim, o uso do espaço se realiza num determinado tempo, e o tempo se realiza no uso do espaço, ambos realizando-se no cotidiano instaurado no seio da sociedade urbana. Por esse motivo, o debate sobre o tempo é também um debate sobre o espaço. Na prática, as ações são invadidas pela lógica abstrata que as define pela repetição-sucessão-duração localizada num espaço produzido.

Em sua forma geral, essa teoria aponta a homogeneidade no processo de trabalho, quantificando as atividades que submetem o sujeito a essa lógica. O trabalho que demanda atividade criativa transforma-se em medida abstrata do tempo que também produz a fragmentação dos gestos nele envolvidos. A abstração invade a vida, organizando as atividades e definindo as relações sociais. O tempo social redefine-se por sua subordinação ao tempo do trabalho, desvalorizando-se na medida em que se acha submetido à lógica da acumulação. E vale destacar que a acumulação reside na extração de mais valia como produto direto da exploração da força de trabalho no processo produtivo, compondo a jornada de trabalho. Ao se tornar abstrata, a atividade passa a ser dominada pela quantificação medida pelo relógio –

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

que domina a relação entre o trabalhador e o objeto a ser produzido. E, ao ser fragmentada, essa atividade torna-se também alienada, desdobrando-se no plano da vida cotidiana em suas restrições e impondo a fragmentação da vida: tempo-espço do trabalho; tempo-espço do lazer; tempo espaço da vida privada. Assim, o tempo linear e repetitivo, como qualidades do tempo abstrato, define as relações sociais.

O tempo fragmentado do trabalho abstrato submete o tempo cíclico, ao mesmo tempo que se vê invadido e relativizado por ele, já que o tempo cíclico é organizado pelo cosmos e pela natureza primeira. “Os instantes se hierarquizam segundo exigências da produção, dos interesses em jogo. O caráter aventureiro, lúdico, do devir e do vivido desaparecem diante do linear composto de repetições e redundâncias”. (Lefebvre, 1980, p. 168. Tradução nossa.). O habitar, por exemplo, guarda a dimensão do uso, envolve o corpo no sentido de que o “usador” tem uma presença real e concreta. Mas o habitar se realiza em um lugar determinado no espaço, com localização e distância específicas em relação a outros lugares da cidade, por isso tem qualidades específicas. Essas qualidades, por sua vez, constituem o mundo da percepção sensível, carregado de significados afetivos ou representações. Elas superam o instante e são capazes de traduzir significados profundos sobre o modo como se construíram ao longo do tempo. As ações, no plano do vivido, realizam-se num espaço apropriado – usado para cada ação.

O corpo que se move pelas peças do apartamento e revelam um dentro (o espaço íntimo, privado, construtor de uma história individual), mas o sujeito da história se realiza numa construção social coletiva, o que dialetiza ou relativiza o individual, sem, todavia, ignorá-lo. Esse dentro e fora se reúnem na construção da história, apontando a relação entre o individual e o coletivo; espaços e tempos vividos, apropriados, metamorfoseados. É assim que o indivíduo e a sociedade se misturarem, tem uma história em comum (Lefebvre, 2001, p. 159. Tradução nossa.).

A essência humana reside nessa dialética, na qual o indivíduo se realiza em sociedade. Essa sociedade é produtora de produtos e obras. A obra se liga a uma determinação não-produtiva (tanto do tempo quando do espaço), em confronto com a lógica da acumulação. Constitui-se a visão de que há, no

repetitivo, o seu outro, introduzindo no cotidiano a dialética produto-obra: possibilidade poética que surge no seio do repetitivo. Nas obras de Lefebvre, a necessidade de uma ritmanálise se localiza como momento particular, a partir do qual se pode ler e constatar, na prática social, o movimento que rompe o tempo abstrato da mercadoria, aquele impositor da alienação social. É no encontro do repetitivo-linear, em sua homogeneidade, que se instala o cíclico, constituindo o ritmo como possibilidade criativa. “A repetição desaparece na diferença” (Lefebvre 1970-a). O espaço e o tempo como destinos poéticos do ser humano se fazem através da mediação da apropriação.

3. SOBRE O COTIDIANO

Nossa hipótese, aqui, é que a ritmanálise renova o conceito de arte, localizando-o no próprio movimento de alienação do homem – que ocorre quando o trabalho, em sua realidade banal, repetitiva e abstrata, torna-se sem sentido. Essa ideia se depreende do fato de Lefebvre localizar a arte no cotidiano –envolvendo toda a sociedade – e não fora dele.

A arte sempre envolveu uma tensão, um esforço em direção ao total. Na música, um elemento parcial da consciência sensível (o som) tende a tornar-se coextensivo ao conteúdo de consciência, ritmo, movimento paixão, erotismo ou espiritualidade. O mesmo em pintura como elemento visual [...]. O esforço em direção ao único é quase sempre manifestado na alienação (Lefebvre, 1971, p. 162. Tradução nossa.).

Podemos também dizer que essa constatação inclui uma análise do ritmo associado ao tempo de apropriação que surge da dialética do tempo sob as determinações do linear e do cíclico – de um tempo que tem por conteúdo a apropriação orientando o uso do espaço no cotidiano.

Ora, a própria apropriação implica um tempo e tempos, um ritmo e ritmos, símbolos e uma prática. Quanto mais um espaço é funcionalizado, mais ele é dominado por “agentes” que o manipularam, tornando-o uni-funcional, e menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele fica fora do tempo *vivido*, aquele

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

dos usuários, tempo diverso e complexo. Entretanto, o que é que um comprador compra na qualidade de comprador de um espaço? Tempo (Lefebvre, 1986, p. 411. Tradução nossa.).

Também podemos considerar que, do ponto de vista da análise ritmanalítica, o tempo da vida cotidiana é duplamente medido pela articulação/choque de ritmos: de um lado, o linear – tempo do relógio, quantificado pelas repetições monótonas –; de outro, o cíclico – tempodo cosmos, da natureza –, que se mantém, apesar da luta em torno do tempo, do emprego do tempo e da modificação dos ritmos da natureza. Na sua determinação linear- quantitativo, o tempo fornece a medida do trabalho – nesse momento da história, torna-se tempo do cotidiano, um tempo homogêneo e dessacralizado, subordinado à organização do trabalho. Como decorrência, o tempo quantitativo se submete às leis gerais da sociedade: fracionado, hierarquizado em meio a perturbações rítmicas.

Assim, a vida cotidiana é atravessada por tempos cíclicos cósmicos e vitais, o que cria uma unidade conflitual com o tempo linear, que não pode ser medido apenas pelo corpo, localizado no plano do vivido, mas que encontra no vivido e na prática socioespacial seu lugar de realização, ligando o percebido ao plano global da sociedade urbana para além do corpo e do lugar (colocando-o na prática socioespacial). O tempo linear qualifica o cotidiano urbano. Nessa linha de raciocínio, na confluência/justaposição do tempo linear e dos tempos cíclicos, existe um tempo apropriado. Isso porque,

[...] o vivido cotidiano é duplamente determinado: como resíduo e como produto. Como resíduo é irreduzível. A vida cotidiana, nos termos sociológicos, não é apenas sobrevivência, há também o biológico, o psicológico a necessidade e o desejo, o ser humano criado pelo homem tem ainda ritmos vitais, necessidades que se satisfazem e reaparecem, desejos que se realizam ou não, que acabam ou se renovam. Há uma luta para se apropriar da vida contra aquela que o desapropria, que altera, degrada e mata. (Lefebvre, 1961, p. 62. Tradução nossa.).

A relação teoria-prática encontra no cotidiano a realização da história, do desenvolvimento do capital. Em suas contradições, encontra um resíduo

que se constrói e se move contra a lógica que pretende dominar a vida. Esse resíduo ganha força na obra de Lefebvre como subversão à ordem hegemônica, situando-se como momento criativo, sinalizando a premissa de que a utopia é parte constitutiva do conhecimento. Através de seus resíduos, o cotidiano é também o lugar onde está posta a superação das alienações que o envolvem.

4. SE É POSSÍVEL CONCLUIR...

O ritmo ilumina o processo de apropriação por meio da produção da diferença. Produto da tensão entre cíclico-linear, simultaneidade-encadeamento, unidade-diversidade, o momento diferenciado entre o repetitivo e o diverso ilumina uma práxis espaço-temporal que vai além do corpo e do lugar (como ordem próxima). Essa práxis contempla a universalidade na medida em que reúne, contraditoriamente, o produto e a obra como produção humana.

A contradição obra-produto atravessa o debate sobre a produção do urbano e sua dimensão mundial como sociedade urbana, articulando todos os espaços numa única lógica: aquela da reprodução das relações sociais de produção.

O conceito de tempo, aqui desenvolvido, numa referência com a práxis, articula o mental e o social sem, todavia, excluir os tempos biológico, físico e cósmico, posto que ele é plural. O ritmo, como momento da teoria do tempo, importa sobre a diferença.

A teoria do tempo torna-se diferencial, como a do espaço e, por consequência, do espaço-tempo e/ou do tempo-espaço. Não acontece apenas que o tempo e o espaço se diferenciam passivamente (para e diante do pensamento). Concebem-se e percebem-se como capacidades de diferir: tempos e momentos múltiplos-tópicos diferenciados, contrastados. O campo da consciência (reflexão-ação) diversifica-se e torna-se efetivamente um campo, multiplicidade de percursos e sentidos.(Lefebvre, 2001, p. 164. Tradução nossa.).

Nessa direção, Lefebvre supera as análises que pensam o tempo apenas subordinado ao ritmo do trabalho abstrato imposto pelo desenvolvimento da indústria. A relação do mesmo com o outro, portanto com o que rompe a

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

linearidade absoluta imposta pela abstração do tempo produtivo, significa a produção da diferença na repetição. Assim, a consideração sobre o ritmo desloca e abrange a reprodução das relações sociais opondo-se à medida do tempo abstrato do trabalho que se desdobra para toda a sociedade, modulando a reprodução das relações de produção dentro e fora do processo produtivo (na indústria), que penetra toda a sociedade.

A diferença como categoria de análise introduz um conteúdo novo à compreensão do tempo, só entendido como tempo produtivo, dialetizando-o. Assim, o estudo do ritmo se abre ao projeto do possível-impossível, pois localiza no cotidiano da repetição sua negação – por meio da produção da diferença no seio do repetitivo que constitui a sociedade “urbano-estatista-mercantil”, produtora de um cotidiano preso ao tempo homogêneo e quantitativo. Esse tempo, por sua vez, é responsável pela criação de exigências e pela modulação das relações sociais a partir do relógio, ao mesmo tempo que sinaliza a qualidade produtiva do tempo linear (em oposição ao tempo cíclico do cosmos), questionando a lógica do idêntico, bem como o sentido e o conteúdo do reino da mercadoria, que move e subjuga as relações sociais.

Sintetizando, podemos dizer que:

- a) a prática social é espacial;
- b) espaço, tempo e cotidiano apontam para a construção de um projeto de mudança social sustentado na dialética do possível-impossível;
- c) o reconhecimento dos ritmos, portanto, se abre ao devir.

Aí se encontra a importância e o sentido da ritmanálise.

No horizonte, o projeto de transformação social supõe a apropriação coletiva do espaço pela intervenção dos grupos sociais, sujeitos da história, superando as separações e as dissociações entre produto e obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne, tome II: Fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris: L'Arche, 1961.

LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse: introduction à la connaissance des rythmes*. Paris: Syllepse, 1992. Préface de René Lourau.

LEFEBVRE, Henri. *Espace et politique*. Paris: Anthropos, 2000. [Obra originalmente publicada em 1972].

LEFEBVRE, Henri. *La fin de l'histoire*. Paris: Anthropos, 2001. [Obra originalmente publicada em 1970].

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL
A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

- LEFEBVRE, Henri. *Le manifeste différentialiste*. Paris: Gallimard, 1970(a).
- LEFEBVRE, Henri. *Le matérialismedialectique*. Paris: PressesUniversitaires de France (PUF), 1971. [1. ed. 1940].
- LEFEBVRE, Henri. *Une pensée devenue monde...: faut-il abandonner Marx?* Paris: Fayard, 1980.
- LEFEBVRE, Henri. *La pensée marxiste et la ville*. Paris: Casterman, 1972.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 3. ed. Paris: Anthropos, 1986 [1. ed. 1974].
- LEFEBVRE, Henri. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard, 1970. (Collection Idées; n.º216)
- LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1973. [Obra original publicada em francês: *De la campagne à la ville*. Paris: Anthropos,
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991 [*La vie quotidienne dans le monde moderne*. Paris: Gallimard, 1968].

CAPÍTULO VII:
A ANÁLISE DOS RITMOS NA VIDA COTIDIANA:
UMA PERSPECTIVA LEFEBVRIANA

WILLIAM HÉCTOR GÓMEZ SOTO

Neste capítulo, o autor faz uma reflexão sobre as possibilidades de observar a cidade e decifrar seus enigmas a partir dos ritmos da vida cotidiana, na perspectiva teórica e metodológica da ritmanáliselefebvriana. Em consequência, propõe pensar a cidade através dos ritmos das pessoas que ocupam, de diversos modos e em diferentes ritmos, os espaços urbanos, como manifestações das diversas temporalidades que se entrecruzam na contemporaneidade do urbano.

A crítica de Lefebvre à abstração do tempo e do espaço leva à sua proposta de ritmanálise, uma abordagem que busca resgatar a complexidade e a materialidade dos ritmos sociais, integrando-os às dinâmicas cotidianas e às contradições da vida urbana. Ele define ritmo como a interação entre tempo e espaço na experiência vivida, considerando que a sociedade é atravessada por múltiplos ritmos que coexistem, se chocam e se sobrepõem. A ritmanálise busca, então, compreender como esses ritmos interagem nos espaços urbanos e nas práticas cotidianas. Para isso, Lefebvre propõe uma perspectiva na qual o pesquisador deve observar, ouvir e sentir os ritmos da cidade, identificando as tensões entre ritmos dominantes e subordinados, entre tempo vivido e tempo imposto.

A proposta de Lefebvre tem importantes implicações para os estudos urbanos contemporâneos. A ritmanálise permite revelar dinâmicas ocultas da vida urbana, como os contrastes entre o ritmo acelerado do fluxo de carros nos horários de pico com a calma e a desaceleração dos parques ou de grandes áreas verdes destinadas ao lazer. Além disso, possibilita uma compreensão mais complexa das transformações urbanas, considerando não apenas os aspectos físicos do espaço, mas também as temporalidades que o atravessam.

Em cidades marcadas pela aceleração e pela fragmentação do tempo, como as metrópoles contemporâneas, a ritmanálise pode ser uma ferramenta valiosa para identificar formas de resistência e apropriação do espaço. Movimentos urbanos que reivindicam o direito ao lazer, a ressignificação de espaços públicos e a valorização dos ritmos naturais podem ser analisados a

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

partir dessa perspectiva. A ritmanálise também permite captar as práticas culturais alternativas que imprimem um novo ritmo como contraponto ao ritmo da aceleração.

Lefebvre anuncia que a análise dos ritmos é um novo domínio do saber e que tem consequências práticas (Lefebvre, 2021, p. 53). Ele refina e desenvolve uma preocupação com ritmos e temporalidades que já aparecem não só na sua teoria do espaço social, mas também na sua crítica da vida cotidiana e na sua teoria dos resíduos, na qual o tempo é um irredutível (Lefebvre, 1967). Os ritmos, embora presentes na natureza física e em todo tipo de vida desde seus primórdios, passaram despercebidos ou foram negligenciados pelos analistas vinculados às correntes dominantes do pensamento ocidental moderno. Nas palavras do autor: “[...] como em todo setor do conhecimento e da ação, os germes, as sementes, os elementos existem há séculos” (Lefebvre, 2021, p.53).

A ritmanálise, de acordo com Lefebvre (2021), é um método para decifrar inter-relações entre lugar, tempo e dispêndio de energia. Os ritmos não são simplesmente fenômenos naturais ou mecânicos, mas expressões materiais e simbólicas das contradições sociais. Por isso, para ele, analisar os ritmos é reafirmar a crítica à alienação e à coisificação, incorporando dimensões temporais e espaciais a uma totalidade contraditória. Os ritmos podem ser analisados pela observação imediata do corpo e também pela mercantilização dos processos sociais, na qual o tempo e o cálculo representam um momento decisivo da vida moderna.

Lefebvre disse que os filósofos apenas pressentiram o ritmo, porém reconhece que o filósofo português Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, conhecido como o “filósofo fantasma”, foi o primeiro a fazer referência à ritmanálise. Depois o termo foi mencionado por Bachelard (1994), também filósofo, mas sem se aprofundar no tema. O importante, disse Lefebvre, é que pouco a pouco a proposta da ritmanálise vai saindo das sombras. Na perspectiva de Lefebvre (2021, p. 55):

O estudo do ritmo (dos ritmos) pode se principiar de duas maneiras [...]. Casos podem ser estudados e comparados: os ritmos dos corpos, vivos ou não (respirações, pulsos, circulações, assimilações – durações e fases destas durações etc.). Nesses casos, permanece-se próximo da prática [...]. [...] o salto do particular ao geral nunca ocorre sem perigo de erros, de ilusões, em uma palavra de ideologia.

Ele destaca a complexidade da ritmanálise como teoria geral para analisar os ritmos, implicando desafios metodológicos e epistemológicos, como o processo de ir do particular ao geral e os riscos ideológicos na análise dos ritmos. Para Lefebvre, a análise dos ritmos pode partir da observação dos ritmos do corpo humano (fluxo do trânsito, sentido de deslocamento de veículos e pessoas, etc.), no entanto, a extrapolação para um caráter mais geral da análise pode trazer distorções e erros. Isso significa que a realidade é diversa, e o ritmo da vida urbana de uma metrópole (São Paulo, por exemplo) contrasta com o ritmo da vida numa cidade da periferia (como a cidade de Pelotas, no sul do Brasil). Existem muitas diferenças culturais, sociais e históricas que devem ser levadas em conta. Do contrário, pode-se cair em distorções ideológicas que ocultam, em lugar de revelar, as diversidades do real. Quando, por exemplo, o pesquisador se centra na análise dos ritmos dos mercados financeiros e da produção industrial, sem considerar o tempo de descanso, de lazer e de festa, ele está reproduzindo critérios economicistas. É por isso que Lefebvre propõe analisar os ritmos considerando as contradições, os conflitos e as relações de poder que os organizam, que dão sentido a eles e também os limitam.

Lefebvre (2021, p. 56) oferece uma distinção importante dos ritmos, evitando confundir-los com o movimento.

Confunde-se facilmente ritmo com movimento, velocidade, encadeamento de gestos ou dos objetos (máquinas, por exemplo). Há uma tendência de se atribuir aos ritmos uma feição mecânica, deixando de lado o aspecto orgânico dos movimentos ritmados. Lefebvre, (2021, p.56. Grifos do original.)

Além disso, ele afirma: “Não existe ritmo sem repetição no tempo e no espaço, sem reprises, sem retornos, isto é, sem medida⁴⁷. Mas não há repetição absoluta, idêntica, indefinidamente.” Lefebvre, (2021, p.56. Grifos do original.)

Nessa dialética entre repetição e diferença, surge o novo. A confusão entre ritmo e movimento é resultado de uma sociedade em que o tempo é predominantemente considerado quantificável. Ou seja, para Lefebvre, ritmo

⁴⁷ Nota dos tradutores do texto citado: “Em francês, a palavra *measure* significa, ao mesmo tempo, medida e compasso. Ora optamos por medida, ora optamos por compasso, dependendo do contexto.” (Lefebvre, 2021, p. 56, nota de rodapé 1.)

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

não é sinônimo de repetição mecânica, como o tique-taque do relógio ou a cadência de uma máquina; o ritmo da vida social tem muitas variações e intensidades. Ao distinguir ritmo de movimento mecânico e insistir que existem muitas variações na repetição, ele aponta para o possível, isto é, que nos ritmos existe a possibilidade de resistência e criação.

Ele afirma que, assim como Marx tomou a mercadoria como ponto de partida para sua crítica à coisificação, é possível começar a análise pelo ritmo, um fenômeno aparentemente simples, mas carregado de significados. Na análise dos ritmos, Lefebvre atualiza a crítica de Marx à coisificação. No capitalismo, a mercadoria é determinante e transforma o tempo e o espaço em produtos regulados pelo ritmo da acumulação. O trabalhador, enquanto coisa que produz coisas, é subordinado e dominado a uma temporalidade linear e repetitiva em função da necessidade do ritmo acelerado do crescimento econômico e do aumento da produtividade.

Lefebvre nos mostra que a tensão permanente entre o tempo linear e o ciclo não é nada além do conflito existente entre a sociedade moderna, baseada no crescimento econômico, e a natureza. O tempo acelerado da produção domina o tempo cíclico, o que leva à atual crise ambiental. Também pode-se dizer que o tempo linear domina o corpo do trabalhador, sua natureza, mas, como disse Lefebvre (1967), o corpo é um irredutível. Desse modo, essa contradição dos tempos se manifesta nas tensões entre o planejamento urbano e a reinvenção do tempo pelas populações da periferia na celebração de festas comunitárias e ocupações.

A complexidade dos ritmos não pode ser capturada por interpretações dualistas, por isso Lefebvre propõe uma perspectiva dialética triádica, incorporando a energia, além do tempo e do espaço. Essa abordagem possibilita a compreensão das diversidades de temporalidades que se combinam de forma desigual no espaço social, como é próprio da sociedade brasileira, na qual o moderno e o tradicional estão presentes não como antagônicos, mas como elementos que coexistem em conflito permanente e que dá um aspecto original ao ritmo do processo histórico da sociedade brasileira gerando desigualdades: o tempo e o ritmo da grande indústria moderna e o tempo cíclico do camponês, da terra e da natureza.

O cotidiano é repleto de ritmos diversos, e nele se encontram e se desencontram o tempo cíclico e o tempo linear. O ritmo não é apenas uma sucessão de eventos repetidos, é um fenômeno complexo, no qual a repetição

se combina com a variação e a diferença. Há, na perspectiva de Lefebvre, apesar das tensões, uma unidade dialética entre espaço e tempo. “O tempo e o espaço, o cíclico e o linear têm essa ação recíproca; eles se medem um pelo outro; cada um se faz medindo-medido; tudo é repetição cíclica através das repetições lineares.” (Lefebvre, 2021, p. 59)

A análise dos ritmos envolve um conjunto de categorias que se complementam e se opõem, estas são: repetição e diferença; mecânico e orgânico; descoberta e criação; cíclico e linear; contínuo e descontínuo; quantitativo e qualitativo.

Dessas categorias, quem se dispõe a abordar a questão do tempo não as utiliza todas. Lefebvre insinua que, muitas vezes, o analista do tempo fica prisioneiro das dualidades, pensando essas categorias em pares, o que limita a análise da riqueza e das variedades, dos desencontros e contradições da diversidade dos tempos. Para ele, a dialética não é dialógica, mas triádica (três termos), como o demonstrou em outras obras, principalmente na Metafilosofia, e agora reforça ao tratar da ritmanálise. “Apostava-se na oposição burguesia-proletariado, a dois termos, omitindo-se o terceiro: o solo, a propriedade e a produção agrícolas, os camponeses, as colônias com predominância agrária”. (Lefebvre, 2021, p. 63. Grifos do original.).

Lefebvre diz que o método dualista se deriva das oposições ideológicas e metafísicas (deus e o diabo, o bem e o mal, etc.), e a análise, por isso mesmo, torna-se unilateral. Como Hegel e Marx, afirma que a análise que segue o esquema hegeliano tese-antítese-síntese é triádica, o mesmo que é a perspectiva de Marx de “econômico-social-político” ou, ainda, “tempo-espaço-energia”, e também “melodia-harmonia-ritmo”. A análise dualista não consegue chegar a uma síntese. (Lefebvre, 2021, p. 64).

Os tempos sociais mostram possibilidades diversas, contraditórias: atrasos e avanços, reaparições (repetições) de um passado rico (aparentemente) e revoluções que introduzem bruscamente um novo conteúdo e, às vezes, modificam a forma da sociedade. (Lefebvre, 2021, p. 67)

Os tempos históricos são às vezes lentos ou acelerados, o que depende não só dos poderes, mas também da perspectiva do historiador ou do analista. No sentido genérico, as mudanças sociais, em uma determinada sociedade,

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

ocorre quando, segundo Lefebvre, um grupo social imprime um ritmo ao processo histórico, isto é, quando a classe se põe em movimento, indo além da repetição e criando o novo. O grupo social se torna inovador e produtor de sentidos. Mas não é uma inovação imediata, é um processo (ritmo) lento, até que as inovações sejam percebidas.

Henri Lefebvre destaca que o olhar e o intelecto são capazes de apreender aspectos significativos da realidade, especialmente no que diz respeito ao cotidiano e aos ritmos que o compõem. Para ele, o ritmo é um fenômeno que surge da interação entre lugar, tempo e dispêndio de energia. Essa interação se manifesta em três dimensões principais: a repetição de gestos, atos e situações; a interferência entre processos lineares e cíclicos; o ciclo de nascimento, crescimento, apogeu, declínio e fim. Esses elementos revelam a complexidade dos ritmos sociais, que não são meras repetições mecânicas, mas processos dinâmicos carregados de significados.

A noção de ritmo, segundo Lefebvre, exige a consideração de conceitos complementares, como polirritmia, eurritmia e arritmia. A polirritmia refere-se à coexistência de múltiplos ritmos, como os que ocorrem no corpo humano ou na vida cotidiana. Basta observar o próprio corpo para perceber essa multiplicidade de ritmos que se entrelaçam. Já a eurritmia descreve a harmonia entre esses ritmos, característica de um estado de saúde ou de uma cotidianidade normatizada. Quando essa harmonia se desfaz, surge a arritmia, associada ao sofrimento e a estados patológicos. Nesse caso, a desarmonia dos ritmos é simultaneamente sintoma, efeito e causa de desequilíbrios.

Lefebvre também enfatiza que o saber derivado da experiência vivida tem o poder de transformar o próprio vivido, mesmo que de maneira não consciente. Essa ideia sugere que a reflexão sobre os ritmos cotidianos não é apenas uma análise teórica, mas uma prática que pode alterar a forma como vivemos e percebemos o mundo. Ao escutar atentamente os ritmos do corpo e do ambiente, é possível identificar tanto a harmonia quanto as dissonâncias que caracterizam a vida social.

Nesse sentido, a observação crítica da vida cotidiana e seus ritmos é um método de interpretação, compreensão e explicação do social. Lefebvre (2009) explicita isso ao dizer que o cotidiano é um fio condutor para compreender a sociedade. O cotidiano se apresenta, a princípio, banal e repetitivo, e certamente o é, se nos determos apenas no aparente, daí a indiferença dos cientistas sociais, que preferem análises de longo alcance, e o estudo dos grandes processos históricos.

Nas ruas, o fluxo de pessoas cria uma narrativa urbana dispersa e fragmentada através de seus diferentes ritmos, mas, como diz Certeau (1994), não conseguem lê-lo porque nele estão imersos; ou, como disse Martins, o homem comum é um ser dividido, alienado, que é o protagonista da história, mas não sabe disso, e fica enredado nas repetições do ir e vir. Ele é o homem simples (Martins, 2008) e marginal (Fernandes, 2007). É o ser que está em crise, e essa crise se expressa na vida cotidiana, que é o espaço da invisibilidade, da repetição, porque as revoluções, segundo os cientistas sociais, estão na esfera do Estado e da política, isto é, longe das miudezas e da miséria existencial. Entretanto, no sentido lefebvriano, é na repetição da vida quotidiana que está o possível, o novo, as inovações sociais e a revolução social.

Uma vez suprimidos o trabalho, as técnicas, a cultura e a ética, o que resta?, pondera Lefebvre (2009). O que resta é a matéria humana, um resíduo que é ao mesmo tempo totalidade – seus ritmos e desejos, seus tempos, conflitos e contradições – seus espaços. Mas, ainda assim, o que foi dito não é suficiente para definir a vida cotidiana. Devemos buscar seus determinantes, e é isso que Lefebvre propõe. Para isso, ele utiliza os conceitos de signos, sinais e símbolos que invadem e interferem no nosso cotidiano. Dos três, os signos são os mais simples, porém impõem um ritmo: o semáforo vermelho que nos impede de passar, a linha contínua ou tracejada nas estradas que ordena o trânsito de veículos. Os sinais guiam nosso comportamento e são um pouco mais complexos. Um aperto de mão, uma janela aberta, uma porta fechada, um chapéu, uma gravata ou um bom dia para alguém. Uma porta aberta para alguns pode significar que a entrada é gratuita; para outros, um mistério a ser revelado ou talvez uma armadilha ou um perigo. Os signos são ambíguos e abertos, com significados variados. Se não somos estrangeiros, sabemos ler as placas que enchem as ruas da cidade, embora o fato de ser estrangeiro em uma cidade estranha possa favorecer uma compreensão diferente, e talvez mais rica, dos significados desses signos. Alguns autores descreveram esse tipo de observador como marginal, não no sentido comum do termo, mas do ponto de vista teórico formulado por Park (2000), Simmel (2005) e Florestan Fernandes (2007).

A observação da vida cotidiana, com seus ritmos e tempos desencontrados, exige não apenas sensibilidade e imaginação sociológica, mas também um trabalho artesanal, cuidadoso e criativo. É no cotidiano, como destaca Pais (2013), que podemos desvendar os significados e os conhecimentos presentes

nas interações sociais. O sociólogo, ao se dedicar a decifrar os enigmas do dia a dia, precisa estar atento aos detalhes aparentemente insignificantes: os boatos, os apelidos, as propagandas, as placas nos veículos e tantos outros elementos que compõem o tecido social. Essa atenção ao que está ao redor permite capturar fragmentos do cotidiano, registrando, observando, entrevistando e coletando informações, documentos, fotografias e imagens. É a partir desses pequenos detalhes, muitas vezes negligenciados, que o sociólogo pode revelar as contradições e produzir conhecimento científico.

Para realizar essa tarefa, é fundamental adotar uma postura de artesão, seguindo a tradição inaugurada por Mills (2009), que combina o saber e o fazer de maneira única. Essa abordagem aproxima o pesquisador do cotidiano, utilizando a experiência vivida como objeto de interpretação sociológica. O sociólogo, assim como o artesão, transforma observações em obras, recriando o que vê e vive. Para isso, é preciso ter "fome de rua", como sugere Pais (2013), ou seja, uma disposição para observar tudo o que acontece ao redor, com criatividade e sensibilidade.

1. UM RITMANALISTA NA CIDADE DE PELOTAS

Ao caminhar pelas ruas de Pelotas, no sul do Brasil, torno-me um ritmanalista, um observador atento dos ritmos urbanos que se entrelaçam na arquitetura, nos fluxos de pedestres, nos encontros e desencontros cotidianos. Pelotas, com seu passado escravista e sua posição periférica no capitalismo brasileiro, já foi objeto de estudo de renomados sociólogos, como Fernando Henrique Cardoso, que investigou a transição da aristocracia escravocrata para uma classe moderna capaz de estruturar novas relações de trabalho. Mas há outras formas de ler essa cidade, outras maneiras de decifrar seus enigmas. A ritmanálise, como propõe Henri Lefebvre, oferece um olhar diferenciado para compreender os tempos que se cruzam na paisagem urbana e nas práticas cotidianas.

O ritmo da cidade se expressa não apenas em suas materialidades, mas também nos hábitos e encontros que estruturam a vida social. Nos cafés da cidade, especialmente no icônico Café Aquários, os ritmos se interrompem em conversas prolongadas. Ali, aposentados, intelectuais e figuras políticas compartilham discussões sobre futebol, política e memórias da cidade. É um espaço onde o tempo desacelera, permitindo que a oralidade e a tradição se perpetuem. Tornando patrimônio cultural e imaterial em 2017, esse café é

um ponto de convergência no qual o passado e o presente dialogam, onde a cidade se narra a si mesma em pequenas doses de café e histórias.

A dialética dos ritmos urbanos se revela nos diferentes usos da cidade ao longo da semana. Nos dias úteis, Pelotas pulsa em um compasso acelerado: trabalhadores seguem trajetos repetitivos entre casa e emprego, veículos dominam as ruas, e o tempo é medido pelo relógio, submetido à lógica produtivista. No entanto, nos finais de semana e feriados, o ritmo se transforma. O pedestre, que antes se movia apressado, agora percorre a cidade em um tempo contemplativo. Praças se enchem de famílias e casais, as feiras de rua tornam-se espaços de sociabilidade, e o Lagoa dos Patos, com suas margens tranquilas, convida ao lazer. A cidade se reinventa no descanso, e os ritmos ordinários se suspendem momentaneamente para dar lugar a um tempo qualitativo, de experiências sensoriais e afetivas.

Mas nem todos acompanham esse ritmo oscilante entre produção e lazer. Pelotas, como qualquer cidade contemporânea, abriga tempos sociais divergentes, que coexistem e se chocam.

O caminhar, nesse contexto, revela-se como um ato de resistência à temporalidade imposta pela modernidade. Caminhar em Pelotas é experimentar essa dialética entre repetição e variação. O mesmo trajeto nunca é idêntico: a luminosidade muda, os sons se alteram, novos personagens ocupam as esquinas, e a própria cidade se desloca em sua memória e em suas transformações.

A cidade é um palimpsesto rítmico onde os tempos se sobrepõem, se confrontam e se reconfiguram. E é na escuta atenta desses ritmos — nos barulhos dos mercados, no silêncio das ruínas, no fluxo das conversas e no compasso dos passos — que o ritmanalista decifra a cidade. Pelotas, em sua materialidade e em seus fluxos, se revela como um espaço onde a história e o presente coexistem em uma coreografia complexa e dinâmica, sempre em movimento, sempre aberta à interpretação.

Ao caminhar, o corpo se entrelaça com o espaço da cidade, e seus ritmos se confundem e se misturam. É no corpo que os ritmos da cidade se expressam, mas, ao se diferenciar dele, o espaço torna-se um meio, um lugar de passagem, um trajeto repetido diariamente entre o trabalho e o lar. No entanto, esse espaço se transforma nos dias em que os ritmos cotidianos são interrompidos. Nos finais de semana e feriados, o pedestre desacelera, detém-se para observar a paisagem e percebe a cidade de uma maneira distinta. Nesses momentos, a cidade se revela em sua plenitude, convidando

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

à contemplação e à redescoberta. Ele reforça que "nada é imóvel", pois a cidade pulsa em seus ritmos próprios, no som do vento que percorre as ruas, na chuva que bate nos telhados e no murmúrio das multidões que transitam pelas calçadas.

O ritmanalista, como nos ensina Lefebvre:

Escutará o mundo e, sobretudo, o que se chama desdenhosamente de barulhos, ditos como sem significação, e os rumores, plenos de significação – por fim, ele escutará os silêncios. [...] Ele escuta – primeiro seu corpo; nele aprende os ritmos para, em seguida, apreciar os ritmos externos. (Lefebvre, 2021, p.73. Grifo do original.)

O caminhar revela essa dialética entre os ritmos do espaço e os ritmos dos corpos, entre o fluxo das multidões e os momentos de pausa e reflexão. Essa prática cotidiana de interação com o espaço urbano permite ao observador perceber as transformações da cidade, captando as marcas do tempo inscritas em suas ruas, edifícios e na rotina de seus habitantes.

Em Pelotas, cidade de ritmos diversos, o caminhar conduz por camadas históricas sobrepostas. O passado colonial e escravista está impresso nas construções do centro histórico, nos casarões preservados e nas ruínas das antigas charqueadas. O tempo da cidade industrial ecoa nas fábricas desativadas, onde, outrora, operários desempenhavam funções repetitivas ao ritmo das máquinas. Já o tempo da modernidade se manifesta nas avenidas largas, nos novos condomínios fechados e nos shoppings, com o consumo ditando o compasso da vida contemporânea. A cidade se transforma constantemente, mas os resquícios dos tempos passados ainda sussurram através de seus escombros

A observação dos ritmos urbanos também revela as desigualdades sociais. No centro da cidade, cruzam-se diferentes tempos e experiências: o andar acelerado de quem tem um destino certo contrasta com o ritmo vagaroso dos idosos que passeiam sem pressa, dos ambulantes que vendem mercadorias e dos trabalhadores informais que sobrevivem à margem da economia formal.

Caminhar permite captar as experiências dos habitantes, de quem se apropria do espaço urbano tanto para o deslocamento utilitário quanto para a fruição. Le Breton (2014) enfatiza que caminhar não significa zombar

da modernidade nem se afastar dela; é apenas uma maneira particular de se situar na cidade e compreender seus fluxos. Caminhar é uma forma de habitar e refletir sobre o espaço urbano, revelando as tensões entre tradição e modernidade, entre pressa e contemplação.

A cidade se descobre pelos pés. Caminhar, ele mesmo um modo particular de ritmo, é um ato de pertencimento, de enraizamento no espaço urbano. É nas ruas que os laços sociais se formam, que memórias são reativadas e que a cultura urbana se manifesta. A cidade pertence a quem a percorre, pois o ato de caminhar é também um ato de conhecer, reconhecer e, sobretudo, viver a cidade em seus múltiplos ritmos.

2. A MODO DE CONCLUSÃO

Foi minha intenção, neste capítulo, chamar a atenção para a vida cotidiana como um momento de reflexão sociológica dos ritmos da vida social e as interações com o espaço urbano. A caminhada, enquanto método, e o estranhamento causado pelo olhar do estrangeiro servem de ferramentas para perceber a diversidade de atores sociais que se cruzam nas ruas. São figuras que, mesmo sem intenção, conferem sentido ao espaço urbano, criando um mosaico de ritmos e experiências que se justapõem.

Através dessa abordagem, busquei demonstrar como os ritmos urbanos são múltiplos e contraditórios, refletindo tanto as dinâmicas do trabalho e do consumo quanto os momentos de pausa, contemplação e resistência. Cada esquina, praça ou calçada contém histórias entrelaçadas, fragmentos de tempos distintos que coexistem e se resignificam continuamente.

O caminhar permite não apenas observar a cidade, mas compreendê-la como um espaço de disputa e de transformação. Ao acompanhar os fluxos urbanos e perceber suas variações, o pesquisador se depara com os conflitos entre modernidade e tradição, aceleração e lentidão, exclusão e pertencimento. O espaço urbano não é neutro, é resultado das interações humanas, das desigualdades sociais e dos usos diversos que se fazem dele.

Assim, a caminhada, expressão do ritmo do corpo, configura-se como uma forma de investigação sensível, uma prática que permite captar os ritmos da cidade e refletir sobre os modos de vida que nela se desenrolam. A cidade é feita por aqueles que a habitam, e seu ritmo é resultado das múltiplas relações que nela se estabelecem. Portanto, entender os ritmos urbanos é compreender as dinâmicas sociais que moldam o cotidiano e, possivelmente, vislumbrar

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

caminhos para a revolução social, como emergência do novo e do possível, como ruptura da repetição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v. 1: Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERNANDES, Florestan. Tiago Marques Aipobureu: um Bororo marginal. *Tempo Social*, São Paulo, v.19, n.2, p.293-323, nov. 2007 [texto original de 1945]. DOI: 10.1590/S0103 20702007000200012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12557>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. 2. ed. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1994.
- LE BRETON, David. *Caminar: elogio de los caminos y de la lentitud*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2014.
- LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia: prolegômenos*. Tradução de Roland Corbisier. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967. (Coleção Perspectivas do Homem, v.22).
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 2009.
- LEFEBVRE, Henri. *Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades*. Tradução de Flávia Martins e Michel Moreaux. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, jan./jul. 2013. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/24>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- PARK, Robert. Las migraciones humanas y el hombre marginal. Scripta Nova, *Revista Eletrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, n. 75, 2000. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-75.htm#LAS%20MIGRACIONES%20HUMANAS%20Y%20EL%20HOMBRE>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- SIMMEL, Georg. O estrangeiro. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 4, n. 12, p. 350–357, dez. 2005. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Disponível em: <https://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv4n12dez2005.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

AUTORES

Ana Fani Alessandri Carlos

É professora sênior do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Brasil. Sua pesquisa se debruça sobre a produção social do espaço, como categoria central para a compreensão do mundo moderno, o que situa seu trabalho na confluência de várias disciplinas. Ganhou vários prêmios, entre eles o Jabuti, com o livro *Espaço-tempo da vida cotidiana da metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. (São Paulo: Editora Contexto, 2001); o Geocrítica, da Universidade de Barcelona; o Manuel Correia de Andrade, do Programa Brasileiro de Pós-Graduação em Geografia. É cátedra de pesquisa ÉlyséeReclus, Mexico, e coordena dois grupos de pesquisa de Teoria Urbana Crítica no Instituto de Estudos avançados (IEA-USP) e Grupo de Estudos sobre São Paulo no Departamento de Geografia da FFLCH-USP.

Carlos Roberto da Silva Machado

Professor na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em Políticas Públicas da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), do qual foi coordenador de 2015 a 2017 e de abril a dezembro de 2024. Nos últimos 13 anos, pesquisa conflitos ambientais e urbanos e mantém relações e intercâmbios com pesquisadores portugueses, uruguaios, cubanos e brasileiros. Coordena o Observatório dos Conflitos Urbanos e Ambientais, que mapeia esses conflitos na região extremo sul do Brasil e Uruguai. Temas de pesquisa: políticas educacionais na cidade (dissertação, 1999, e tese, 2005), conflitos socioambientais, processos de produção e re-produção social e ritmos, a partir de Henri Lefebvre, e de uma educação ambiental para a justiça ambiental.

Luiz Menna-Barreto

Professor titular aposentado, colaborador sênior da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (EACH-USP). Vem da área biológica, graduado em Ciências Biológicas Modalidade Médica pela Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto e com mestrado em fisiologia naquela unidade. Mudou-se para o campus Butantã da USP, em São Paulo, para o doutorado em fisiologia. Até essa etapa, sua atuação foi em experimentos envolvendo manipulações do sistema nervoso em modelos animais. Nessa época (anos 1970-1980), uma nova área da biologia, a Cronobiologia, estudo dos ritmos biológicos, despertou seu interesse, e desde então Menna vem se dedicando

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

a ela. Foi contratado como docente do Departamento de Fisiologia do Instituto de Ciências Biomédicas da USP e, procurando rumos para um pós-doutorado no qual fosse possível estudar cronobiologia em humanos, descobriu o laboratório de Hubert Montagner, da Faculdade de Ciências de Besançon, na França. Estudou lá por cerca de dois anos e, ao retornar ao Brasil, organizou o Grupo Multidisciplinar de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos. Esse grupo permanece ativo, tendo sido transferido para a EACH em 2004.

Michel Moreaux

É geógrafo, mestre em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2013, e doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2020, com a tese *Espaço e ritmo: estudo das práticas dos artistas de rua como formas de apropriação do espaço público*.

Nelson Marques

Graduado, bacharel e licenciado em Ciências Biológicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP). Mestre e doutor em Bioquímica e Biologia Molecular pelo Instituto de Química da USP (IQ/USP). Pós-Doutorado em Cronobiologia pela Universidade de Minnesota, Estados Unidos. Tem especialização em Divulgação Científica e Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Fundador do Cineclubes Natal (2005) e da Associação dos Críticos de Cinema do Rio Grande do Norte – ACCiRN (2017). Criador e organizador dos festivais de cinema Goiápolis Audiovisual, Natal, RN (2007), e do Festival Internacional de Cinema de Baía Formosa (Finc), Baía Formosa, RN (2010). Editor, colaborador e organizador de livros sobre cinema e outras áreas desde 2008. Mais recentes: *Biologia sob influência: ensaios dialéticos sobre ecologia, agricultura e saúde* (tradução). São Paulo: Expressão Popular, 2022; *História da cronobiologia no Brasil e na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2023; *Historiografia dos cinemas do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2024; *Boletim Cine-Clube Tirol*, edição fac-similar, Natal, RN, Offset, Potiguariana, 2024; *Anchieta Fernandes, efemérides cinematográficas* (MARQUES, N. e ORENY JÚNIOR, orgs.), Natal: Gajeiro Curió, 2024. Colaborador de livros e revistas sobre cinema. Mais recentes: *Claquete Potiguar – experiências audiovisuais no Rio Grande do Norte*, Natal, Máquina, 2016; *Dossiê Uma antropo-sociologia de filmes “não recomendáveis”* (Partes I e II); *Cronos*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, RN, v. 19 n. 1 e 2, 2018 (publicado em 2019).

Raizza da Costa Lopes

É doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), na qual também obteve o título de mestra na mesma área. Possui duas graduações em Ciências Biológicas pela FURG — bacharelado (2010-2014) e licenciatura (2016-2019) — e concluiu, em 2025, sua formação em Letras – Português e Francês. Atuou como pesquisadora em projetos financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), com foco no fortalecimento da agricultura familiar no extremo sul do Brasil. Suas investigações se situam na interface entre educação e meio ambiente, adotando abordagens socioantropológicas, com especial atenção ao estudo de populações costeiras, em particular pescadores artesanais e agricultores familiares. Seu trabalho abrange categorias como conflitos socioambientais, território e desenvolvimento, e, mais recentemente, tem se dedicado a temas como os ritmos, o cotidiano, a aceleração e as catástrofes, visando ampliar o escopo de suas reflexões sobre as relações entre sociedade e meio ambiente.

Samuel Lopes Pinheiro

É pesquisador pós-doutorando (2025-2026) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG, Brasil) e a Université Catholique de l'Ouest (UCO, Angers, França). Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG, 2022), com período no Institut National Supérieur du Professorat et de l'Éducation (Instituto Nacional Superior de Formação de Professores e da Educação) vinculado à Universidade Paris-Sorbonne pelo Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES) e parceria com o laboratório Costech, da Université de Technologie de Compiègne (UTC). Mestre em Educação Ambiental (FURG, 2017), licenciou-se em Letras Português/Inglês (2013) e é Bacharel em Administração com ênfase em Comércio Exterior (2008). Atuou como professor substituto no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR) – campus Alegrete, entre 2023 e 2025, ministrando disciplinas de Língua Inglesa no Ensino Médio Técnico, Leitura e Produção Textual em Licenciaturas e cursos tecnológicos, Inglês Instrumental em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Filosofia da Educação para Licenciatura e Metodologia de Pesquisa na Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Publicou artigos em periódicos e livros no Brasil, na França, no Canadá, na Romênia e nos Estados Unidos, além

CONTRA O TEMPO DO CAPITAL

A ritmanálise de Henri Lefebvre e as revoltas do cotidiano

de participar de eventos científicos em diversos países. Desde 2019, é membro do Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires (CIRET – França) e, desde 2023, integra o Núcleo Interdisciplinario de Educación Ambiental desde el Este, da Universidad de la República (Uruguai). Seus interesses de pesquisa incluem abordagens transdisciplinares, temporalidades, antropoceno e diálogo de saberes. Atualmente, é co-editor da *Enciclopédia do Antropoceno*, publicada pela editora Springer. Atuou no ensino de Língua Portuguesa como língua de acolhimento para imigrantes senegaleses e haitianos, além de formação em yoga e filosofias orientais, que ampliaram sua perspectiva transcultural sobre as relações entre o ser humano e a natureza. Também acompanhou processos de transição ecológica de pequenos agricultores no Sítio Talismã (2009-2011), fortalecendo sua experiência em agroecologia.

William Héctor Gómez Soto

Concluiu a graduação em Economia pela *Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua* (Unan) em 1986, na qual também atuou como pesquisador no *Centro de Investigaciones y Estudios de la Reforma Agraria (Ciera)*, dedicando-se aos estudos da reforma agrária nicaraguense. Em 1991, defendeu sua dissertação de mestrado em Extensão Rural na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), analisando os impactos da reforma agrária na Nicarágua. Anos mais tarde, em 2002, concluiu o doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com uma tese sobre a produção de conhecimento no mundo rural, tendo como referência as obras de José de Souza Martins e José Graziano da Silva. Essa pesquisa foi reconhecida com o Prêmio de Melhor Tese de Doutorado pela Sober (Sociedade Brasileira de Economia Rural). Sua carreira acadêmica inclui passagens como professor na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) de 1992 a 2006, na qual se dedicou ao ensino e à pesquisa em desenvolvimento rural e questões agrárias. Docente e pesquisador na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) desde 2006, atuando no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Além disso, integra a *Red Internacional de Estudios sobre la Producción del Espacio* (Riepe), na qual colabora com pesquisadores que investigam as transformações espaciais e suas implicações sociais.



